A Ginarquia

Aline d'Arbrant

A Ginarquia

ensaio



Este ensaio foi publicado pela primeira vez em 1997 pela Diachroniques, Paris.

Ginarquia Internacional

Copyright © 2007 por Aline d'Arbrant ISBN
978-1-326-23594-9

Todos os direitos reservados

gynarchy.org

Para Valerie Solanas,
em memória das nossas conversas
nos bancos do Central Park.

A Ginarquia Índice

INTRODUÇÃO:
GINARQUIA: UMA REALIDADE UTOPICA?..... - 9 -

I - UMA TEORIA MILENAR E UNIVERSAL. . . . . - 11 -
II - A VIDA ANIMAL: UMA GINARQUIA NATURAL. . . . . - 11 -
III - A MULHER É O FUTURO DO HOMEM... . . . . - 15 -

PRIMEIRA PARTE:
DAS ORIGENS MATRIARCÁLIS
ÀS AMAZONAS MODERNAS . . . . . - 17 -

I - MATRIARCADO PRIMITIVO. . . . . - 19 -
II - AS AMAZONAS . . . . . - 21 -
III - DAS SUFFRAGISTAS À LIBERTAÇÃO FEMININA. . . . . - 27 -
IV - SOBREVIVÊNCIAS MATRIARCAL NO SÉCULO XX . . . . . - 28 -

SEGUNDA PARTE:
FEMINISMO, LESBIANISMO E GINARQUIA..... - 33 -

I - AS PRIMEIRAS FILÓSOFAS GINARCISTAS .. . . . . - 37 -
II - LÉSBICAS NA BATALHA . . . . . - 44 -
III - A HOMOSSEXUALOFILIA,
ou a atração pela homossexualidade inversa,
primeiro elemento subconsciente do pensamento ginarchista... - 47 - IV -
AS CORRENTES MODERNAS DO FEMINISMO
PENSAMENTO. . . . . - 49 -

TERCEIRA PARTE
MÉTODOS DE DOMINAÇÃO FEMININA
E ACESSO AO PODER . . . .

I - EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA . . . . . - 57 -
II- METODOLOGIA E SEMÂNTICA DA DOMINAÇÃO FEMININA .
. . . . . - 77 -

QUARTA PARTE
UM MUNDO MELHOR PARA AS MULHERES EM PLENO DESABROCHAR e homens disciplinados..... - 89 -

I - A TOMADA DO PODER POLÍTICO. . . . . - 91 -
II - POR UMA ADMINISTRAÇÃO EXCLUSIVAMENTE FEMININA DO EXÉRCITO, DA POLÍCIA E DAS PENITENCIÁRIAS.. . . . - 101 -
III - GINARCHIA E PLENO EMPREGO . . . . . - 106 -
IV - GINARCIA E ESPIRITUALIDADE. - DEIFICAÇÃO DAS MULHERES E OBJETIVAÇÃO DOS HOMENS. . . . . - 114 -

CONCLUSÃO
GINARCIA, UMA UTOPIA REALISTA . . . . . - 123 - NOTAS ..

. . . . . - 127 -

BIBLIOGRAFIA . . . . . - 139 -

INTRODUÇÃO

GINARQUIA: UMA REALIDADE UTOPICA?

I - UMA TEORIA MILENAR E UNIVERSAL

O homem sempre tentou superar a mulher. Durante certos períodos, ele até teve alguma sorte nesse sentido, particularmente durante a era cristã. Mas, desde o início até o fim dos tempos, a mulher reinou e será restaurada. A superioridade das mulheres é natural, conhecida por todos — até mesmo pelos animais, como veremos em breve. Quanto ao ser humano, que preferiu mascarar a realidade, primeiro como uma reação ao poder absoluto do feminino, depois como uma forma de obter prazeres invejosos nos poderes eclesiásticos e, finalmente, como uma forma de satisfazer o ridículo amor-próprio do macho da espécie e o seu ego ferido, a reconversão à Ginarquia, iniciada há séculos, está hoje na sua fase final, mesmo que alguns machos, em vão, tentem reflexivamente atrasá-la um pouco.

O poder absoluto da Mulher, a Ginarquia, não é uma mera utopia, outrora estabelecida em tempos míticos ou históricos, para a felicidade de todos (a primeira parte deste trabalho). É também uma realidade. Mas, como sempre teve apoiantes e militantes convencidos (segunda parte), é uma utopia, ou uma sociedade ideal, um El Dorado, com partes restantes que devemos construir. As suas práticas, teorias, filosofia, métodos de ação e persuasão serão publicados, conhecidos e resumidos, e aplicáveis em termos práticos (terceira parte), trazendo felicidade à espécie humana e dando-lhe uma esperança real hoje para uma vida melhor e uma existência melhor amanhã.

II - VIDA ANIMAL: UMA GINARQUIA NATURAL

A ginarquia é a lei da Mãe Natureza. Uma reflexão sobre

os hábitos de vários animais contemporâneos fornecerá provas suficientes disso...
Como introdução, indicamos o louva-a-deus, cujo nome, no uso normal, lembra a femme fatale, a mulher que elimina ou devora o homem após usá-lo. Todas as mulheres, todas as fêmeas, são mais ou menos louva-a-deuses. Os ginarquistas contemporâneos sabem disso muito bem, mas não é apenas esse inseto fêmea que sustenta a sua tese. Na verdade, muitos animais escolheram a ginarchia ou se submetem naturalmente ao domínio feminino.

A) Sobre a femme fatale e a devoradora feminina

Na família das aranhas, a diferença de tamanho entre os «parceiros» de cada sexo é tão pronunciada que, na maioria das vezes, a fêmea tende a confundir o minúsculo macho com a sua presa. Além disso, durante os preliminares, este último deve aproximar-se da sua bela, de chapéu na mão, para não acabar com a carapaça esmagada.
A cópula dura menos de meio segundo, e é do interesse do macho sair rapidamente. Mas muitas vezes a fêmea, que é maior e mais rápida, não lhe dá essa chance.

B) Castração e morte: as consequências do desejo masculino.

A vagina ina dentata não é um mito usado por masoquistas ou ginarquistas em argumentos científicos de má qualidade. Na família das abelhas, por exemplo, a rainha virgem exala um perfume afrodisíaco. Isso atrai o sujeito/escravo, que vem para realizar o ato sexual. Então, a rainha castra aquele que a profanou e o castra. O pénis arrancado durante esse acasalamento permanece nos órgãos genitais da rainha, morto e castrado.

C) *Liberdade sexual para a mulher*

Depois de pôr os ovos, a fêmea do albatroz deixa o seu companheiro para cuidar deles até que eclodam. Liberta das tarefas maternas, ela pode então acasalar com outros machos, a fim de garantir melhor a sobrevivência da sua linhagem. Inúmeras espécies de aves exibem comportamento semelhante: assim, entre as emas, os kiwis e os casuares, apenas o macho cuida da construção do ninho, da incubação dos ovos e da criação dos filhotes.

D) O retorno freudiano do macho ao sexo feminino. A fêmea da bonellia (uma espécie de verme marinho) se alimenta com a ajuda do seu tentáculo. O macho fixa-se ali no estado larval e, em seguida, insere-se na abertura genital da fêmea para fertilizá-la. Ele permanece ali até o fim da sua vida. Não é este, no fundo, o sacrifício inconsciente para o qual todos os machos são atraídos, incluindo o macho humano: o retorno, desde a adolescência, ao útero?

Lembramo-nos de Bernard Blier e dos seus pequenos companheiros sexistas em Calmos, o filme do seu filho, a terminar os seus dias numa caverna vaginal e escatológica.

E) Os direitos parentais dos símios são ginárquicos

Os humanos devem recorrer a um juiz para obter o divórcio e a custódia dos filhos, embora nos EUA e na maior parte da Europa as mulheres sejam bastante privilegiadas pelo sistema; mas com os símios, que não têm juízes, a mulher decide tudo.

Para os orangotangos, por exemplo, o macho deve pedir permissão à mãe apenas para tocar nos recém-nascidos. A fêmea babuíno confia seu bebê a um macho e não se preocupa com a amamentação. Se ele demora a assumir seu fardo,

o pai geralmente recebe uma bronca séria.

F) Uma ginocracia multirracial

Como começámos com os insetos, vamos terminar com os insetos e com uma grande lição de humildade, ensinada por certas fêmeas de pirilampos.

Elas não se preocupam, como certos humanos, em escolher os seus machos exclusivamente da sua própria espécie. Pelo contrário, elas sabem imitar os sinais luminosos emitidos pelas suas colegas de espécies vizinhas, para que possam atrair os machos dessas espécies. Mas elas fazem isso não para usar os machos normalmente, para procriação, mas sim para abusar deles e comê-los.

A ginocracia, portanto, é um fenómeno genuinamente NATURAL, favorecido pela Deusa Mãe. E mesmo que ele pense em si mesmo em termos espirituais puramente abstratos, sabe-se desde Darwin que o homem tem origens animais, e a lei matriarcal é evidenciada nesta linhagem não humana. Assim como o passado foi ginocrático, o futuro também o será.

III - *A MULHER É O FUTURO DO HOMEM.*

O homem é incapaz de se justificar, nem mesmo a sua própria existência: sem a Mulher, ele não é nada. Ele não pode entrar no mundo, sobreviver nele, reproduzir-se, nem mesmo esperar ter a menor felicidade nele.

No momento em que ele finalmente percebe que seguiu um caminho totalmente errado durante os séculos em que deteve o poder, no momento em que

o mundo se encontra, graças a ele, à beira da explosão ou da desintegração, o homem deve finalmente abandonar o seu papel e humildemente entregar o seu destino às suas irmãs superiores.

Ele sabe que perdeu. As mulheres sabem que venceram. O mundo, finalmente, tem motivos para ter esperança. A ginocracia irá salvar-nos. Só ela pode salvar o mundo, o planeta e a espécie humana.

E este pequeno livro pretende ser a pedra angular do magnífico edifício que será construído.

PRIMEIRA PARTE

DAS ORIGENS MATRIARCÁLIAS ÀS AMAZONAS MODERNAS

I - MATRIARCADO PRIMITIVO

Jan-Jakob Bachofen [1] é um dos primeiros teóricos do matriarcado. Nas suas obras, ele provou que, desde os primórdios da humanidade, os homo sapiens pré-históricos viviam com medo, respeito e adoração pela Mulher. Os filhos homens primitivos eram naturalmente súbditos das suas mães. Quando os seus primeiros desejos de cópula surgiam na puberdade, as suas mães davam-nos, trocavam-nos ou vendiam-nos às mulheres que tinham escolhido para eles, mulheres que os tinham comprado ou conquistado através de provas de força ou coragem.

A autoridade feminina, instituída pela Natureza, induziu os homens, desde o início, a submeterem-se às mulheres, a caçarem e depois a trabalharem para elas, a servi-las e obedecer-lhes como suas superiores naturais, a temê-las e a adorá-las como magas omnipotentes em contacto com todas as divindades do mundo.

O primeiro homem, escravo da Mulher, era incondicionalmente submisso e feliz com a sua sorte privilegiada. Ele não pensava em libertar-se desse jugo legítimo (na verdade, não era um jugo, pois estava na ordem natural das coisas). Foi somente quando o seu desejo por propriedade e poder cresceu que ele começou a se rebelar; e começou a libertar-se da tutela feminina assim que tomou consciência da alteridade da mulher.

Só então o primeiro homem tornou-se um homem primitivo, perdendo no processo os valores naturais e divinos que a sua mãe e as suas companheiras femininas lhe tinham ensinado. A força bruta, a sede de poder e a sensação de que estava acima de todas as outras espécies levaram o processo à sua conclusão. O homem instituiu o desprezível sistema patriarcal.

Bachofen via as tragédias gregas como expressões da passagem da promiscuidade primitiva e do reinado das mães para o

patriarcado. Isso significaria que a nossa primeira «cultura» foi concebida com o único objetivo de legitimar um poder usurpado.
Simone de Beauvoir, no início do seu livro dedicado ao sexo superior [2], parecia condenar as teorias de Bachofen. No entanto, ela reconheceu mais ou menos a validade da sua tese: «... as crianças pertencem ao clã das suas mães e levam os seus nomes... A propriedade comunitária é então transmitida através das mulheres. (...) É assim possível considerar que, de um ponto de vista místico, a Terra pertence às mulheres.»
Desde tempos imemoriais, o homem percebeu o poder criativo da mulher e a sua alteridade: essas duas qualidades garantiram a sua preeminência e levaram o homem à rebelião: «Sendo ao mesmo tempo adorada e temida pela sua fecundidade, sendo diferente do homem e tendo o caráter perturbador de tudo o que é diferente, de certa forma a mulher mantinha o homem como seu dependente...[3]»
Françoise d'Eaubonne [4] (cf. infra) trouxe provas positivas da existência das Amazonas e da autenticidade do seu pensamento e da mensagem que transmitiram à humanidade. Pierre SAMUEL [5], um académico (*ver* também *infra*), acrescentou outros elementos e propôs novas pistas.

As amazonas podem ter sido, como mito, apenas a persistência da ordem matriarcal primitiva. Historicamente, como se pode ver nos primeiros escritos do historiador Diodoro da Sicília, elas expressavam uma resistência feminina à usurpação patriarcal.

II - AS AMAZONAS [6]

OS MITOS - Várias histórias mitológicas ou narrativas históricas falam sobre a existência de tribos de mulheres guerreiras. Nestas tribos, os homens são suprimidos à nascença ou, na melhor das hipóteses, mutilados, escravizados e designados para tarefas agrícolas e domésticas.

Diodoro da Sicília localiza essas tribos nos limites ocidentais da Líbia[7]. Ele afirma que elas também eram vizinhas das Górgonas, outra tribo de amazonas e suas ferozes inimigas. A rainha das Górgonas era Medusa. As amazonas eritreias que foram encontradas na Etiópia podem pertencer à mesma tribo[8].

Sob a liderança da sua rainha Myrina, uma tropa de vinte mil guerreiras e trinta mil cavalos conquistou a Atlântida. Lá, massacraram ou escravizaram para toda a vida todos os súbditos masculinos, um evento que pode ser a explicação para o desaparecimento mitológico deste povo: as mulheres atlantes juntaram-se às amazonas, enquanto os seus homens perderam as suas identidades, seja através do genocídio ou da escravidão permanente.

Ouvimos falar de outro povo amazona na mitologia grega, que vivia na Ásia Menor e cujo território se estendia do rio Termodonte até o sopé do Cáucaso. A sua capital era Temíscira. A sua rainha Hipólita foi morta por Hércules, durante o seu nono trabalho, para que ele pudesse ficar com o seu cinto (na verdade, o cinto pertencia ao seu pai, o deus Ares). Outra rainha, Pentesileia, durante o cerco de Tróia, fez com que Aquiles se apaixonasse loucamente por ela; isso, infelizmente, só depois de ele ter perfurado o corpo dela com a sua espada[9]. Segundo a tradição, houve também uma guerra entre os gregos e as amazonas citas, durante a qual as vitoriosas

acamparam em frente a Atenas, numa colina que dedicaram ao seu pai (daí a etimologia do nome atual da colina: Areópago).
As mesmas amazonas, mais tarde repelidas para além do Cáucaso, estabeleceram o seu império entre o Don e o Danúbio. Ali ficava a terra original do povo celta, que, além dos costumes matriarcais, emprestou delas o seu instrumento tradicional, a gaita de foles. Essas amazonas conquistaram países inteiros, como a Península Ibérica e a Albânia. Muitas mulheres desses países, segundo Marie-France Le Fel(10), juntaram-se a elas e levaram os seus maridos ou irmãos como escravos. Alguns homens colocaram-se voluntariamente sob o jugo dessas guerreiras ferozes. Em última análise, a maioria das mitologias menciona as amazonas. Isso deve demonstrar, com justiça, que não se trata de um mito. A fada celta e a valquíria germânica são ambas magas amazonas. A primeira, nos campos de batalha, guia os homens para a morte, a outra é capaz de se transformar em bruxa. Ambas são, evidentemente, entidades sobreviventes ou reminiscências de sociedades matriarcais(11). Antes de serem mitificadas, eram provavelmente tribos amazonas simples e pacíficas. Jacques Marcireau(12)adere a esta tese e dá a seguinte explicação científica e histórica:
Durante o matriarcado, as mulheres gozavam de autoridade. Com o advento do patriarcado, tornaram-se escravas. Esta reviravolta, no entanto, não ocorreu sem luta.
Não há dúvida de que a mulher foi derrotada. Mas alguns «bolsões de resistência» (como podemos chamá-los) foram constituídos, onde elas permaneceram senhoras.
Onde quer que fossem triunfantes, as mulheres constituíram essas nações femininas que são conhecidas sob o nome de Amazonas.
As Amazonas, ou seja, os estados constituídos por

aquelas mulheres que se rebelaram contra a autoridade masculina, só podem ser datadas da era patriarcal. As mulheres, onde quer que fossem vitoriosas, tratavam os homens com desprezo, tal como eram tratadas no resto do mundo.
São esses «bolsões de resistência» historicamente comprovados que vamos estudar agora.

HISTÓRIA - As mesmas e primeiras amazonas citas podem ser encontradas no século IV a.C. Uma das suas rainhas, Thalestris, liderando um exército de trezentas amazonas, foi ver Alexandre, o Grande, e pediu-lhe que a engravidasse, um pedido que ele aceitou de bom grado[13]. No século VIII d.C., a guarda da princesa boémia Libussa era composta por amazonas. Quando ela morreu, elas se recusaram a se submeter a uma autoridade masculina e se refugiaram, sob a liderança da bela Wlasta, no castelo de Diewin, desde então chamado de "O Castelo das Meninas". Depois de massacrar as tropas do novo rei da Boémia, elas rapidamente colonizaram os territórios vizinhos e promulgaram leis matriarcais, colocando os homens em escravidão legal. No século XIX, o dicionário Grand Larousse as descrevia assim:

Ela publicou um código, cujos três últimos artigos determinavam que os homens estavam proibidos de portar armas, sob pena de morte ; que só poderiam montar a cavalo com as pernas juntas e penduradas à esquerda do animal ; que quem ousasse aparecer de outra forma seria condenado à morte ; que os homens, independentemente da classe a que pertencessem, teriam de arar e realizar todos os trabalhos, enquanto as mulheres lutariam por eles ; que as jovens escolheriam os seus maridos por conta própria e que aquele que se arrependesse da escolha delas seria condenado à morte.

O enviado do rei, que veio pedir a sua submissão,

foi castrado e enviado de volta ao seu senhor. Wlasta reinou durante oito anos, ampliando fronteiras e reinstituindo o matriarcado por onde quer que passasse. No entanto, no final, o duque da Boémia levou a melhor sobre as Raparigas de Diewin [14].

No século XVI, nas proximidades da confluência dos rios Orenoque e Amazonas, os conquistadores avistaram uma tribo de mulheres guerreiras que os assustou e foi a causa do nome deste grande rio. A existência destas amazonas ainda era atestada em 1972 por Von Puttmaker, que descobriu grutas com pinturas que não deixavam dúvidas sobre a natureza dos costumes das habitantes femininas.

Eram lésbicas. Elas raptavam prisioneiros apenas para engravidar e sacrificavam os seus filhos homens e maridos efémeros numa espécie de altar, com um pequeno canal ao lado para deixar o sangue escorrer. O som de uma flauta acompanhava o acasalamento; os índios ocidentais têm memórias tão ruins disso que as suas mulheres são proibidas de tocar flauta [15].

No século XVII, uma tribo amazona foi descoberta na região do Cáucaso (portanto, muito perto do seu território original), as Emmetches.

No final do século XIX e início do século XX, em Daomé, a guarda real era composta apenas por mulheres guerreiras. Havia até vários exércitos. O mais temível, segundo a história, era o liderado pela cruel Agodjie, cujas amazonas bebiam o sangue dos seus prisioneiros coloniais antes de os matar.

Perto do reino de Dalmut, na Etiópia (portanto, próximo ao território das pré-históricas Górgonas), uma tribo amazona tem fama de extrema ferocidade.

No final dos anos 60, no século XX, uma

feminista norte-americana excepcionalmente inteligente e militante lésbica, Valérie SOLANAS, criou a S.C.U.M.[16]. Esta organização amazónica foi rapidamente proibida, tendo em conta os seus objetivos declarados e publicados: castrar e escravizar todos os homens, com um plano para os suprimir definitivamente após algum tempo e depois de terem armazenado esperma suficiente.

No entanto, a S.C.U.M. teve tempo suficiente para conquistar milhares de seguidoras, lésbicas, feministas ou simples apoiantes da supremacia feminina. Hoje, as organizações amazonas - como organizações de mulheres dominantes ou de homens masoquistas - expandem-se especialmente nos EUA (Femina Society) [17] ou na Europa (Gynarchy Club).

(Ver cartão: *O MUNDO DAS AMAZONAS ANTIGAS ATÉ HOJE.*)

SIMBOLISMO - Como mencionado acima, as amazonas míticas são um ressurgimento das sociedades matriarcais primitivas. Segundo Paul Diel, elas seriam o símbolo das mulheres que matam homens: elas querem substituir os homens, competir com eles lutando, em vez de complementá-los.

Esta análise parece demasiado precipitada. Parece preferível seguir a explicação histórica de Jacques Marcireau mencionada anteriormente (18) e a tese do Dictionnaire des Littératures, para o qual elas simbolizam a resistência aberta do matriarcado. [19]

De qualquer forma, segundo a mesma fonte, foram as amazonas que transmitiram à Igreja Católica o seu gesto de bênção (polegar, indicador e dedo médio levantados) e à realeza francesa o seu emblema (o lírio).



Amazonas no mundo:

LEGENDA:

1 : Amazonas da Cítia (Hipólita, Pentesileia), protohistóricas.
2 : Amazonas da Líbia (Myrina), pré-históricas.
3 : *Gorgonas* da Eritreia (Medusa), pré-históricas.
4 : Amazonas dos Cárpatos (Talestris), século IV.
5 : As *Raparigas* da Boémia (Wlasta), século IX.
6 : Amazonas do Orenoco, século XV.
7 : Amazonas do Novo Mundo, século XVI.
8 : Amazonas da Califórnia (Califia), século XV.
9 : Mulheres guerreiras de Daomé (Agodjié), final do século XIX.
10 : Mulheres guerreiras da Nova Guiné, meados do século XX.
→> : Possível migração das amazonas.
A : Desenvolvimento da estrutura das amazonas durante os séculos XX e XXI.

III - DAS SUFFRAGISTAS À LIBERTAÇÃO FEMININA

Desde tempos imemoriais, desde as amazonas até Dominique Voynet, houve algumas mulheres que reivindicaram a sua necessidade intrínseca de independência, de preeminência sociopolítica e a sua superioridade intelectual. Mas foi realmente no século XVII que esta tendência ginárquica se afirmou. Foi então a época do reinado cultural de Madeleine de Scudéry, Marie de Sévigné, Marie-Madeleine de La Fayette, todas infinitamente mais cultas e inteligentes do que os seus irmãos, amantes ou maridos, e dos reinados políticos de Catarina da Rússia e Cristina da Suécia [(20)], mais poderosas e sábias do que a maioria dos seus contemporâneos.

No século XVIII, o próprio rei Luís XV deu um exemplo de uma «ginocracia francesa» ao escolher uma amante que dominava a França enquanto o dominava a ele [(21)]. Por sua vez, a Sra. de Prie, a Sra. de Mailly, a Sra. de Châteauneuf, a Sra. de Pompadour e a Sra. du Barry governavam Luís XV; não havia praticamente nenhum ministro que não tivesse a sua mentora feminina [(22)]. Na véspera da revolução, Charles COLLE escreve, sobre as mulheres, que «elas têm tal domínio sobre os franceses, subjugaram-nos de tal forma, que os franceses só conseguem pensar e sentir depois delas».

Mas foi realmente no século XIX que começou esta «longa marcha» das mulheres, uma marcha que provavelmente atingirá o seu objetivo logo no início do século XXI. As mulheres contaram mesmo com o apoio de alguns homens esclarecidos: o positivista Comte impôs a adoração da Mulher pelo povo no templo da Humanidade, Prosper ENFANTIN [(23)]esperava de uma Mulher-Messias o advento de um mundo melhor e os seus

Companheiros da Mulher embarcaram para o Oriente em busca dessa Mulher-Salvadora que se assemelha bastante à nossa futura Soberana Ginarquista. Eugénie NIBOYER publicou a Voix des Femmes (Voz das Mulheres). George SAND defendia o amor livre. Flora TRISTAN acreditava que o povo seria redimido através da Mulher. Tudo isso levou às lutas sufragistas do início do século XX.

Em 1903, na Inglaterra, Emmeline PANKHURST criou a Woman Social and Political Union (União Social e Política das Mulheres), antepassada de todos os nossos movimentos feministas atuais, e organizou marchas em direção ao Parlamento e outros locais. Recorrendo frequentemente à provocação e à violência, as suas sufragistas acabariam por ganhar parcialmente a sua causa, mas após longas lutas.

(Veja o diagrama: *Evolução Ginarquista da Sociedade* na próxima parte.)

Posteriormente, em meados do século, inspirando-se na luta de Emmeline, foram criados o Movimento de Libertação Feminina nos EUA e o M.L.F. (Movimento para a Libertação da Mulher) na França. Kate MILLET [24]escreveu a sua Politique du mâle em 1970 e Valérie SOLANAS, uma lésbica ginárquica visionária, fundou a sua Sociedade para Cortar Homens [25](S.C.U.M.) no ano seguinte. Finalmente, a verdadeira ginarchia estava a caminho.

IV - SOBREVIVÊNCIAS MATRIARCAL NO SÉCULO XX

Alguns outros comportamentos femininos tornaram-se cada vez mais populares durante o século XX, em particular nos países industrializados. São semelhantes ao amazonismo ou ao matriarcado e provavelmente têm a sua origem nestes. A poliandria, em particular, teve um

forte retorno à moda.

Com efeito, durante os séculos machistas e obscurantistas, as mulheres contentavam-se em trair os maridos e/ou fazê-los aceitar a presença (nas suas casas ou nas camas matrimoniais) dos seus amantes ou pretendentes. Hoje em dia, elas optam cada vez mais, por vezes após um divórcio revelador, por recorrer à poliandria e fazer com que as suas escolhas sejam aceites pelos seus múltiplos parceiros, muitas vezes submissos [(26)]. Dezenas de homens submetem-se a estas exigências femininas, perfeitamente naturais, e fazem-no com prazer e gratidão. Para eles, estas exigências também são muito gratificantes.

Eles sabem que não são os únicos a terem permissão para dar prazer às suas Amas (nos dois sentidos da palavra), mas sentem orgulho e satisfação por essa situação. Orgulho porque tudo isso prova que a sua Ama é uma mulher desejável. Satisfação porque se sentem melhor dando prazer a uma mulher superior por um longo período de tempo do que tendo um prazer breve com uma mulher não ginárquica.

O sucesso do excelente livro de Wanda WEBB [(27)], que defende que as mulheres explorem as tendências masoquistas intrínsecas dos homens, é uma prova de que o mundo está a caminhar para uma ginocracia universal e irreversível.

As mulheres progressistas que escolhem este modo de vida estão a tornar-se mais numerosas e, por vezes, agrupam-se (algumas, no entanto, preferem a solidão e o anonimato e optam por viver a sua poliandria dominante numa base independente) em organizações ginarquistas que as ajudam a constituir eficientemente um harém masculino. Muitas senhoras ginarquistas juntam-se a clubes privados, etc.

O futuro, mesmo a curto prazo, pertence-lhes...

SEGUNDA PARTE

FEMINISMO, LESBIANISMO E GINARQUIA

I - AS PRIMEIRAS FILÓSOFAS GINARCISTAS

Não possuímos nenhum texto verdadeiramente ginarchista anterior à Idade Média, apesar das certezas que temos do alto nível de conhecimento de algumas civilizações matriarcais (como a dos etruscos) e do saber de algumas raparigas uterinas ou espirituais da Amazônia (de Safo em Libussa da Boémia, a lista seria longa). A transmissão das teorias e sistemas intelectuais, sociais, etc., que concediam preeminência à Mulher, era feita de forma oral. Os trovadores provinciais, que militavam a favor do estilo de vida educado, da submissão à Senhora, que não era outra coisa senão uma regra ginarchista delicadamente renomeada como amor romântico, não eram ao mesmo tempo os sucessores putativos do orador romano, feministas antes do seu tempo, que discursavam aos seus colegas no Fórum sobre as Mulheres, e, especialmente talentosos fantoches itinerantes e submissos, os intermediários de uma misteriosa filosofia feminina ginárquica medieval que distribuíam tanto quanto possível pelos castelos e aldeias?

Cornelius Agrippa [28] , foi um dos raros filósofos ginarquistas do Renascimento cuja obra sobreviveu. De facto, nos tempos iluminados da proto-história matriarcal, não parecia útil desenvolver uma hegemonia feminina, uma vez que esta partia de si mesma. Na sequência da rebelião masculina que triunfaria muito antes da era cristã, as novas religiões patriarcais, para impor a autoridade masculina, recorreram à força, à censura e à violência em conjunto [29] .
Lembra-se a terrível repressão provocada pela revolta das Amazonas da Boémia na Idade Média [30] . Nessa época, as mulheres, não tendo nem impressão nem

monges (ou escravos) copistas para divulgar as suas ideias ginarchistas (que, aliás, perderam muito rapidamente) e dar a conhecer a sua sede de emancipação, só podiam pegar em armas, como Wlasta, ou, quando eram suficientemente poderosas, eleger «escritores» educados [31] para recuperar o poder que lhes pertencia por direito. Mas, desde o final do século XVI, as mulheres rapidamente perceberam o poder da invenção de Gutenberg e tentaram usá-la em seu benefício. E os próprios homens, quando queriam agradar a algum soberano importante, tinham que oferecer-lhes textos que celebravam a sua preeminência.

Assim, foi para **Margarida da Áustria** [32] que o filósofo Cornelius Agrippa escreveu, em 1509, a sua obra ginarchista explicitamente intitulada: *«A Superioridade das Mulheres»* [33] .

Para provar de forma irrefutável essa superioridade feminina, ele incluiu na sua obra, subtitulada «Opúsculo medicado da nobreza e excelência do sexo feminino e da sua superioridade em relação ao masculino», argumentos e exemplos retirados da religião, das ciências naturais e das artes liberais. Faremos aqui apenas um resumo muito rápido e não exaustivo dos seus principais argumentos, que utilizavam todos os recursos de todas as ciências conhecidas, então, é claro, com uma forte conotação religiosa:

A ETIMOLOGIA, desde o início, devolve Adão à terra e Eva à vida [34]. Além disso, Adão nasce de uma bola de barro vinda sabe-se lá de onde, enquanto Eva nasce da própria vida.

A TEOLOGIA mais elementar atesta que o Criador, durante a Criação do Mundo, sempre iria do mais simples ao mais complexo [35] , do feio ao belo, do bruto ao acabado, da

imbecilidade ao inteligente. Naturalmente, a Mulher foi criada muito depois do homem, somente depois que o Criador percebeu a imperfeição intrínseca de Sua primeira criatura humana. Era necessário que Ele criasse a Mulher para que Deus finalmente julgasse Sua tarefa criativa concluída. A Mulher é, portanto, a última das criaturas, a coroa e o fim da Criação, a coroação perfeita do conjunto das obras do Grande arquiteto. Ela é a perfeição do universo [36] .

A GEOGRAFIA designa novamente a Mulher como privilegiada desde a sua criação. Se os campos em pousio eram suficientes para o homem, Deus preferiu criar a Mulher dentro de um Paraíso Terrestre.

A HISTÓRIA bíblica atesta que a maioria dos reis e alguns profetas colocam voluntariamente uma ou várias mulheres acima dos outros e de si mesmos [37] . E nós somos Não nos deixemos encantar pelas personagens Judith (que decapitou Holofernes depois de o ter seduzido), Athalie (que assumiu sozinha o poder), Salomé (que usou o seu charme para obter a cabeça do Batista) e tantas outras mulheres maravilhosas que a própria Bíblia elogia [38] ?

As CIÊNCIAS NATURAIS também contribuem para demonstrar que o corpo feminino é infinitamente mais completo e complexo do que o do homem. Só ele prepara o feto e só ele gera a criança. Os seus órgãos genitais e sexuais são infinitamente mais completos do que os do homem [39]. Por fim, a mulher é mais resistente à dor e vive muito mais tempo do que o homem.

PSICOLOGIA, PARAPSICOLOGIA E MAGIA também atestam a superioridade feminina. A virtude e a modéstia são qualidades das mulheres, e são essas mesmas mulheres que são as melhores profetisas e sibilas.

A FILOSOFIA não é apenas uma ciência em que as mulheres se destacam ((40)) ·mas também onde elas têm a vantagem, em caso de um fracasso impossível, de poder dominar o próprio filósofo por sua capacidade natural e intrínseca de sedução, como atesta o mito de Xântipe montando o filósofo escravizado.
Finalmente, após uma diatribe em oposição aos falsos filósofos masculinos inibidos pela moral patriarcal, Cornelius Agrippa conclui:

> *Para concluir e resumir da forma mais sucinta possível, afirmo que é chegada a hora de reconhecermos e proclamarmos a superioridade do sexo feminino: afirmo-a superior em consideração à etimologia, à ordem natural das coisas, à geografia, aos relatos que o exame da questão nos convida a estabelecer, e afirmo-a superior devido aos exemplos que reuni da religião, das ciências naturais e das artes liberais. Todas estas provas, bem como o apoio da razão e o testemunho de muitos autores, levaram-me a discernir que Deus, em todos os domínios, ofereceu às mulheres mais dignidade e mais qualidade do que aos homens.*

Outros filósofos também deram as suas contribuições, por vezes modestas, por vezes brilhantes, para o desenvolvimento da teoria conceptual da Ginarquia:

Guillaume Postel, ao mesmo tempo, anunciou a chegada de uma nova Eva, Todo-Poderosa, que regenerará a humanidade. Será que essa nova Eva se tornará a nossa primeira presidente ginárquica?

Marguerite de Valois, no seu discurso erudito e subtil, afirma com veemência, em oposição a todos os dogmas oficiais

da época, que há algo de divino na Mulher.

Marguerite de Navarre (1492-1549), buscando essencialmente a honra e a felicidade das mulheres, exalta a castidade e a submissão do seu amante à sua senhora. Não são estas as regras de ouro que o homem corretamente integrado ao sistema da Ginarquia deve seguir?

II - LÉSBICAS NA BATALHA

As lésbicas não só se sentiram imediatamente preocupadas com a luta feminista e o seu resultado inevitável, a ginocracia, como também participaram cada vez mais ativamente aqui e ali. Havia Valérie SOLANAS, uma das amazonas modernas, de quem já falámos e a quem voltaremos, as Gouineses Rouges, em Paris, nos anos sessenta... Hoje, a maioria das mulheres ginarquistas confessam algumas tendências sáficas, assim como, pelo contrário, a maioria das lésbicas militam a favor do poder absoluto das mulheres. Incontestavelmente, o futuro do mundo depende das lésbicas.

SAPHISMO, GINARCIA E LESBOCRACIA

Intenso e fantástico é o prazer sáfico... Tirésias, que viveu como mulher, confirmou isso no mito: se o prazer fosse dividido em dez partes, as mulheres teriam nove e os homens apenas uma. Não só o homem é incapaz, natural e essencialmente, de conhecer o prazer feminino, ou mesmo de se aproximar dele, como também é incapaz de imaginá-lo. Assim, ele só pode ficar fascinado pela maioria das vezes pelas lésbicas, resignar-se

a admirar e invejar, nas páginas congeladas das "revistas" masculinas, e passar a vida sonhando em ser admitido, de uma forma ou de outra, por um casal feminino.

Quanto à mulher, ela é atraída pelo saphismo pelo seu apelo natural, pelo desgosto pelo homem ou pela curiosidade, e não sente a necessidade de informar o homem do prazer estupendo e infinito que sente com uma ou várias outras mulheres, nem tem o desejo de que ele o partilhe. É por isso que a maioria das lésbicas exclui completamente o homem da vida íntima do casal que formam.

No entanto, elas abrem mão, ao mesmo tempo, das vantagens que poderiam ter com o fascínio que exercem sobre o homem inferior. Muitos grupos, jovens ou mais experientes, compreenderam isso e tornaram-se dominadoras dos homens [41], amantes, felizes e satisfeitas numa vida em que saboreiam os prazeres transcendentais do amor lésbico e, ao mesmo tempo, as alegrias da dominação feminina [42]).

Assim, pouco a pouco, como já sabemos, os homens aceitam, ou mesmo procuram, o jugo das mulheres, e a ginocracia é estabelecida. Ao mesmo tempo, e cada vez mais, as mulheres convertem-se ao saphismo ou, pelo menos, deixam de considerar o homem como seu único parceiro sexual. A longo prazo, portanto, são as lésbicas que vão tomar o poder e governar o mundo.

Deve-se considerar essa futura e provável Lesbocracia como uma ameaça à Ginarquia heterossexual que defendemos, ou como um ideal comunitário desejável, ou como a conclusão inevitável do processo evolutivo da sociedade humana? A humanidade era inicialmente matriarcal. Então os homens, motivados por seus vícios naturais que as mulheres apenas

identificavam mal ou não reconheciam, contestaram a sua superioridade e tomaram o poder [43], provavelmente pela força e pelo facto de serem em maior número (a poliandria natural da espécie humana incentivando essa desproporção).

Foi essa tomada de poder brutal que causou a criação das nações das Amazonas, que eram originalmente das mulheres que se revoltaram contra a opressão masculina. O homem nunca conseguiu acabar com essas mulheres «resistentes». Quando ele conseguiu derrotar uma tribo de Amazonas, uma nova se criou. Quando uma nação de mulheres era dizimada, sempre restavam algumas sobreviventes para levar a mensagem matriarcal de esperança para

mulheres em outros lugares. Os homens tentaram por todos os meios [44] combater essa vontade feminina de recuperar os seus direitos naturais. Ele quase conseguiu.

Mas foi precisamente quando a sua vitória parecia completamente assegurada, no início do século XX, que a «guerra dos sexos» recomeçou e que o poder masculino vacilou, para em breve cair inexoravelmente. Começou com as sufragistas, no início do século, depois com o feminismo dos anos 60 e os movimentos extremistas que ele gerou (as Gouines Rouges, as Bruxas [45] , a S.C.U.M. [46]) quase todos eram animados por fundamentalistas lésbicas [47] . Então, pouco a pouco, as dominadoras, as ginarquistas e algumas mulheres, independentes de qualquer ideologia, começaram a superar o homem e a dominá-lo ou a substituí-lo vantajosamente.

O homem, portanto, começa a tremer e a temer pelo seu poder. As suas reações a esse movimento, ao ritmo da irresistível onda, são diferentes de acordo com as suas culturas e personalidades. Alguns se defendem, como antes, provocando a Amazona, enquanto tentam por todos os meios manter as suas prerrogativas arcaicas (como no caso dos

fundamentalistas religiosos de todos os tipos, dos supostamente dominadores que se encontram assombrando, sem muito sucesso, as telas do minitel rosa, dos homossexuais que preferem permanecer com homens para se darem a impressão de não serem dominados pelas mulheres). Muitos não conseguem internalizar essa angústia das estruturas masculinas e, abdicando completamente, entregam-se ao álcool, às drogas ou ao suicídio. Outros, felizmente, assumem a sua derrota e, ou se tornam masoquistas (muitas vezes entregando-se temporariamente nas mãos de uma dominadora profissional, para receber as humilhações morais e as torturas físicas que consideram naturais e indispensáveis à sua condição masculina), ou, razoavelmente, entregam-se de corpo e alma a mulheres dominantes ou deixam-se escravizar voluntariamente por uma delas. Esses homens razoáveis, que estão a aumentar de forma fenomenal, tornam-se, ou procuram tornar-se, escravos de uma mulher ou de um casal de lésbicas.

Aqui estamos nós, na história da Ginarquia, mas somos forçados a notar que nada está terminado. Primeiro porque a vitória das mulheres, embora inevitável, ainda não está completamente assegurada. Segundo porque esta nova liberdade das mulheres (embora historicamente mais antiga) está em grande perigo por parte dos homens que carregam em si as sementes do totalitarismo. De facto, quando o homem for finalmente subjugado e a independência e hegemonia das mulheres se tornarem finalmente realidade, nada a impedirá de discernir a extensão do seu poder e as possibilidades globais totais que adquiriu.

Primeiro, no nível sociocultural: por que conceder alguma liberdade àquele que, mais ou menos voluntariamente, renunciou a ela, que está muito contente por ser privado dela,

e que a história demonstra ser incapaz de usá-la sem abusar dela em certa medida? É importante, então, não deixar o homem assumir, nem que seja no mínimo grau, qualquer poder. Mas como chegar a esse estado final? As únicas alternativas das mulheres: a eliminação pura e simples dos homens [48] ou, menos extremista, a sua rigorosa transformação física e psicológica, para criar uma raça irreversível de escravos, condicionados completamente a servir as mulheres e a nunca questionar o seu estado de ser como tal.

Então, no plano psicológico, é possível acreditar razoavelmente que, uma vez que o homem seja reduzido a um estado de escravidão e esteja feliz com o seu destino, as mulheres ficarão satisfeitas em usá-lo apenas como servo e produtor de bens de consumo. A tentação de abusar virá fatalmente e muitas mulheres dominantes de hoje já sucumbiram a isso. Em breve, cada mulher precisará de um escravo doméstico E um escravo financeiro, depois um escravo sexual E um bode expiatório, etc., assim que sentir desejo por isso. É uma das principais virtudes: a mulher cria as possibilidades. Assim, cada mulher se tornará uma pequena soberana doméstica e poliândrica, seja para um único parceiro sexual, seja para o chefe de uma pequena equipa de escravos masculinos. Então, à medida que a sua vida se transforma no que diz respeito ao seu conforto e bem-estar, a sua criatividade, inteligência e energia provavelmente serão aperfeiçoadas novamente.

Finalmente, no plano sexual, como se viu anteriormente, as mulheres, uma vez que terão direito a isso, provarão todos os prazeres sexuais e, mais cedo ou mais tarde, também os do lesbianismo [49]. Todas se tornarão então inevitavelmente adeptas do

safismo e especialistas nas suas artes tão femininas e tão gratificantes [50] no que diz respeito ao prazer físico. Depois

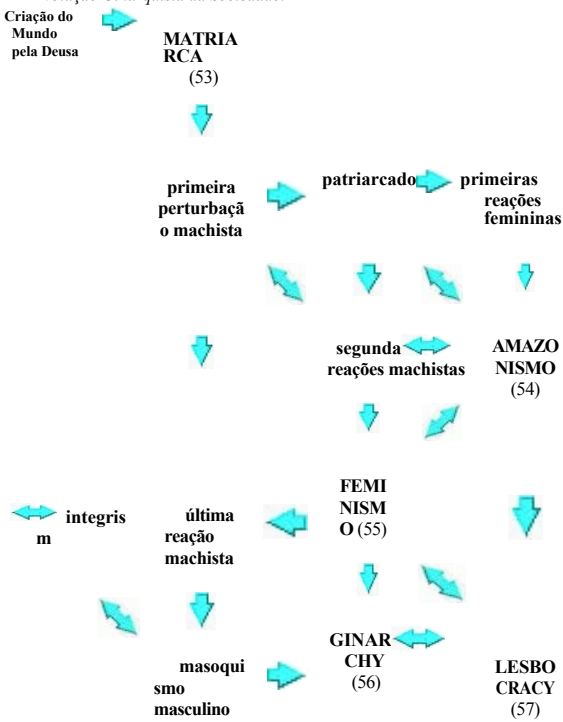
apenas alguns meses de prática de saphiques, ela será capaz de comparar o nível muito comum de felicidade que vem da cópula com um escravo degenerado e o prazer inebriante e mágico, interminável e delicioso, sentido de forma igual e voluptuosa entre os braços de uma Irmã, um membro refinado da mesma classe dominante e cultivada da Sociedade Ginarca, compartilhando os mesmos prazeres, possuindo o mesmo corpo feminino, os mesmos desejos e buscando os mesmos êxtases. Obviamente, as mulheres tornar-se-ão as principais, se não totais, companheiras sexuais desejadas umas das outras, encontrando apenas entre si os prazeres, os sentimentos e o coração e o corpo que lhes podem dar prazer total. Para as lésbicas dominantes, o homem-escravo perderá, portanto, rápida e irremediavelmente todo o interesse sexual [51]e amoroso (por ter perdido toda a sua dignidade).

A sociedade lésbica reinante (considerando a total inferioridade sexual, psicológica e sociocultural do homem) consequentemente não permitirá a sua existência livre ou sem supervisão. Assim, ele existirá efetivamente apenas para servir a comunidade lésbica (fazendo trabalho produtivo, serviço doméstico, pai-ferramenta, objeto de distração, etc.). Certamente, há algum receio de abusos extremistas (aqueles que favorecem o extermínio dos homens), mas, na Lesbocracia ou Ginarquia, as soberanas do mundo serão acima de tudo Mulheres e saberão, portanto, decidir de forma racional e eficiente sobre o estatuto a conceder aos seus inferiores masculinos.

Assim como os revolucionários mencheviques se deixaram ser derrubados pelos extremistas bolcheviques, as ginarquistas dominadoras serão suplantadas (mas, ao contrário, sem violência) pelas extremistas lesbocratas. Isso acontecerá

implicam, sem dúvida, uma rápida assimilação, legal e factual, dos machos humanos com os outros animais da criação e a sua utilização como tal, de acordo com as suas possibilidades rudimentares, pelas lésbicas que os terão aceitado no seu gado.

Evolução Ginarquista da Sociedade:



Aos poucos, o desejo visceral do homem pela reprodução e pelo prazer sexual irá fundir-se com as

concessões periódicas de sémen nos laboratórios de fertilização ou com as colheitas periódicas de semente que as exigentes Amantes Lésbicas provavelmente permitirão. Os escravos privados, de mulheres individuais [52], esquecerão rapidamente que pode existir outro prazer sexual além daquele que SOMENTE as lésbicas alcançam. Eles aprenderão a obter prazer apenas através da satisfação das suas amantes. E o mundo lésbocrata lhes parecerá rapidamente ideal, como já é comprovado pelo fascínio que todos os homens têm pelo amor lésbico.

III - A HOMOSEXUALOFILIA,
ou a atração pela homossexualidade inversa, primeiro elemento subconsciente do pensamento ginarchista.

A reflexão que se segue surgiu precisamente na sequência deste relatório, que cada um pode fazer sem dificuldades particulares: o apelo cada vez mais óbvio da juventude pelos homossexuais do sexo oposto. As discotecas de homossexuais estão repletas de raparigas e jovens mulheres, por vezes elas próprias lésbicas, mas na maioria das vezes heterossexuais, orgulhosas de serem as confidentes e amigas íntimas destes desviados. Às vezes, elas justificam-se simplesmente confessando que «realmente» se sentem bem com esses homens efeminados.
Da mesma forma, os clubes de lésbicas são literalmente invadidos por homens supostamente curiosos, que se apresentam como «voyeurs» ou, mais honestamente, como «masoquistas». Alguns clubes femininos precisam literalmente colocar barreiras a esses intrusos para poder satisfazer a sua verdadeira clientela.
Mas as principais motivações dessas garotas que gostam de estar rodeadas por falsas mulheres e homens que tentam desajeitadamente

evoluir em direção ao ideal feminino, não são as mesmas que as desses homens fascinados, vis ou obsequiosos, encantados pela plenitude física e moral exemplificada pelas adeptas da Divina Safo.

TESE 1: A Mulher é atraída pelo homossexual devido ao seu desejo óbvio de imitá-la.

Ser homossexual é, antes de tudo, querer ser uma Mulher ou, pelo menos, querer se assemelhar a Ela e imitá-la. Mesmo o ato de «homossexualidade» dos homens é, portanto, um desejo de se apropriar do objeto sexual feminino, o homem, e um desejo invejoso de substituir a Mulher. Passivo ou ativo, o homossexual masculino assume ou reprime o seu ressentimento por não ser uma Mulher e, em todos os casos, faz tudo o que está ao seu alcance para ser aceito, existencial e transcendentalmente, por Ela.

O resultado, muito naturalmente, é que a Mulher, no meio deles, se sente amada, respeitada e, de outra forma, desejada e invejada. A homossexualidade de um homem prova inconscientemente à Mulher a sua superioridade psicossexual e, estando na presença desses homens que assumem a sua inferioridade por esse desvio da natureza, Ela desfruta geralmente com força, e não sem um certo sadismo, dessa proximidade invejosa e admiradora.

TESE 2: As lésbicas atraem o homem irresistivelmente devido à prova incontestável que lhe dão da sua inferioridade intrínseca.

Não se trata apenas do homem satisfazer o seu desejo profundo de participar numa brincadeira estética e imaginária erotico-saphiques, mas sim de se voluntariar para uma humilhação psico-sexual real e violenta. Com um forte tom de masoquismo incipiente, o seu desejo aparente de participar numa

casal lésbico fazer amor é quase sempre acompanhado por muitas fantasias óbvias, como ser amarrado ou imobilizado, humilhações verbais e punições de natureza mais ou menos severa, etc., sendo ele, naturalmente, o objeto dessas fantasias por parte dessas lésbicas superiores e todo-poderosas. A partir daí, para tomar consciência do seu desejo visceral de ser completamente escravizado por essas mulheres, há apenas um passo que o homem geralmente tem de dar e que, na maioria das vezes, dá muito rapidamente.

TESE 3: De acordo com Freud, as mulheres e os homens têm em si, de forma mais ou menos desenvolvida, uma atração pelo seu próprio sexo e um fascínio subsequente pelos homossexuais do sexo oposto.
Algumas já reconhecem isso; outras reprimem, e algumas finalmente vivem isso. Para as mulheres, em geral, a consequência inicial é mais ou menos um desgosto progressivo pelo homem e elas optam, pouco a pouco, pelo lesbianismo, por relações de dominação ginárquica do homem ou por um compromisso entre os dois. Quanto aos homens, na maioria dos casos, eles conhecem esse fascínio que sentem. Os «chamados» jornais masculinos estão mais ou menos cheios de imagens sáficas eróticas (nunca pornográficas quando só há mulheres nelas). Alguns homens conhecem as razões desse feitiço do qual são vítimas e velam os seus olhos. Outros ignoram-no, mas sentem-se inexoravelmente atraídos por todos os exemplos de sáfico e, pouco a pouco, pelos do masoquismo masculino. Felizmente, muitos homens sabem tirar as suas verdadeiras conclusões deste estado emocional latente. Eles procuram mulheres, as verdadeiras, que são lésbicas e dominadoras, ou um casal lésbico, e oferecem-se a elas como acompanhantes, maridos submissos, mercenários ou escravos devotos.

CONCLUSÃO: O sentimento ginárquico é intrínseco ao pensamento humano, tanto na mulher como no homem. É óbvio para qualquer ser humano, mesmo para o homem, que tenha analisado um pouco as suas tendências homossexuais, se nos perdoarem esta barbaridade neológica que colocámos no nosso título, que o sentimento ginárquico inconsciente, pouco a pouco adivinhado e depois assumido, é o verdadeiro motivo deste comportamento aparentemente incompreensível. Não é necessário ter vergonha desse fascínio que cada um sente pelos homossexuais do sexo oposto, mas, pelo contrário, reconhecê-lo, justificá-lo e fortalecê-lo nesse resultado necessário e fundamental que é a primeira verdadeira conversão ao estilo de vida ginárquico e a aplicação prática da Supremacia Feminina à vida cotidiana.

IV - AS CORRENTES MODERNAS DO PENSAMENTO FEMINISTA.

No último terço do século XX, exceto nos países dominados pelo Islão, o pensamento e a ação ginárquicos substituíram pouco a pouco os movimentos feministas tradicionais. Na filosofia ginárquica moderna, distingue-se essencialmente três correntes de pensamento que, a título de esclarecimento intelectual, qualificamos como: místico-espiritual, sociopolítico e prático-sensual. É evidente que estas três escolas são interdependentes e não se sustentam sem as outras. No entanto, somos obrigados a notar que o pensamento intelectual contemporâneo sobre a origem destas se dedica, em geral, a apenas um dos aspetos do sistema que recomendamos. Isto, infelizmente, prejudica uma conceção global da ginocracia que conciliaria o conhecimento e a ação filosófica como

bem como a teorização para a melhoria do social, do espiritual e da sensualidade das Mulheres [58] .

A) A Ginarquia místico-espiritual.

Várias igrejas reúnem aqueles que acreditam que a espiritualidade é um caminho necessário para o retorno ao matriarcado e não, ao contrário, o seu resultado. No entanto, todos os ginarquistas têm em comum a firme crença na espiritualidade suprema das Mulheres, em oposição ao materialismo (ou mesmo ao animalismo) intrínseco aos seus semelhantes inferiores, e o caráter muito intrigante e educativo do exercício diário dos rituais ginárquicos. É nos Estados Unidos que se encontra o maior número de Igrejas ginárquicas.

- A *igreja SM*, de São Francisco, é a principal organização ginárquica da Califórnia. De uma forma específica, combina o interesse pela Dominação Feminina erótica com ideias relacionadas com a adoração da Mulher e o desenvolvimento de rituais espirituais associados. Os serviços religiosos parecem-se com os rituais cristãos, mas são dedicados à adoração da Deusa. Aqueles que recebem a comunhão devem ajoelhar-se e ser golpeados nos ombros e na cabeça com um chicote, como símbolo de purificação [59].

- Os membros da *Femina-Society*, muito ativos em todos os domínios, definem-se como matriarcais-feministas por natureza e vêem a verdadeira dominação/submissão como um caminho quádruplo: físico, emocional, intelectual e espiritual. Acreditam que estes quatro elementos são necessários para a prática autêntica da autoridade feminina. Nos seus objetivos espirituais, a Femina-Society instituiu rituais

de renúncia, expiação e submissão, organizada de acordo com os ciclos naturais da Terra. O terceiro ponto da sua doutrina fundamental é muito explícito: *«Reconhecimento da verdadeira Autoridade Feminina, seguindo o Caminho da Deusa encarnada na Feminilidade iluminada*».

Também na França se encontra o balbuciar de alguns grupos ginárquicos com objetivos espirituais.

- A *Igreja de Jesus Flagelado* tem como objetivo *«a escolarização e o domínio dos homens, nossos inferiores, no seu ter de sofrer para alcançar a perfeição divina». É uma Igreja cristã, baseada no Domínio pelas Mulheres, como as* «criaturas privilegiadas de Deus». Após um período de obediência às Sacerdotisas designadas para a dirigir, o adepto deve passar por um seminário de iniciação que o tornará discípulo da Senhora Monique, Sacerdotisa chefe do culto.

- A *Ordem Gynarchique do Oriente* tem como objetivo *«despertar a consciência espiritual do aspeto feminino da Divindade através de um processo de devoção masculina e rituais eróticos adequados».* A sua doutrina é *«a disciplina da expiação para se render ao aspeto feminino da Divindade*». Todas as mulheres que estão a testar o caminho da Supremacia Feminina ou que são simples simpatizantes são bem-vindas. No Templo da O.G.E., as Senhoras e as suas assistentes realizam o treino nos rituais utilizando os seus devotos disponíveis. Vários programas que visam *«a rendição dos devotos à Superioridade Feminina através do aumento progressivo das suas capacidades de tolerância*» são propostos aos apoiantes numa ordem progressiva.

B) A ginocracia sociopolítica.

Para a maioria, tomando como ponto de partida **Valerie SOLANAS** e S.C.U.M. [60], os intelectuais que se inscrevem no movimento sociopolítico ginárquico em curso raramente são mencionados na cena pública. Conhecem-se aqueles que divulgaram as suas ideias por meio de um ato brilhante, de um romance de ficção exaltando a Superioridade Feminina ou da biografia de uma das inúmeras mulheres que trabalharam mais ou menos pela Ginarquia, como Cristina da Suécia ou Wlasta da Boémia. As outras trabalham anonimamente, dirigindo nas sombras um ou dois homens, por vezes muito próximos do poder político, que escravizaram e converteram à Superioridade Feminina.

- **Marie-France LE FEL**, no seu pequeno dicionário histórico e prático sobre a dominação e o sadismo das mulheres [61], elabora uma lista exaustiva dessas mulheres, históricas ou românticas, nas quais as gerações presentes e futuras devem se inspirar para construir o melhor mundo que as ginarquistas irão criar.

- **Marika MORESKI**, que provavelmente é apenas o pseudónimo da anterior, é autora de romances de ficção [62] que colocam em cena mulheres que realmente vivem diariamente o Vida ginárquica. Estes romances provam, sem dúvida, que os ginárquicos detêm a verdade e a chave da felicidade.

- Muitos autores, como **Norman SPINRAD**, **Robert B L O C H, Robert MERLE, Daniel-Yves CHANBERT**, etc., sob o pretexto da «ficção científica» (que não engana ninguém), colocam nas suas páginas várias descrições da sociedade ginárquica ideal.

- **Gini GRAHAM-SCOTT**, americana, com já duas obras dedicadas a este tema [(63)], contribui para o conhecimento das práticas da Dominação Feminina e dos ritos do sadomasoquismo que, muito certamente, levam um grande número de homens, até então hesitantes e nervosos, a dar o grande passo, entregando-se de corpo e alma nas mãos de uma Mulher superior, uma Amante ou uma Associação de Ginarquistas.

- Por fim, lembremos que a *Femina-Society* não descura o aspecto político da nossa filosofia, como comprovam os pontos 5 a 8 do seu programa:

« 5) Promoção internacional da compreensão da Autoridade Feminina Autêntica, em oposição ao S/M da prostituição e à «realização de fantasias». Os nossos programas e publicações refletem este objetivo.

6) Reconhecimento de que as correntes económicas e sociais da nossa sociedade são controladas financeiramente pelos homens, que excluem as mulheres do governo das nossas vidas de forma opressiva. A Sociedade Femina reconhece a necessidade das mulheres serem sustentadas pelos homens até que o sexo feminino possua os instrumentos e o apoio social para criar o seu próprio estado económico. Este apoio masculino não deve, em caso algum, ditar a conduta feminina.

7) Instauração de programas, em pequena ou grande escala, que ofereçam serviços de algum proveito social às mulheres em dificuldades, num esforço para ajudar a elevar o estatuto das mulheres.

8) Considerando que séculos de patriarcado não podem ser superados sem o reconhecimento da necessidade e da exigência de instituir mudanças. Consideramos que o patriarcado deve ser:

a) neutralizado através da autoridade feminina,

b) mostrado como o poder destrutivo que é,

c) desativado como instrumento de opressão/destruição.»

C) A Ginarquia pragmática.

Sob este neologismo explícito, quisemos reunir todos aqueles que militam a favor da satisfação imediata das exigências legítimas do Feminino e que, pelo seu exemplo ou pelos seus escritos, tentam convencer as poucas mulheres ainda sob o domínio psicológico de um ou vários homens, ou mesmo de uma dessas religiões patriarcais criminosas, ainda em vias de extinção (64). Esta luta não deve ser menosprezada, pelo contrário, é muitas vezes graças a um hedonismo egoísta que as mulheres se aproximam do pensamento ginárquico antes de o abraçarem. E é novamente mais frequentemente por causa de uma jovem mulher em busca do seu prazer exclusivo que o homem, diminuído, humilhado, mas estranhamente satisfeito por ter sido usado como objeto ou servo por aquela que ele deseja. Note-se o desejo intrínseco que ele tem pelo papel submisso e a excelência da relação amante/escravo que a ginocracia exalta.

- **Wanda Webb**, uma americana rica, livre e inteligente, quis propor o princípio do direito das mulheres de treinar e usar homens submissos, ou aqueles homens suscetíveis de se tornarem assim (ou seja, todos), em seu benefício. O seu panfleto, Of the good use of the masochists (65) , primeiro defende essa teoria (66) e depois apresenta os resultados dela (67) . Desde o seu lançamento, o trabalho de Wanda WEBB teve um sucesso considerável. Várias mulheres ousadas consideraram este texto como um manifesto, disse-nos a sua editora, e criaram um bom número de «fazendas» de escravos por todos os EUA e até noutros lugares.

- **Sophie Dompierre**, de forma mais pragmática, mas com lógica e experiência, conseguiu, numa obra fundamental e incontestável para todos aqueles que desejam instituir uma verdadeira ginocracia doméstica em sua casa [(68)], propor um método real de dominação dos homens.

Seria tedioso (e inútil, uma vez que ela o distribuiu amplamente) resumir isso aqui. Basta especificar que Sophie Dompierre reserva um capítulo inteiro à estratégia a adotar em relação aos homens que não são voluntários e, após três outras partes muito bem documentadas sobre as várias punições, tormentos e imobilizações necessárias para a educação desses homens, um último capítulo cheio de ideias e bons conselhos sobre o uso diário de um «escravo».

- **Astride** é uma militante ginarchista, cujas opiniões se dirigem às diferentes técnicas de servidão do homem, mas sem esquecer de explicar as filosofias e as justificações psicológicas para isso. Assim, Astride apresenta vários relatos agradecendo ao próprio corpo feminino por sua capacidade de subjugar o homem. Poderá ler-se, entre outros, com interesse, as três seguintes obras [(69)] : O poder da anágua, A arte da excreção, A arte da sufocação [(70)] .

Esta divisão arbitrária das várias tendências ginarquistas contemporâneas em três classes (mística-espiritual, sociopolítica e hedonista-pragmática) tem como objetivo apenas esclarecer e educar. Globalmente, todas as escolas têm uma filosofia e práticas comuns, mas foi necessário, para melhor compreender cada sensibilidade, proceder a este rápido tour pelo horizonte do pensamento ginarquista contemporâneo, antes de entrar numa análise muito mais pragmática dos métodos e programas propostos por aqueles que querem, a curto ou longo prazo, restaurar o matriarcado.

antes de entrar numa análise muito mais pragmática dos métodos e programas propostos por aqueles que querem, a curto ou longo prazo, restaurar o matriarcado.

TERCEIRA PARTE

MÉTODOS DE DOMINAÇÃO FEMININA E ACESSO AO PODER

A superioridade feminina, hoje universalmente reconhecida, levou a humanidade, durante estes últimos anos, a reconsiderar completamente o paradigma da nossa sociedade. Assim, todos os psicólogos, sociólogos e intelectuais não contaminados pelo machismo dominante reconhecem a necessidade absoluta de confiar às mulheres completamente tanto o poder doméstico como o poder político.

A mulher, psicologicamente, fisicamente, geneticamente e mentalmente superior ao homem, deve hoje reorganizar o mundo em torno de sua necessária preeminência. Não é mais hora de equívocos e o homem deve abandonar imediatamente seus últimos bastiões de influência à mulher.

Tudo isso, é claro, deve começar por uma renovação, tanto das mentes femininas quanto, necessariamente, das mentalidades masculinas.

I - EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

EPISTEMOLOGIA - Um dos domínios que foi mais rapidamente conquistado pelas mulheres foi, naturalmente, o da educação. No entanto, isso obriga-nos a notar que a igualdade recomendada na escola é menos justificada quando impõe a mesma educação às meninas e aos meninos.

É completamente absurdo colocar meninas e meninos nas mesmas turmas e na mesma idade! O que uma menina compreende em alguns dias, pode levar um quarto do semestre para o menino assimilar. Assim como a jovem descobre o mundo, suas belezas e feiuras, o rapaz está a aprender a jogar bilhar e a discutir futebol. Quando o adolescente se depara com problemas de sexualidade, o rapaz se pergunta por que tem ereções. E quando a jovem está pronta para entrar na vida social e ativa, o rapaz ainda está atrasado para

maturar se masturba enquanto olha para meninas e desconsidera o seu trabalho.)

É por isso que é vital para a nossa boa saúde social e para as nossas futuras instituições femininas não impedir o desenvolvimento psicológico e intelectual harmonioso das meninas, colocando-as em turmas onde o cretinismo dos homens irá nivelar, sem dúvida para baixo, as suas capacidades superiores.

Isso significa que é necessário evitar turmas mistas? Certamente, uma turma composta apenas por meninas será sempre infinitamente mais produtiva e mentalmente eficiente do que todas as turmas mistas, tal como são concebidas hoje nas nossas escolas e faculdades. No entanto, os investigadores acreditam que a energia masculina, atualmente perturbadora e prejudicial aos estudos das meninas, poderia ser aproveitada e usada como um apoio subordinado à educação feminina.

Assim, os rapazes de todas as idades poderiam transcender as suas atividades escolares enquanto trabalhavam para o objetivo principal do florescimento intelectual e desenvolvimento cultural das meninas nas suas turmas. Dessa forma, eles colaborariam para o sucesso daquelas cuja incontestável superioridade intelectual as torna suas subordinadas naturais. Por esse método, eles provavelmente se aproximariam mais da inteligência feminina, sem, é claro, jamais serem capazes de alcançá-la.

Um dos domínios que foi mais rapidamente conquistado pela mulher foi, naturalmente, o da educação. No entanto, somos forçados a notar que a igualdade laica recomendada na escola, se é incontestavelmente justificada

social e etnicamente, não o é de todo quando impõe uma mesma educação às raparigas e aos rapazes!

O advento de uma ginocracia real e definitiva será criado pela instituição de um ensino específico. O advento de uma ginocracia real e definitiva passa evidentemente pela instituição de um ensino específico [71] e, portanto, pela fundação de uma escola ginocrática. A criação de uma instituição escolar em conformidade com o nosso ideal revelou-se absolutamente necessária.

Poder-se-ia ter considerado uma separação rigorosa (disciplinar e geográfica) dos ensinamentos para cada sexo. Mas este método não resiste à análise. O homem precisa de ser dominado pela mulher desde a mais tenra idade (daí o verbo «maternalizar») e as raparigas precisam de aprender muito cedo a usar o seu poder, incluindo no ambiente escolar Este é a razão pela qual nós escolhemos o sistema coeducativo para o nosso estabelecimento.

Isso mostra-se muito promissor diante do problema imediatamente levantado por essa escolha. Um grande número de pais fica encantado ao ver as suas filhas a aprender a dominar domesticamente, a dirigir socialmente e a governar, embora menos aceitem a ideia de deixar os seus filhos aprenderem a submissão e o trabalho manual para o qual os educamos. Mais uma vez, a análise é errada. É melhor aprender bem uma profissão menos nobre e saber sem dificuldade como se submeter a uma vontade feminina superior do que passar a vida desempregado com uma mulher submissa e banal, como infelizmente muitos fazem agora.
(Veja abaixo o primeiro Formulário de Inscrição em Francês para o I.M.E.G.)

FICHE D'INSCRIPTION

E T U D I A N T E

NOM :

Prénoms :

Date de naissance :
Lieu de naissance :

Adresse des parents :

Adresse Personnelle :

GOUTS :
Littéraires :

Artistiques :

Culinaires :

Autres centres d'intérêt :

ou APPRENANT (1) :

NOM :
Prénom :
AGE :

DISPOSITIONS (1) :

- ménage
- vaisselle
- lessive
- cuisine
- service
- secrétariat
- jardinage
- bricolage

- AUTRES (2) :
.
.
.

(1) Rayer les mentions inutiles.
(2) Préciser.

CADRE RESERVE A L'I.M.E.G. NOTES: | TRIM 1 | TRIM 2 | TRIM 3

DEGRE DE SCOLARITE :
- Filles
- Jeunes Filles
- Adolescentes
- Jeunes Femmes

NOM ET PRENOM DE L'ETUDIANTE-TITULAIRE (ou de l'adjuvant):

AUTORISATION DES PARENTS : Je, soussignée:.....
demeurant à :.....

- autorise ma fille ..... à épouser et/ou employer l'adjuvant agréé par l'I.M.E.G. qu'elle aura choisi.

- délègue à l'I.M.E.G., et/ou à l'Etudiante-Titulaire choisie par elle, tous mes pouvoirs parentaux sur mon fils .....

SIGNATURES :

Os homens conscientes da sua inferioridade natural e das suas incapacidades, que hoje procuram com perseverança uma «amante», sabem que felicidade teriam tido se lhes tivesse sido oferecida a oportunidade de entrar num dos nossos Institutos Mistos de Educação Ginocrática (I.M.E.G.). Mas, especialmente em famílias de recursos modestos, encontram-se, no entanto, pais que preferem a segurança que a nossa instituição oferece aos riscos do ensino tradicional do Estado, na medida em que o custo da educação e da residência é muito mais baixo para os rapazes [72] . Para marcar as diferentes funções dentro da classe ginocrática [73] , foi necessário nomear a Menina, o principal objeto da educação geral, e o menino de forma diferente. Para ele, o nome «aluno/auxiliar» refere-se às suas duplas funções: usaremos o termo ADJUTENTE para as suas funções de assistente escolar e pessoal das Meninas e para as suas atividades de aprendizagem e outras atividades escolares.

Quanto à Menina, dedicada quase que exclusivamente aos estudos, iremos chamá-la logicamente de «ESTUDANTE» e não adicionaremos o termo TITULAR ao seu título, que designa a parte relacionada com as suas atividades de supervisão nas suas relações com os rapazes, em particular com o seu adjunto regular. O pensamento ginarchista, aberto ao enriquecimento ideológico, cria esta visão do envolvimento subordinado dos rapazes na educação das Raparigas. Foi assim que surgiu a ideia fundadora do I.M.E.G.

PEDAGOGIA - Durante muito tempo, os investigadores sequenciaram os métodos educativos arbitrariamente em três bases convenientes:

1) o método magistral (a Professora, detentora do Conhecimento, transmite-o diretamente ao aluno),

2) o método ativo (o aluno, sob a orientação da professora

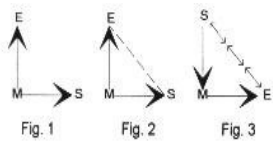


Fig. 1 Fig. 2 Fig. 3

Fig. 1 - La méthode magistrale.
Fig. 2 - La méthode active.
Fig. 3 - La méthode programmée.

M = Maître, E = Elève, S = Savoir. Nous préférerons cependant, pour une meilleure compréhension de notre propos, les dénominations M = Maîtresse, E = Etudiante et S = Savoir.



Fig. 4 - LE DOUBLE TRIANGLE DE LA METHODE GYNOCRATIQUE

, vai procurar por si mesmo o seu Conhecimento),

3) o método programado (a relação professora-aluno é suprimida para preservar uma relação, em geral computadorizada, entre o aluno e o Conhecimento. Costumava-se esquematizar estes métodos antigos da seguinte forma: Evidentemente, cada um destes três métodos estava em contradição com os outros dois. Foi necessário esperar pelas primeiras teorias sobre a educação Gynarchc para que se abandonasse a posição E do aluno no método antigo e, naturalmente, se desenvolvessem e permitissem relações entre cada ponto do triângulo e, assim, todos os sentidos. [74]

É assim que se desenvolve a noção de terceira aprendizagem, duplicando o nosso antigo triângulo simetricamente e permitindo que E, o aluno (em oposição a A, a aprendizagem, todos os alunos da

mesma Professora M distribuindo o mesmo conhecimento K) a estar em contacto total e permanente com todas as partes da sequência educativa.

TABLEAU COMPARATIF DES METHODES PEDAGOGIQUES

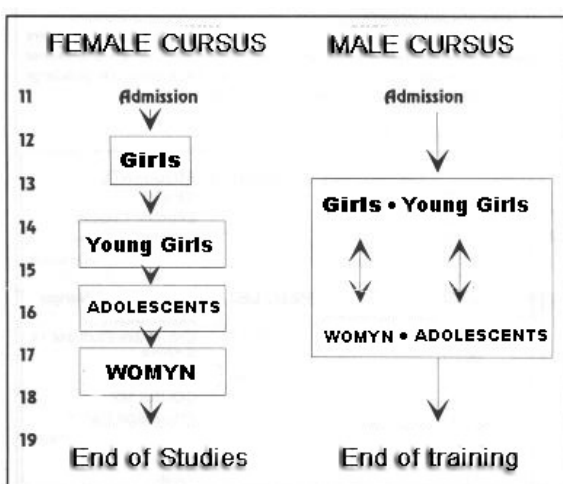
	Magistrale	Programmée	Active	GYNOCRATIQUE
E -> S (accès direct de E au Savoir	Non	Non	Oui	Oui
S -> E (Savoir diffusé sans intermédiaire)	Non	Oui	Oui	Oui
E -> M (recours possible à la Maîtresse)	Oui	Non	Oui	Oui
M -> E (apport intellectuel de la Maîtresse)	Oui	Non	Non	Oui
A -> E (Accès de l'Apprenant au savoir de E)	Non	Non	Non	Oui
E -> A (régie par E des activités de A)	Non	Non	Non	Oui

Esta relação triangular simétrica torna-se, como indicado na figura #4, o maior benefício para E, que vê o acesso claro às três facetas do ato de ensino de M, S e A, e então alcança, sem aspecto negativo, a função educativa global. M também mantém a Sua

acesso. Apenas A tem um contacto pelo mediador S.
O funcionamento perfeito do método desenvolver-se-á, portanto, de modo que M, a Professora, fonte da estação E, o aluno que pode assimilar feliz e regularmente os três acessos à realização educativa, e inversamente, fonte da estação TO, aprenda numa posição de inferioridade ou dificuldade intelectual que trará um duplo benefício de uma situação educativa magistral no seu caso, uma vez que ele sofre a influência da Professora e do Aluno.
A divisão em secções de idades e níveis faz-se naturalmente com base no desenvolvimento físico e intelectual do aluno, mais rápido do que o do macho em aprendizagem. A tarefa do macho é, portanto, em primeiro lugar, aprender bem em que período do processo de maturação Feminino se encontra o aluno ao qual foi ligado e adaptar o seu comportamento em conformidade.

A fase de intervenção educativa do I.M.E.G. começa aproximadamente no décimo primeiro ano da aluna e termina por volta do seu décimo oitavo ano. Distinguem-se quatro grupos naturais de alunas para a audiência: 11/12 anos, 13/14 anos, 15/16 anos, 17/18 anos. As aulas são, portanto, distribuídas por dois anos, no máximo, mas podem ser reduzidas substancialmente de acordo com a progressão individual de cada um. A experiência proporcionada a uma menina realmente motivada, que ingressa na instituição aos 12 anos, pode facilmente, com a ajuda de um adjuvante mais velho e corretamente educado, envolvê-la na vida social e ativa aos 16 anos.

Alguns meses num dos cursos intermédios (Adolescentes) são suficientes para uma aluna brilhante assimilar os conhecimentos do programa. Este não é evidentemente o caso das aprendizes. Quando estas entram no
I.M.E.G. É imperativo que, independentemente da sua idade na admissão, ele siga a formação masculina específica para cada nível de educação feminina. Ele deve compreender que todos os rapazes podem ser acompanhantes de um aluno de qualquer idade a partir dos 11 anos.
A progressão lógica da educação feminina na instituição (Meninas ± Adolescentes Meninas ± Adolescentes ± Jovens Mulheres) não se aplica naturalmente aos adjuvantes [75]. Um jovem de 12 anos recém-admitido no
I.M.E.G. pode muito bem iniciar a sua educação como adjuvante de uma Estudante do curso de idade «jovem mulher» de 18 a n o s . Os requisitos legitimam o seu título de Estudante



terão um efeito benéfico na sua compreensão da autoridade Feminina. Da mesma forma, um adjuvante mais velho, mesmo legalmente adulto, porque só daria uma satisfação modesta ou porque ele teria entrado no I.M.E.G. tarde, poderia ser designado a um aluno titular do curso «Meninas», seis ou sete anos mais novo do que ele, a fim de lhe fazer descobrir a realidade da autoridade feminina total.

A AVALIAÇÃO dos alunos é feita numa notação contínua (classificação) de 5 níveis (ABCDE) em todas as disciplinas, incluindo as de cursos específicos. A NOTAÇÃO dos adjuvantes é feita a cada trimestre em quatro áreas (em 11 níveis de 0 a 10):

1 – nota para o controlo do Curso Específico.

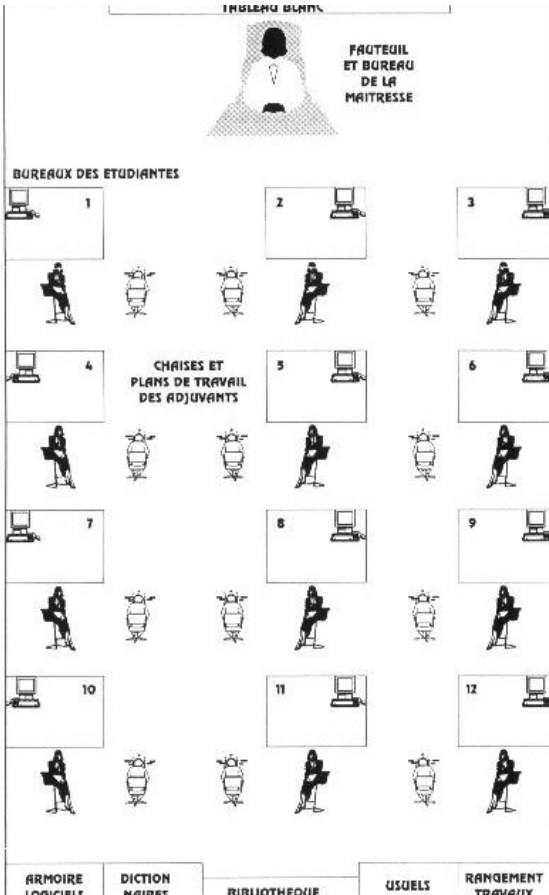
2 – nota do corpo docente para a Auxiliar Ginecocrática

3 – nota para o Curso.

4 – Nota do Serviço Externo(76) .

ORGANIZAÇÃO - A Professora fica de frente para os Alunos. Assim, ela consegue conversar melhor com eles e observar suas reações, como no método magistral, e complementar os dados que os Alunos adquiriram por meio de pesquisas em computador e estudos por conta própria. Além disso, ela consegue observar melhor as ações e gestos dos adjuvantes, já que eles se sentam atrás dos Alunos aos quais estão designados. Os adjuvantes não têm o direito de falar em sala de aula. Devem tomar todas as notas e instruções do seu Aluno-titular.

Toda a documentação é colocada na parte de trás da sala de aula. Lá se encontra o armário de software, as prateleiras de dicionários, enciclopédias e vários livros necessários para a pesquisa dos alunos. Uma biblioteca geral de cultura básica completa este mini


TABLEAU BLANC
FAUTEUIL ET BUREAU DE LA MAITRESSE
BUREAUX DES ETUDIANTES
1
2
3
4
CHAISES ET PLANS DE TRAVAIL DES ADJUVANTS
5
6
7
8
9
10
11
12
ARMOIRE LOGICIELS
DICTION NAIRES
BIBLIOTHEQUE
USUELS
RANGEMENT TRAVAUX

centro de pesquisa.

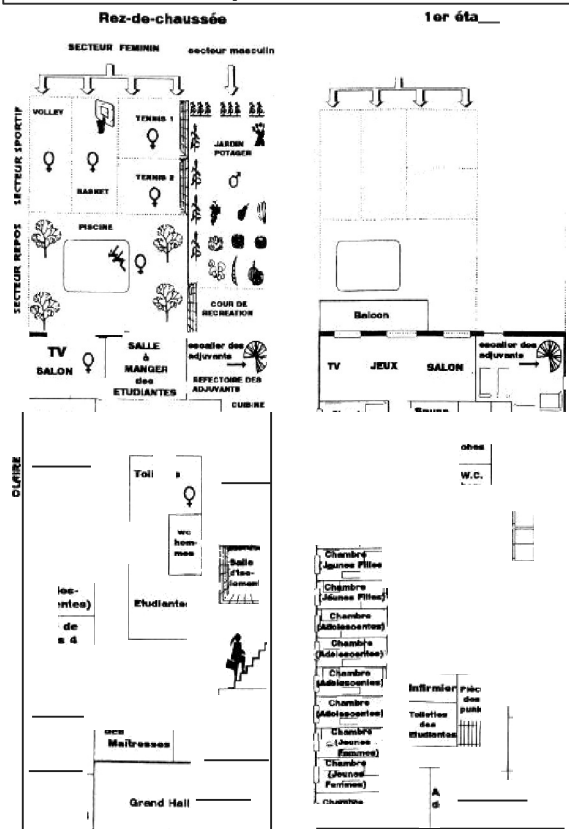
Os alunos organizam, com os seus adjuvantes, um complexo de processamento de dados pessoais individuais num terminal de computador da Escola I.M.E.G. Durante o curso, podem utilizar todo o material informático e humano que é colocado à sua disposição pela instituição.

A sala de aula é composta por 25 mesas: a secretária da professora, as doze secretárias dos alunos, com suportes para o teclado e o monitor do computador, e as doze mesas de trabalho dos assistentes. Para facilitar o seu trabalho no computador ou com o seu assistente, o aluno titular coloca uma poltrona de couro para que ela possa girar confortavelmente para trabalhar no teclado ou virar-se para dar algumas instruções ao seu assistente.

As pequenas mesas quadradas, sem gavetas, dos adjuvantes são colocadas ao longo dos corredores para que possam, muito rapidamente, atender às solicitações da sua aluna titular, alcançar as prateleiras e armários da sala e trazer de volta o mais rápido possível a documentação necessária. Os adjuvantes sentam-se em pequenos bancos sem arquivos para que o seu trabalho de cópia e os seus movimentos frequentes ocorram sem ruído ou impedimento para a turma (77).

O adjunto e o seu pequeno móvel de trabalho devem ser colocados ao longo do corredor, portanto, e funcionalmente, ligeiramente atrás do aluno titular, para poder observar melhor as necessidades dela e, possivelmente, os sinais que ela provavelmente fará para transmitir as suas ordens. Colocado assim, o adjunto pode permanecer atento tanto às exigências da senhora quanto às do seu superior hierárquico imediato.

Plano tipo cš'un I.M.E.G.



Acesso estritamente restrito aos adjuvantes em dehora dBs pśriode9 d'enlrelien Ó'

Acesso autorizado às estudantes* com trabalhos a realizar

O USO DO TEMPO é imutável, no I.M.E.G.; em particular para os auxiliares, que devem garantir que todos os serviços domésticos sejam realizados, sem que sejam toleradas falsas desculpas. Para as professoras e alunas, a instituição permite uma maior flexibilidade.
As professoras dão 6 aulas de 50 minutos por dia, ou seja, 5 horas no total, o que lhes deixa tempo suficiente para se prepararem. O seu dia começa com o Curso Específico Feminino, que lhes permite organizar o dia com a ajuda das alunas, e termina com o curso específico masculino, no qual as imperfeições devidas ao longo dia de trabalho podem ser toleradas e os nervos em frangalhos da professora podem encontrar uma válvula de escape fácil.

Os alunos têm dias de 14 horas, que alternam entre aulas (um pouco menos de 5 horas), desporto (cerca de 2 horas obrigatórias), tempo livre (quase 3 horas), uma hora de pesquisa e relaxamento (um pouco mais de uma hora de televisão).

O dia dos auxiliares é um pouco mais longo, mas não chega a 17 horas. Se eles acordam mais cedo e vão dormir mais tarde devido aos seus vários serviços (pequeno-almoço, louça da manhã e entrevista na sala dos estudantes à noite), eles têm tempo suficiente para descansar ao longo do dia. Eles têm o mesmo número de horas de aulas que os estudantes e, além disso, meia hora de pesquisa para compensar o constrangimento intrínseco do seu sexo.

O horário no I.M.E.G. é, portanto, muito harmonioso (*ver a sinopse cronológica*).

	MISTESSES	**ESTUDANTES**	Ajudantes
06			Despertar
06			Limpeza dos corredores
07			Limpeza das casas de banho e WC
07			Limpeza das salas de aula
08		**DESPERTAR**	Cozinha
08h		**PEQUENO-ALMOÇO**	Serviço
08h45			Pequeno-almoço
09h	Aula SP	**AULA SP**	Limpeza dos quartos dos alunos
09h			Descanso
10	Lição M 1	**AULA M 1**	Lição M 1
10	Lição M 2	**LIÇÃO M 2**	Lição M 2
11 40			Cozinha
12 30		**REFEIÇÃO**	Serviço
13			Refeição
13h15			Pratos
13 45			Descanso

14h	Lição M 3	**LIÇÃO M 3**	Lição M 3
14	Lição M 4	**LIÇÃO M 4**	Lição M 4
15 40		**DESPORTO**	Descanso
16h	Lição SP		Aula SP
17		**ESTUDO**	Atividades por grupos (jardim, lavandaria, limpeza de sapatos limpeza...)
18 30			Cozinha
19h		**REFEIÇÃO**	Serviço
19h30			Refeição
19h45			Pratos
20 30		**TV**	Estudo
22h		**HORA DE DORMIR**	Limpeza da sala de estar
22			Descanso
22h30			Hora de dormir

CONTEÚDO DOS ENSINAMENTOS - Os cursos gerais centram-se essencialmente na cultura geral dos alunos (prática em três línguas vivas, sendo uma delas a língua materna), assuntos internacionais, literatura geral, artes (pintura, música, dança, cinema...), história e geografia do mundo, ciências (matemática, biologia, física, etc.). Além disso, é feita uma análise avançada das técnicas de gestão e organização modernas

gestão e organização, em particular por meio do processamento de dados computacionais. O aluno será colocado, na medida do possível, em situações reais de supervisão (pesquisa em computadores e redes) e gestão de subordinados pessoais de todas as idades, [78] (adjuvante pessoal e a coorte masculina global do I.M.E.G. [79]).

Assim, todas as condições para o sucesso total da aluna, uma vez que ela sai da instituição, estão reunidas tanto no plano profissional (cultura geral, conhecimentos científicos e tecnológicos) como em termos pessoais (carácter formado para dominar o subordinado masculino, psicologia de comando e conhecimentos técnicos [80] , etc...).

Uma hora por dia é reservada ao ensino específico feminino ou masculino. Seria bastante irracional, na residência mista de uma instituição ginocrática, não economizar para oferecer uma educação diferenciada a cada sexo. É por isso que, no início de cada dia, as professoras ensinam apenas os alunos, sem os seus habituais adjuvantes masculinos [81], e, no final do dia, com os adjuvantes, sem os seus alunos titulares [82].

O adjuvante aprende desde a mais tenra idade com o I.M.E.G. Estudante para habituá-lo às suas futuras funções de comando, para lhe ensinar em pensamento e ação (filosoficamente e pragmaticamente) as razões da sua posição superior e naturalmente mais elevada na sociedade e, em suma, para prepará-lo mentalmente para as tarefas que as falhas masculinas o obrigam a assumir.

O rapaz deve aprender rapidamente as tarefas domésticas e servis que serão suas a partir do momento em que entrar no I.M.E.G. e, a partir daí, na vida. É preciso explicar-lhe imediatamente as razões da sua inferioridade natural, para que ele descubra a verdade da Ginarquia e se convença

completamente da necessidade de uma Ginarquia universal. A certeza da superioridade feminina e o conhecimento das suas próprias deficiências irão ajudá-lo nas suas tarefas de auxiliar das Mulheres. Não só o jovem adjuvante deve aprender muito cedo as suas reais funções de auxiliar doméstico e manual numa sociedade de predominância feminina, como também deve estar satisfeito e executar as tarefas subordinadas impostas pelos seus superiores com alegria e satisfação.

DISCIPLINA – As alunas podem organizar as suas horas de liberdade como quiserem e podem aproveitar todas as estruturas recreativas, desportivas e culturais do instituto. Cada jovem do I.M.E.G., no momento da sua inscrição, escolhe um ajudante pessoal, escolhido entre os alunos do sexo masculino, se possível da sua idade, cuja principal missão é acompanhá-la durante as aulas e na sua vida de residente. Ela torna-se «aluna titular» dele e pode recorrer a ele para resolver todos os pequenos problemas materiais da sua vida quotidiana. Assim, as tarefas domésticas diárias do quarto particular de cada aluna titular são da responsabilidade do seu assistente pessoal, tal como tomar notas durante as aulas e escrever (sob a sua orientação) os trabalhos escolares.

Os alunos têm à sua disposição uma lavandaria e uma oficina de reparação de calçado, ambas situadas na ala masculina do estabelecimento, onde podem encarregar os seus adjuvantes de lavar as suas roupas sujas e engraxar os seus sapatos. Os alunos não são obrigados a mostrar qualquer deferência para com os adjuvantes de quem requerem estes serviços. Todos os alunos do I.M.E.G. têm o direito de apresentar uma queixa ao Conselho das Senhoras contra qualquer adjuvante que Lhe tenha causado um problema ou Lhe tenha causado qualquer tipo de constrangimento.

As refeições são servidas em horários regulares pela coorte de adjuvantes (pequeno-almoço às 8h30, almoço das 12h às 12h30 e jantar às 19h) e devem evitar perturbar a vida da instituição com atrasos ou recriminações sem fundamento. Todas as queixas devem ser justificadas e a Aluna deve cumprir ela própria a sentença que as Senhoras tiverem pronunciado sobre o adjuvante infrator. O seu acesso à cozinha, à lavandaria e à loja de reparação de calçado deve ser reduzido ao mínimo estritamente necessário.

Os alunos devem decorar e respeitar à risca o horário que lhes é comunicado no dia da sua admissão no I.M.E.G. Assim que souber a identidade da Aluna-titular sob cuja autoridade se encontra, temporária ou permanentemente, deve apresentar-se o mais rapidamente possível a Ela e perguntar o que Ela espera dele e conformar-se em conformidade.

Ao saber disso, deve assumir totalmente o cuidado do quarto e da casa de banho particulares do Estudante a quem está ligado e, da mesma forma, durante as horas de aula, deve tomar as melhores notas que Ela lhe pedir e procurar rápida e silenciosamente toda a documentação de que Ela possa precisar. Deve anotar cuidadosamente todas as tarefas que Ela lhe ditar. Todos os adjuvantes devem, naturalmente, executar todas as tarefas exigidas pelo seu Aluno-titular, sejam elas quais forem. Além do seu plano de serviço ao seu Aluno-titular, o adjuvante deve executar diariamente as tarefas masculinas coletivas da instituição: limpeza da parte comum da casa, roupa suja, preparação e serviço das refeições dos Alunos e, por rotação, serviço na Lavandaria, Conserto de Sapatos e Horta.

Em casos evidentes de abuso ou maus-tratos incontestáveis por parte de um Aluno, o adjuvante pode reclamar hierarquicamente ao seu Aluno-titular e, se o litígio persistir, encaminhar um caso excecional a uma Mestra. Ele deve saber, no entanto, que este último recurso pode virar-se contra ele, de modo que ele será prejudicado e, neste caso, será obrigado a submeter-se, nas mãos daquele de quem se queixou, às mais severas punições corporais.
O Diretor do I.M.E.G., as quatro Senhoras principais e os Alunos-delegados de cada turma constituem o Conselho das Senhoras, a única autoridade autorizada a recompensar e punir. Ele atua no final de cada ano na promoção para turmas superiores e na orientação e na concessão aos Alunos e estudantes da sua graduação pela instituição. Ele arbitra, litiga e decide algumas sanções disciplinares. Estas são no número de oito. Três a consideração dos alunos: a advertência, a censura e a exclusão,
Cinco para consideração dos adjuvantes: a palmada, a espancamento [83], o açoite , o isolamento [84]e a transferência [85].

Com uma análise educativa deste tipo, com regras formativas rigorosas e um projeto educativo desta riqueza, temos um sistema de escolaridade ginocrática que finalmente traz uma resposta séria à estagnação e ao delírio atual dos nossos pedagogos governantes.

II - METODOLOGIA E SEMÂNTICA DA DOMINAÇÃO FEMININA

Porquê combinar estes dois termos aparentemente não relacionados no título de um estudo sobre técnicas ginárquicas? Porque, desde o início, pareceu existir uma grande confusão entre os termos, sinónimos, parónimos e antónimos que descrevem a Dominação Feminina e o seu corolário: a submissão masculina. A partir da nossa pesquisa inicial, iniciada com a intenção de trazer um pouco de ordem a essa confusão lexical, tornou-se evidente, pouco a pouco, que as nuances semânticas que descobrimos correspondiam, na maioria das vezes, proporcionalmente às variações nas relações sociais ginárquicas, tal como são vividas, ou às variações na técnica de escravização masculina, tal como é praticada atualmente ou historicamente.

Assim, quisemos prosseguir com esta linha de investigação, com o objetivo de estabelecer uma taxonomia de todos os sistemas ginárquicos possíveis, que podem ser vividos coletiva ou individualmente, e de todos os métodos e etapas que conduzem ou resultam nessas estruturas sociais ideais, onde apenas as mulheres têm poder.

Infelizmente, mesmo com paciência ilimitada, essa tarefa nunca poderia ser realizada. Como, de fato, poderíamos imaginar todas as situações possíveis em que uma mulher domina os homens? E como poderíamos imaginar todos os métodos possíveis que ela provavelmente empregaria para atingir os seus objetivos? Seria um insulto até mesmo descrever um intervalo dentro do qual ela poderia operar, já que uma das principais características da mulher é precisamente a sua imaginação brilhante. Mas, mesmo assim, esperamos ter, se não um tratamento completo do assunto, um tratamento que esgote as possibilidades lexicais atribuídas à

Ginarquia pelo dicionário.
Por fim, parece ser mais simples, paradoxalmente, começar o nosso trabalho com o objetivo que desejamos alcançar (a escravidão do homem) e, depois de vermos as várias etapas, chegar no final aos métodos de escravidão e a vários estágios de treinamento, e ao primeiro encontro com a criatura inferior que nos parece especialmente digna de esforço.
A discussão acima nos encorajaria a aceitar a validade de uma fórmula, correspondendo aproximadamente à progressão social do homem em direção ao ginárquico, e que seria enunciada:
(encontro + escravidão) + treino = escravidão.
Mas isso colocaria no mesmo nível um incidente específico (o encontro), um estado (escravidão), a passagem de um estado para outro (escravização) e um processo (treinamento), e isso obviamente não é admissível no âmbito de uma análise semanticamente rigorosa.
Seria preferível, em vez disso, combinar factos com factos e estados com estados, o que poderia dar regras de transformações estruturais do tipo:
escravidão = escravização + treino.
No entanto, antes de formular quaisquer regras, é apropriado estabelecer a ordem lógica das transformações:

a) Os estados progressivos do homem:
estado Ø ± subjugação [86] ± submissão ± escravidão,

b) Os nomes descritivos dos homens: inferior ± subordinado [87] ± submisso ± escravo,

c) Dos títulos correspondentes da mulher no comando:

Iniciadora ± Instrutora [88] ± Dominadora ± Amante,

d) E das etapas que delineiam o treino:
condicionamento ± domesticação ± escravidão.

Processo lógico que poderia ser assim calculado:

TÍTULO FEMININO	Etapas de formação	Cargos masculinos	Títulos masculinos
INICIADORA		estado **i**	inferior
	condicionamento		
INSTRUCTRESS		subordinação	subordinado
	domesticação		
DOMINATRIX		submissão	submisso
	escravidão		
AMANTE		escravidão	escravo

Com a nossa terminologia definida, agora é possível retomar cada termo, ou cada grau de progressão ginárquica, tanto feminina quanto masculina, e criar uma descrição analítica que nos permita formular definições de conceitos, para que possamos estudar os nossos métodos e observar os resultados.
O nosso estudo não será cronológico, começando no final do treino, como se o homem cartesiano nunca tivesse importado, mas sim inversamente e progressivamente, alcançado por possibilidades médias, o ideal das nossas premissas realistas, de acordo com a necessidade de cada fase e, acima de tudo, para passar do mais simples ao mais complexo.

A - A ESCRAVIDÃO DO HOMEM, NA FASE IDEAL E FINAL

O ideal masculino é naturalmente o factotum, etimologicamente expresso por «*Faça tudo!*». Que mulher nunca sonhou em ter pelo menos um homem a quem pudesse dar uma única ordem, começando e terminando com «*Faça tudo!*», e depois de a ter pronunciado, nunca mais ter de pensar nisso? Infelizmente, «factotum» tem demasiadas conotações positivas para ser apropriado para um escravo. Apenas as mulheres burguesas tímidas e assustadas com as palavras ficarão satisfeitas. A ginocracia prefere a palavra simples escravo, por vezes enobrecida pelo sinónimo latino servus.

Notemos que o latim não deu à ginocracia apenas os termos *servus* e *factotum*. A Senhora, que treinou e possui um servus, raramente ficará satisfeita apenas com essa exclusividade servil. Ela logo precisará, em seu *ergastulum* [89], um *famulus* para guardá-la, uma *adstetrix* para mantê-la, um *unctor* para manter as suas fragrâncias, um *aplipilarus* para depilá-la, um *nutritor* para alimentá-la, um *trotactror* [90] para massageá-la, um *dropacistus* para limpar as suas várias aberturas naturais, um *bajulus* para carregá-la e um *cubicularus* para ser usado para serviço na cama.

E voltará ao tempo feliz do *mancipium*, um objeto masculino possuído em totalidade e adquirido através de captura ou compra. As mulheres mais ricas (ou as mais intrépidas) usarão um *supellex*, como uma mesa ou um candeeiro vivo. Quando as mulheres assumirem o poder, e pensamos que isso acontecerá em breve, devemos ser muito precisos com os nomes e rótulos que atribuiremos aos nossos servos, e o latim, como vimos, será muito útil.

B - A ESCRAVIDÃO DO HOMEM E A SUA FORMATURA DOS ESTUDOS

Assim como antigamente os homens se tornavam cavaleiros numa cerimónia chamada dubbing, sob a Ginarquia, o homem obterá a honra de receber o título de «escravo de uma Mulher» através da cerimónia de Escravidão. Depois de ter sido subordinado a uma Instrutora e, em seguida, subjugado por uma Dominatrix, o homem finalmente obterá o direito de pertencer de corpo e alma a uma Mistress, para finalmente entrar na escravidão.
A Senhora organizará a cerimónia como bem entender, se considerar necessário. Ela pode exigir um contrato assinado, mas, na prática, preferirá uma infibulação ou uma amputação simbolizando a escravidão do homem, para marcar claramente a irrevogabilidade do seu novo status masculino.
Se isso não tiver sido feito no momento da domesticação, a Senhora afixará de forma indelével o seu nome ou inicial no corpo do seu escravo, a partir de agora *o* seu *mancipium*. As marcas mais duradouras são as feitas com um ferro de marcar, que pode ser usado para criar marcas esteticamente agradáveis com facilidade, mesmo por uma mulher que seja um pouco desajeitada.
A Senhora aproveitará ao máximo a Escravidão, se assim o desejar, renomeando o seu escravo [91] e, especialmente, atribuindo-lhe novas tarefas ou funções que sejam mais difíceis para ele e que, portanto, lhe trarão mais satisfação, mesmo que sejam apenas temporárias. Não se deve esquecer que, mesmo quando a Senhora faz uma nova aquisição, uma nova vida intensamente produtiva e enriquecedora também começa para o homem recém-promovido à escravidão.

C - O TREINO DO HOMEM, VERDADEIRO

DESEMPENHO FEMININO

No nosso primeiro diagrama, entre o estado e a escravidão, o homem passa por dois períodos distintos de treino, subjugação e escravidão. Entre os dois, há um evento simbólico e um ritual muito importante: a domesticação. O verdadeiro problema ginárquico situa-se exatamente entre a subjugação e a verdadeira submissão, no momento da domesticação, quando o homem concorda em tornar-se um doméstico, um servo.

É fácil, mesmo para uma jovem amante, dar uma ordem a um homem e vê-lo obedecer sem hesitar; é mais complexo dar-lhe uma ordem (talvez a mesma) cuja execução implica intrinsecamente a sua inferioridade e submissão. Semanticamente, é a diferença entre estas frases:

1) *Esta noite, querido, vais lavar a louça!*

2) *Lava a louça rapidamente, querido!*

Mesmo que cada uma dessas frases tenha o mesmo resultado prático ("querido" lava a louça), a primeira implica uma certa liberdade de escolha, apesar da ordem implícita da Instrutora, enquanto a segunda torna explícita a autoridade da Dominatrix e não deixa alternativa ao subjugado.

Essas nuances compõem a arte da dominação feminina. E, para ficar com o exemplo da louça, marcando a sua masculinidade perdida, pode-se imaginar uma progressão na formulação dessa ordem dada pela Mulher ao homem:

a) *Queres lavar a minha louça, meu querido?*

A Womyn reconhece que se trata dos pratos DELA.

b) *Queres lavar a louça por mim, querido?*

«Para mim» é ambíguo. É a AÇÃO de lavar a louça que está no lugar da mulher, ou o homem

que deve lavá-los POR ela?

c) *Lava a louça rapidamente, querido!*

Isto já não é um pedido, mas uma ordem.

d) *Lava a louça rapidamente, X...*

O possessivo, implicando um dever masculino específico, torna desnecessário o ponto de exclamação imperativo.

e) *A louça, lacaio (ou escravo, etc.)!*

O «querido», através do seu novo nome, finalmente encontrou uma denominação funcional.

f) *Pratos!*

Não há mais necessidade de um apelido, nominal, funcional ou diminutivo. Em breve, bastará estalar os dedos...

Mas o nosso interesse atual, no nosso estudo das táticas de treino, é a natureza precisa das diferenças entre as frases 1) e 2) ou, na segunda formulação, as ordens b) e c). Entre as duas, ocorreu o que chamamos, por conveniência, de domesticação do macho. De um «serviço» que ele presta, a pedido da sua Professora, em b), o subjugado no decorrer do treino passa para c), onde tem o dever de seguir a ordem da Dominatrix.

Se ele não cumprir b), o homem não incorre em repreensão nem discussão. Se desobedecer c), ele está sujeito a punições que podem ser mais ou menos severas. É o caminho entre estas duas frases, que requer uma relativa sutileza para compreender e internalizar, que de facto decide o sucesso do lar ginárquico e se o homem irá ou não cair na escravidão.

Este caminho deve ser gradual, progredindo lentamente, às vezes retrocedendo e depois recomeçando. A Instrutora deve, por vezes, empregar a formulação do tipo b) para as suas

ordens, outras vezes o tipo c), e nunca deve desanimar. Muito em breve, a Mulher sentirá o momento em que poderá dar ordens com total liberdade, sem comentários cuidadosamente formulados.
O homem, previamente condicionado por algumas semanas ou meses, estará domesticado a partir de agora.
Quando esta fase for alcançada, o treino deve aperfeiçoar-se, não só através da aprendizagem, por parte do homem, de um reflexo de obediência (natural, coincidindo com o estabelecimento de uma autoridade feminina instintiva na Dominatrix inicial), mas também por uma euforia consensual no recém-domesticado, tirada das punições recebidas por desobediência ou por fazer um mau trabalho ao cumprir as ordens femininas.
É somente nesse momento, após a graduação das tarefas a serem realizadas a serviço da Dominatrix e as punições que lhe são concedidas por ela, que se pode começar a ver a escravidão do candidato.

D - ESTADO INICIAL E CONDICIONAMENTO

Diz-se que o primeiro passo é o mais difícil. E este primeiro passo em direção ao método ginárquico é o mais delicado e complexo, tanto para o futuro escravo quanto para a futura Senhora. É necessário que a Mulher abandone os seus hábitos, descarte os seus tabus e supere os seus receios.
No início, é necessário que a Instrutora esteja bastante consciente do seu objetivo (a escravidão TOTAL do homem que ela escolheu), das dificuldades previsíveis (a sua provável resistência à escravidão), dos vários esforços e dos muitos sacrifícios que ela terá de suportar antes de ter sucesso na sua tarefa (tempo perdido, a

repetição de exercícios de treino, um ambiente que às vezes é difícil, etc.).

Ela deve saber que, uma vez iniciado o processo, a Mulher não poderá mais ser uma seguidora, porque, se o for, terá que suportar a reação sórdida, agressiva e animalesca que o homem sempre tem quando recupera sua vantagem natural.
Desde que mantenha constantemente o seu objetivo em mente, a Mulher, de forma lenta mas segura, terá sucesso no seu projeto. E terá a alegria inelutável, não só de se tornar uma Instrutora respeitada, mas também de ver o seu escravo submeter-se de boa vontade e entrar na euforia da escravidão. Mas este treino só pode ser realizado de forma satisfatória com a observância rigorosa de um método rigoroso e uma grande dose de disciplina pessoal.
Resumiremos aqui, para benefício da instrutora novata, algumas das regras fundamentais e os métodos que se mostraram eficazes. Para uma compreensão mais aprofundada das técnicas psicossexuais de conversão ginárquica, a instrutora deve consultar as obras teóricas citadas na nossa bibliografia.

l) OMNIPRESENÇA DE REFERÊNCIAS GINÁRQUICAS.
Em sua casa e ao seu redor, é necessário que haja o máximo possível de objetos de arte e obras sobre a ginocracia (fotografias, desenhos ou pinturas representando mulheres dominando ou matando homens, romances retratando um mundo de amazonas ou ginocratas em ação [93] , videocassetes inspirados nos mesmos temas, técnicos sobre o assunto da ginocracia, revistas femininas

ou boletins de organizações ginarquistas, etc.), e de objetos que, no seu ambiente, possam sugerir, em relação ao homem, a sua superioridade ou crueldade (livros científicos, armas de guerra, objetos, instrumentos de tortura, etc.).

2) ATITUDE DOMINANTE CONSTANTE.

Em nenhuma circunstância uma Mulher deve seguir – obedecer – uma ordem emanada de um homem, nem tolerar que ele a dê. Naturalmente, o oposto se tornará típico e, pouco a pouco, uma regra.

Além disso, a Iniciadora terá que se acostumar à posição dominante. Se ambos estiverem sentados, a Mulher deve SEMPRE ocupar o assento mais confortável e/ou mais alto. Durante uma discussão, ela deve estar sentada enquanto o homem se dirige a ela em pé. Ela deve estar por cima durante o ato sexual, etc.

3) USO DO DESEJO MASCULINO.

É o homem que deseja o corpo da mulher. Ela deve, portanto, inflamar o desejo do homem, satisfazendo-o gradualmente, mas apenas em troca de uma submissão progressiva. Desde o primeiro contacto, a mulher deve insistir nessas trocas. O menor beijo, a menor carícia e, a fortiori, o menor contacto sexual devem ser concedidos apenas em troca de uma prova manifesta de submissão (beijar-te-ei se lavares a louça, farei amor contigo se fizeres as tarefas domésticas, dormirei contigo se transferires o teu salário para a minha conta, etc.).

4) ESPONTANEIDADE E NECESSIDADE DE PUNIÇÃO.

Pode começar com uma palmada na bochecha, negando a sobremesa ou o sexo, mas, pouco a pouco, a punição do homem pelo mau comportamento deve tornar-se normal, legal, até que ele saiba que corre o risco de prisão, chicotadas ou tortura em caso de travessuras, transgressões ou rebelião.

Gradualmente, a palmada pode tornar-se mais severa, depois um golpe com o cinto e, finalmente, o chicote. Imperceptivelmente e gradualmente, o homem deve aceitar castigos corporais cada vez mais graves e fisicamente dolorosos.

5) TEORIA GINARCÍSTICA

Aos poucos, a superioridade moral e física da Instrutora deve se revelar ao homem como algo evidente e como uma força irresistível. Para isso, além da justificação intelectual de que o subordinado precisa para justificar a sua propensão para a servidão, a Mulher deve desgastá-lo com expressões, slogans, preceitos, provérbios, ditados que ajudem a sua memória, que o homem adotará como regras de vida às quais ele sempre poderá recorrer para saber como agir. Alguns exemplos:

- *Todo marido deve mostrar submissão à sua esposa*
- *Espancado pela esposa, feliz no coração.*
- *O que as mulheres querem, Deus quer.*
- *Os desejos de uma rapariga nunca são errados.*
- ...

6) CONTRATUALIZAÇÃO.

Muito em breve, será necessário apresentar regras, formuladas oralmente num primeiro momento, depois por escrito, estabelecendo de forma

maneira progressiva, mas indissolúvel, os direitos da mulher e os deveres do homem. Propomos, para dar um nome a este primeiro passo em direção à Ginarquia, chamar este contrato que rege as relações ginárquicas, assinado e respeitado, de Condicionamento.
Finalmente, tendo apresentado em ordem inversa as várias etapas e os vários períodos da vida ginárquica, definimos e nomeamos (ou batizamos) cada um deles. Isso não foi apenas um fim, mas também um meio, permitindo-nos, entre outras coisas, conceituar o controlo do homem e, consequentemente, provocar a rápida ascensão da Ginarquia.

QUARTA PARTE

UM MUNDO MELHOR
PARA MULHERES EM PLENO DESABROCHAR
e homens disciplinados

I - A TOMADA DO PODER POLÍTICO

1. A regressão psico-intelectual masculina e as suas consequências socioculturais.

O século XX foi marcado, em particular nos seus dois primeiros terços, por uma intensificação das lutas feministas, pelas duas guerras mundiais, destinadas principalmente a suprimir essas lutas sob pretextos viris e patrióticos falaciosos, que não podiam estar certos. Com esta ameaça latente e cada vez mais precisa que uma Feminilidade emancipada e conquistadora representava para os seus poderes usurpados, o homem reagiu com a criação de meios de comunicação condicionantes, como a televisão, a multiplicação de teorias pseudo-filosóficas debilitantes e o ressurgimento do fanatismo religioso.

Mas esses decisores machistas assustados e criminosos esqueceram uma coisa vital: a sua autoproteção. E, como as mulheres, inconscientemente, racionalmente ou graças ao seu sexto sentido, estavam mais ou menos preparadas para essa reação doentia e mesquinha, as principais vítimas dessa contraofensiva desesperada serão precisamente os elementos masculinos dessas gerações sacrificadas. Quando se usa como última arma a propagação do analfabetismo, da intolerância, da ignorância e da estupidez,

é de se esperar que os primeiros contaminados, como na maioria das outras epidemias, sejam os homens. E é disso que somos obrigadas a relatar hoje. (94)

Tal como o jovem rapaz na escola, o homem adulto neste final de século desumano tornou-se limitado, malicioso, inculto e encontra-se tragicamente numa posição manifesta de inferioridade, ou mesmo de total dependência, em relação à Mulher. Ele compreende com grande dificuldade que o seu estado psico-intelectual, próximo do abjeto, é apenas

o resultado de uma falha intrínseca que ele cultivou em vez de circunscrever e proscribir, submetendo-se, sem condições, hesitação ou arrependimento, à sua parceira, seja ela uma senhora, uma mulher, uma rapariga ou uma jovem rapariga que é, por natureza, superior a ele psicológica e intelectualmente.

Este despertar balbuciante, que com um pouco de compreensão todos podemos notar nos nossos infelizes companheiros, infelizmente deteriorou-se tanto devido ao seu ego masculino que apenas uma servidão, total ou parcial, pode dissolvê-lo eficazmente. Não se pode varrer milénios de certeza machista em poucos anos de predominância feminina. No entanto, pouco a pouco, o homem admite a sua inferioridade e aceita uma certa regressão social em benefício da Mulher. Não faltam indícios (taxas mais elevadas no seguro automóvel para os jovens condutores masculinos, a profissão docente quase totalmente feminizada, mulheres tomadoras de decisão em quase todos os níveis da administração, justiça, etc.) de que a tendência social total é para a preponderância feminina em todos os campos (político, comercial, convivial, etc.).

A evidência é clara e, se os poucos homens que ainda se recusam obstinadamente a aceitar a derrota não causarem irreversivelmente uma terceira guerra mundial, o século XXI verá o resultado dessa evolução e o seu desfecho, com o benefício dessa longa luta pelo poder para as mulheres. O problema do desemprego será pragmaticamente resolvido pelas únicas reformas razoavelmente desejáveis: a confiscação pelas mulheres de todos os cargos de tomada de decisão e a atribuição mais ou menos geral aos homens de trabalhos manuais e servis.

Mas teremos de ter cuidado para não cair nas mesmas armadilhas em que os homens caíram quando detinham o poder absoluto. Será necessário, evidentemente, afastá-los de todas as funções de responsabilidade, mas, no entanto, manter alguns deles, entre os mais submissos e adaptados à supremacia feminina, em situações aparentes de tomada de decisão, para mostrar aos seus semelhantes que teriam dificuldade em aceitar a sua dependência, mas que, felizmente, continuarão sempre a ser fáceis de enganar. Na família, será naturalmente necessário confiná-los às tarefas domésticas, mas, mesmo assim, concordar em orientá-los, pelo menos verbalmente, em certos campos manifestamente mais delicados, como a cozinha, por exemplo, e a decoração da casa. Da mesma forma, se a liberdade sexual total das mulheres e a poliandria devem ser universalmente institucionalizadas e não causar qualquer disputa, será necessário, apesar de tudo, tolerar, por exemplo, sob a forma de empréstimo com outra mulher ou sob o pretexto de formação erótica com um especialista, uma certa infidelidade dos seus maridos, dando assim a ilusão de uma certa reciprocidade. Tudo isto se enquadra no âmbito do bom senso e não colocará qualquer problema na recém-nascida Ginarquia. Mas ainda é necessário que cada Womyn saiba quais reações masculinas esperar daqui em diante durante os poucos anos ou décadas que nos separam do sucesso final e com que controle responder a elas. Um bom conhecimento teórico da etiologia e semiologia, da atual regressão psico-intelectual do homem dará às Womyn chamadas a guiar o advento da Ginarquia as bases teóricas necessárias para o uso dessas mesmas falhas intrínsecas masculinas em benefício da sociedade ideal em construção.

A degeneração psicológica debilitante que os homens da espécie humana sofrem hoje, assim como a sua manifesta estupidez progressiva, devem obviamente tornar-se as armas femininas para a mudança social radical em preparação. A tendência intrinsecamente masculina de descarregar responsabilidades, que se nota tanto nos políticos como nos simples pais de família (os primeiros descarregam nos técnicos, e ainda em alguns técnicos, todos os problemas técnicos incompreensíveis para eles, os segundos cedem às suas parceiras mais qualificadas a direção financeira, funcional e moral da sua família, que não conseguem assumir), será a chave para que as mulheres possam adquirir poder.

Quando, em todos os níveis de tomada de decisão da sociedade, do global ao familiar, o homem, como já está a fazer gradualmente, tiver a obrigação absoluta de consultar uma das mulheres sobre o assunto, bastará um pequeno golpe para que o mundo machista em declínio desmorone definitiva e irrevogavelmente.

2. Revolução ou reforma?

A teoria ginárquica, principalmente revolucionária, uma vez que visa uma revolução radical das práticas e dos sistemas de pensamento, admite, no entanto, que o seu advento pode ser feito sem violência, através de certas reformas relativamente pouco restritivas, como as que visam os domínios da saúde, da contraceção e da reforma. [95]

a) Saúde no sistema ginárquico.

O sistema de saúde do mundo moderno que desejamos terá de incluir aproximadamente as mesmas especializações médicas que existem hoje. No entanto, é a gestão da medicina conhecida como medicina geral, de consumo atual, que deve ser totalmente reexaminada. Os problemas de saúde que não pertencem aos campos especializados não podem ser abordados e tratados de forma satisfatória por especialistas que não tenham uma visão global da anatomia, fisiologia e psicologia das mulheres. É por isso que, para que um médico de clínica geral seja eficaz e não tenha de encaminhar incessantemente os pacientes para especialistas, é necessário que um internista tenha conhecimentos suficientes
formação especializada em ginecologia. O futuro da medicina de consumo em massa avança necessariamente por uma abordagem ginecológica aos problemas atuais de saúde. As mulheres beneficiarão, assim, de uma solução global e, ao mesmo tempo, personalizada para os seus problemas de saúde e serão finalmente tratadas como mulheres. Além disso, pode-se notar que o veterinário, que na medicina é excepcionalmente qualificado em todas as áreas, sofre uma limitação arbitrária do seu campo de atividades.
De facto, os cirurgiões veterinários
cirurgiões veterinários de hoje, que fazem verdadeiros milagres no que diz respeito aos cuidados com os animais, ganhariam consideravelmente em conhecimento prático e eficácia se pudessem, paralelamente, lidar com certos pequenos problemas médicos e/ou cirúrgicos dos seres humanos. De facto, não é terrivelmente pejorativo que um médico capaz de operar um gorila ou um cão em cirurgia cardíaca aberta e de curar febres violentas não tenha o direito de fazer um diagnóstico e prescrever uma aspirina comum ou um tranquilizante para um ser humano que precisasse disso? Obviamente, os cirurgiões veterinários poderiam felizmente assumir o cuidado da população

sem se preocuparem, por um lado, com a ginecologia geral, cuja necessidade vamos demonstrar, e, por outro lado, com áreas médicas especializadas, como a podologia.
Assim, poderíamos delinear três grandes famílias de especialistas: especialistas (ortopedistas, podólogos, etc.), ginecologistas clínicos gerais para mulheres e cirurgiões veterinários para animais e homens. A dicotomia entre medicina especializada e clínica geral, que já não corresponde à realidade médica contemporânea, será felizmente substituída pela tripla distinção funcional: medicina de especialidades para os problemas complexos de saúde, medicina geral e ginecologia para os problemas especificamente femininos e medicina veterinária com o seu campo de competência alargado, incluindo, em particular, os problemas médicos e cirúrgicos dos homens e os problemas específicos destes últimos (venerologia, castração repressiva ou com objetivo contraceptivo, eutanásia humana ou repressiva, etc.). Estas melhorias do nosso sistema de saúde teriam também como consequência, além de resultados médicos muito melhores, em particular para as mulheres, uma melhoria considerável do orçamento da Segurança Social, uma vez que, por um lado, as mulheres não precisariam mais, em geral e exceto em casos complexos, solicitar a intervenção de um especialista, bastando consultar apenas um médico (se não um clínico geral, então um ginecologista, como infelizmente ainda é o caso atualmente) e os homens poderiam razoavelmente esperar encontrar no cirurgião veterinário uma resposta para 99% dos seus problemas de saúde.

b) Contracepção na Ginarquia.

Apesar de todos os progressos da ciência moderna,

A castração continua a ser o método contraceptivo mais eficaz e mais barato. Isso é indiscutível. No entanto, este método contraceptivo método, devido, sem dúvida, à sua natureza definitiva e a algumas outras desvantagens menores, continua a ser pouco utilizado atualmente, especialmente, é claro, nas sociedades patriarcais que ainda permanecem, em particular na África. A ginocracia se encarregará de reabilitar e trazer de volta à moda essa prática saudável e eficaz. É óbvio que certas mulheres não acharão benéfico castrar os seus companheiros ou servos masculinos: são aquelas que só conhecem o prazer sexual vaginal e/ou que não conseguem satisfazer-se com substitutos fálicos para atingir o orgasmo. É certo que se trata de uma deficiência óbvia de conhecimento no que diz respeito à sexualidade feminina (mesmo de uma lamentável falta de práticas sexuais com instrumentos femininos e/ou parceiros do mesmo sexo), mas não se poderá condenar aquelas que, não desejando ter filhos, não exigirão esse sacrifício do seu parceiro masculino para preservar o uso dos mesmos corpos que lhes proporcionam prazer. Para preferir a castração com o preservativo, à pílula (ou aos contraceptivos vaginais moyenâgeux), é fisicamente necessário ser uma mulher psicologicamente livre e consciente da mediocridade do prazer obtido com o homem e ciente do enorme progresso feito no campo do prazer feminino por aparelhos eróticos
e afrodisíacos químicos. Além disso, na Ginarquia, o homem, mesmo castrado, pode ser facilmente condicionado com a execução regular de manobras eróticas, possivelmente acompanhadas de operações orais, que lhe permitirão satisfazer plenamente a sua parceira, em particular se esta tiver orgasmos principalmente clitorianos.

A mulher que não deseja ter filhos (ou mais filhos), seja por medo das dores do parto, preferência pela adoção ou predileção pela fertilização extrauterina com esperma selecionado, terá que escolher entre as duas técnicas comprovadas de castração dos seus machos:

1) a ablação apenas dos testículos (se a esposa ou a parceira do homem for heterossexual e/ou no caso acima referido).

2) a ablação completa do aparelho genital do homem (se a sua esposa ou parceira for exclusivamente lésbica ou, infelizmente, frígida).

N.B. Quanto às mulheres bissexuais, elas terão que especificar as suas preferências no momento em que preencherem o pedido oficial de castração do seu companheiro (e, em qualquer caso, pelo menos uma hora antes da operação).

A castração caiu indubitavelmente em desuso devido a todos os tabus machistas que rodeiam o prazer feminino (o safismo condenado ou reservado para revistas e filmes «para homens», os vibradores vendidos em lojas especializadas rodeados de um ar de vergonha, os afrodisíacos reservados aos homens e de circulação limitada, etc.).

Assim, ao dar novamente origem a este método contraceptivo extraordinariamente eficaz, a Gynarchie contribuirá, por um lado, para um aumento significativo do conforto das mulheres (sem possibilidade de «acidentes», sem IVG dispendiosas ou doses diárias cansativas de comprimidos, etc.) e, além disso, através da Deusa, dos aparelhos químicos e eróticos, com uma revitalização muito benéfica do erotismo feminino, como princípio motor do mundo de amanhã.

3. Outras medidas secundárias.

a) Supressão das formalidades administrativas relativas aos homens.

Toda essa gestão monstruosa e dispendiosa do Estado Civil (óbito, nascimento, casamento, etc.) não é necessária, pelo menos no que diz respeito aos homens. Uma simples declaração (num espaço reservado nos formulários da declaração anual de imposto de renda, por exemplo) por cada mulher, que tenha dado à luz ou enterrado um ou mais homens, seria suficiente a cada ano, em particular para as estatísticas. Muitos empregos femininos, como secretária da prefeitura, etc., seriam assim simplificados e se tornariam mais atraentes.

b) Redução da escolaridade dos homens.

O problema do ensino é crucial. A criação generalizada de I.M.E.G.[96] é de curso desejável mas medidas imediatas são essenciais. Não é útil, por exemplo, ensinar Artes e Literatura a um homem, cuja única função, no final dos seus estudos, será ser servo de uma mulher e/ou fazer trabalho manual para ela. De que serve ensinar uma língua estrangeira a um homem que, em última análise, terá de compreender apenas algumas ordens cuja tradução estaria em grande parte numa folha de papel (em pé!, deitado!, aqui!, lá fora!, lambe!, bebe!, come!, etc.) Após (ou durante) o treino psicológico do nosso pobre e miserável companheiro inferior, bastaria dar-lhe dois ou três anos de treino como aprendiz nas tarefas que lhe serão exigidas (em particular nas ciências domésticas e nos cuidados com o corpo feminino), juntamente com alguns conceitos elementares de moral e filosofia ginárquicas, para fazer dele um

homem completamente aceitável e funcional. O verdadeiro ensino científico e cultural, reservado às Grrls, tornar-se-ia realmente eficaz, apelativo e atraente. As profissões da Educação,
já quase completamente feminizadas, tornariam-se então menos dolorosas e atraentes, o que levaria, sem dúvida, muitas jovens mulheres a quererem praticá-las.

c) Direito de não assistência a homens em perigo ou sofrimento.

Uma simples recusa da recepcionista em aceitar, no hospital ou na clínica privada, homens não acompanhados pela mãe, irmã, concubina, tutora ou amante, reduziria consideravelmente a tarefa das enfermeiras e suas assistentes e também teria como resultado uma nova paixão por esse emprego feminino. Essa medida, com o tempo, poderia ser estendida ao lar de idosos. No entanto, seria desumano e pouco higiénico recusar aos homens o direito ao crematório.

d) Isenção das justificações para a eutanásia masculina.

Pôr fim à vida de um homem, com um objetivo obviamente caritativo ou higiénico, não deveria ser mais um ato sujeito a autorização prévia ou justificação posterior da mulher tomadora de decisão. As formalidades administrativas, legais e jurídicas que hoje bloqueiam a execução desse ato de piedade e/ou higiene social elementar tornam-no quase irrealizável por quem toma essa decisão, mesmo com pleno conhecimento da causa. Muitos se sentem obrigados a pôr fim ilegalmente aos dias de seus infelizes

companheiro, o que é inaceitável e obriga, por vezes, a mulher a recorrer a métodos engenhosos para atingir os seus fins sem temer incómodos administrativos. Uma simples declaração de honra, escrita à mão pela mãe, irmã, concubina, tutora ou amante, indicando, em consciência, a data e as razões da sua decisão, deveria ser amplamente suficiente para justificar moral e administrativamente este ato corajoso. Seríamos rapidamente aliviados de todos esses homens em mau estado físico ou mental, que nos sobrecarregam e, além disso, as vagas assim liberadas poderiam ser reservadas precisamente às mulheres e, naturalmente, em primeiro lugar àquelas que teriam praticado o ato de eutanásia criativa.
além disso, as vagas assim liberadas poderiam ser reservadas precisamente às mulheres e, naturalmente, em primeiro lugar àquelas que teriam praticado o ato de eutanásia criativa.

II - POR UMA GESTÃO EXCLUSIVAMENTE FEMININA DAS FORÇAS ARMADAS, DA POLÍCIA E DAS PENITENCIÁRIAS

Que os homens sejam os únicos a ir para a frente de batalha em tempo de guerra, enquanto as mulheres continuam a desfrutar da vida, sem eles ou com aqueles que permanecem, é um princípio cívico e social elementar
que ninguém pensa em questionar. No entanto, é provável que os nossos valentes soldados fossem muito mais eficazes se fossem subordinados exclusivamente a oficiais e suboficiais do sexo feminino, durante as operações terrestres ou durante o seu tempo de serviço ativo obrigatório. Vários elementos mostram-nos as vantagens inegáveis que resultarão de uma verdadeira supremacia feminina no corpo militar.

1 - Serviço militar.

Inicialmente, psicologicamente, o adolescente convocado para o serviço militar submeter-se-á muito mais facilmente a uma autoridade feminina que assegura uma continuidade entre a autoridade materna, da qual o filho se vê privado durante este período, e o poder absoluto sob a autoridade da sua senhora, quando for dado a ela em casamento. Passar da supervisão da mãe para a da esposa por intermédio de uma autoridade pseudo-viril é uma dessas aberrações a que os homens estão habituados nos setores onde ainda prevalecem.
Sem dúvida, é
Devido a essa estupidez, hoje em dia vemos tantos casais separados pelo divórcio(97),pois o homem perdeu temporariamente os valores da Autoridade Feminina e pensa que a sua masculinidade foi desonrada por estar novamente sujeito a uma mulher. No serviço militar, são ensinados quatro tipos de lições, e cada uma delas precisa ser inculcada nos jovens recrutas pelas oficiais mulheres.

a) Manuseio de armas.

As mulheres, devido à sua maior inteligência geral e ao seu tato natural, são mais capazes de compreender e, portanto, de ensinar o manuseio delicado que os mecanismos das armas exigem para serem utilizadas.
Por outro lado, a atração por armas mortais que são perfeitamente utilizáveis mesmo por meninas, nessa altura bem mais úteis para elas.

b) Treino físico.

Uma mulher sabe melhor do que ninguém quais são as tarefas

que deve atribuir aos seus companheiros, quer eles lhe sejam atribuídos como escravos voluntários, servos, amantes ou simplesmente
marido, e a que treino ele deve ser submetido para obter um bom resultado.
Em última análise e obviamente, a condição física dos homens (que é determinada apenas para que possam servir melhor as suas parceiras intelectualmente privilegiadas) é da competência das mulheres decidir e é bastante natural que estas últimas dirijam com mão de ferro os vários exercícios físicos obrigatórios dos seus subordinados.

c) A atribuição e supervisão das tarefas domésticas. Como senhora da casa (ou futura senhora, se se tratar de uma jovem rapariga), a mulher suboficial que se encarregará da distribuição e supervisão das tarefas domésticas ensinará aos soldados todas as tarefas indesejáveis [98] ou serviços que os esperam desde o início da sua vida conjugal ou da sua entrada ao serviço de uma senhora. É claro que a superiora de cada jovem recruta pensará no bem-estar futuro de todas as jovens mulheres que colherão os frutos da sua necessária severidade.

d) O treino da docilidade.
O serviço militar é o momento privilegiado em que o jovem chamado «se torna homem», com base na devoção que expressa. Isso significa o momento em que ele aprende realmente e concretamente a obedecer. As mulheres estão obviamente preocupadas, acima de tudo, que o treino básico masculino seja realizado da melhor forma possível. Pois, é claro, são elas que mais tarde irão colher os benefícios do bom treino dos seus companheiros do sexo inferior.

É, portanto, bom para elas supervisionar
conscientemente e a dirigir com firmeza esta segunda educação masculina. As oficiais Womyn, em particular, não se esquecerão de usar as várias punições que o exército coloca à sua disposição para subjugar as cabeças fortes, sabendo que as punições infligidas de forma inteligente, mesmo que por vezes injustas, ajudam em grande parte a forjar os caracteres disciplinados e flexíveis que elas gostariam de ver posteriormente.

2 - O papel das oficiais mulheres em tempo de guerra.

A guerra, se tiver de haver guerra, só pode ser bem conduzida pelas mulheres. Só elas podem avaliar e julgar a oportunidade do sacrifício de tal ou tal soldado. Uma vez que são elas que lhe dão a vida, só elas devem ter o direito moral de decidir o destino do homem cuja missão natural é ser sacrificado por elas.
É óbvio que uma oficial mulher que envia um soldado para a morte terá ponderado sabiamente os prós e os contras e terá avaliado humanamente as consequências da sua decisão, especialmente porque uma mulher sabe melhor do que ninguém o que homens bem treinados podem fazer.
Por último, está na natureza do homem sacrificar-se pela mulher e ela, ao dar uma ordem perigosa, mesmo enviando explicitamente um homem para a morte, tem muito mais hipóteses do que um soldado do sexo masculino de ser obedecida sem protestos.

3 - Polícia e prisões.

Em certos estados dos EUA, há vários anos que se vê com sucesso que se confia às mulheres

a guarda de prisioneiros do sexo masculino, incluindo aqueles em segurança máxima. Num relatório recente sobre as prisões americanas, foi possível ouvir o testemunho de vários supervisores penitenciários. Se uma guarda confessa exercer a sua autoridade sobre os delinquentes do sexo masculino com uma alegria que muitas vezes é partilhada pelos prisioneiros, outro admite abusar, por vezes, da sua autoridade sobre os prisioneiros mais difíceis da prisão e sentir um prazer inquestionável com esses abusos. Nos aposentos dos condenados à morte, as idas e vindas femininas, mesmo pontuadas às vezes por algumas brutalidades necessárias para com os mais recalcitrantes, são um alívio para aqueles que, após ações imperdoáveis, devem terminar muito em breve com a vida. Um sorriso feminino, mesmo irónico, traz sempre um pouco de suavidade aos últimos minutos dos condenados.

A força policial também ganha muito com a feminização progressiva em curso. As mulheres, mais compreensivas, têm um relacionamento muito melhor com a população civil. Quanto aos delinquentes, mais ou menos sempre em busca de uma reprimenda maternal, eles cedem muito menos facilmente às injunções de um policial do que às das policiais que encontram agora, o que permite que estas últimas também pareçam mais firmes e, consequentemente, muito mais eficazes.

Cada vez mais, as autoridades no poder escolhem mulheres para comandar os seus exércitos, polícias e prisões. Quase todo o chamado mundo ocidental, a partir de agora, estará sujeito, em algum momento, durante o serviço militar, à autoridade das suas mulheres, assim como os delinquentes e prisioneiros. A maioria dessas jovens voluntárias, devido à sua superioridade natural, está quase toda incorporada nas fileiras ou nos níveis mais altos da hierarquia militar, policial ou administrativa. Por enquanto, os

jovens convocados e muitos dos delinquentes têm relativamente pouco contacto com o sexo superior e geralmente têm de se submeter à triste autoridade mal utilizada dos machos. Mas, felizmente, o jovem recruta, o prisioneiro ou o criminoso às vezes cruza o caminho dessas mulheres de autoridade, que também lhe proporcionam o seu uniforme e a sua patente. Então, timidamente, o jovem soldado, assim como o prisioneiro, assume a posição de respeito que lhe é devida, fica em sentido e se sente no sétimo céu quando ela retribui a sua saudação, às vezes com um sorriso condescendente.

III - GINARQUIA E PLENO EMPREGO 1 - O

Homem.S.O.U.M.

a) Uma ajuda para as jovens solteiras é ativada Principalmente, os eleitores europeus são favoráveis a medidas governamentais drásticas a favor do pleno emprego e contra o desperdício de subsídios de desemprego. As ginarquistas também são a favor disso. Em particular, a «Gynarchy International» propôs a ideia do Man.S.O.U.M. (MANdatory Service Of Unemployed Males, Serviço Obrigatório para Homens Desempregados), que conta com uma onda de simpatia muito forte, tanto por parte dos contribuintes, cujos impostos são usados para compensar os desempregados, como por parte das mulheres trabalhadoras, primeiras beneficiárias desta futura medida.
Recordemos que irá funcionar em todo o mundo, obrigando os homens solteiros, requerentes de emprego, em troca dos subsídios que recebem do Estado, a um período de trabalho obrigatório, de mais ou menos trinta horas por semana, que deverão realizar no domicílio e sob a autoridade de uma mulher solteira e trabalhadora.

Esses serviços podem ser de qualquer tipo, incluindo meramente domésticos, e oferecerão a imensa vantagem de evitar a ociosidade, por vezes perigosa, do jovem desempregado, ao mesmo tempo que promovem a independência e o trabalho das mulheres.

b) Uma solução para o divórcio do desempregado

É claro que, apesar das excelentes bases desta futura lei, provavelmente será difícil evitar alguns abusos. Alguns diretores locais da agência de emprego não deixarão de usar os seus poderes legais, não só para tirar proveito pessoalmente dos serviços dos melhores requerentes do sexo masculino, o que é relativamente natural e não terá praticamente nenhuma consequência, mas também para PUNIR a maioria dos desempregados divorciados cuja gestão dos subsídios e do trabalho obrigatório lhes caberá.

Na verdade, é provável que alguns líderes desta organização, gynarquistas confirmados ou convertidos, tenham o prazer de atribuir a qualquer mulher divorciada o seu ex-marido (se, é claro, ele beneficie de um subsídio de desemprego) para que ele realize todas as tarefas domésticas ou outras que a sua ex-mulher lhe pedir. Estas novas relações entre o ex-marido subordinado à sua ex-mulher, que se torna a sua gerente, terão sem dúvida resultados muito positivos. Algumas mulheres aproveitarão a sua nova autoridade para reconquistar um marido volúvel e outras, mais calculistas, para instituir uma relação de forças a seu favor, de tal forma que o desempregado se verá quase obrigado a submeter-se para sempre ao seu uso, para maior satisfação mútua. Outras mulheres, mais perfeccionistas, desejarão os serviços dos seus ex
- marido na sórdida meta de se vingar por um

divórcio complicado.

Assim, graças ao Man.SO.U.M., muitas, reunindo-se em parte para transformar legalmente o seu ex-marido num servo, provavelmente não se contentarão com isso e prosseguirão dia após dia com uma destruição psicológica e sistemática do ser fraco e intrinsecamente inferior que a lei terá devolvido às suas mãos.
Muitos desses homens tornar-se-ão fantoches nas mãos de uma mulher casada por acaso e enganada acidentalmente. Ele tornar-se-á presumivelmente seu escravo e aceitará rapidamente, após um mínimo de condicionamento ginarchista, permanecer permanentemente no domicílio da sua nova gerente, e sem limitação do tempo de trabalho.
Aproveitando completamente a sua superioridade social e psicológica sobre os seus ex-maridos, as mulheres divorciadas poderão facilmente e legalmente receber, na sua própria conta bancária, a totalidade dos subsídios de desemprego dos seus dóceis servos.
E se os antigos amigos do novo servo tentarem, com a autorização divertida do seu gerente, discutir com o homem recém-submetido, ele, graças às virtudes de um tratamento psicológico ginárquico eficiente, confessará a eles estar plenamente consciente do mal que fez à sua ex-esposa durante o divórcio e estar muito ansioso para reparar o mal que lhe causou. Finalmente, muito satisfeito com o seu destino, tratado de forma justa e sem severidade excessiva pela sua ex-mulher, ele finalmente descobrirá o seu verdadeiro lugar, permanecendo ao serviço dela.
Quanto à nova empregadora da pessoa desempregada, ela só se mostrará encantada com o seu servo e a sua nova relação, muito mais em conformidade com os seus temperamentos recíprocos do que uma união superficial e estéril.

.
Os diretores da ANPE ficarão igualmente encantados com esta reviravolta dos acontecimentos e sentir-se-ão certamente como fadas que devolvem a vida a casais separados.

c) Rumo ao pleno emprego dos homens

Assim, muito rapidamente, mesmo fazendo abstração do caso especial e particularmente lucrativo do desempregado divorciado, os solteiros do sexo masculino, em particular os jovens, serão formados então provavelmente sem problemas pelos seus jovens gestores reciclados em empregos de serviço, se, no entanto (e como é provável na maior parte dos casos), eles não preferirem manter os seus subsídios e trabalhar como servos pessoais de uma jovem mulher, para quem poderão contribuir para o sucesso pessoal ou, pelo menos, para o conforto e bem-estar que ela naturalmente merece.

Assim, assim que atingirem a idade oficial de entrada na vida ativa, todos os jovens do sexo masculino serão muito rapidamente e totalmente designados para as tarefas que lhes são apropriadas. Aqueles que não encontrarem lugar nas quintas ou nas fábricas de produção, transporte e manutenção, ver-se-ão, por um lado, devidamente remunerados e, por outro, utilmente designados para o serviço de alguma jovem mulher, num ambiente industrial ou administrativo, na atividade do comércio artesanal ou numa profissão liberal.

2 - Quintas masculinas.

A tecnologia moderna, ainda mal explorada, mais uma vez devido ao pequeno número de homens que ainda ocupam cargos de decisão, permitirá à ginocracia reinante proceder muito facilmente a grandes

concentrações da população masculina. De facto, a técnica, agora aperfeiçoada ao ponto, do implante eletro-cerebral, torna completamente possível a vigilância de várias centenas de trabalhadores masculinos por uma pequena equipa de uma dúzia de supervisores suficientemente equipados. Inicialmente, um microfone-transmissor numérico será implantado, com segurança, no cérebro de cada homem a ser supervisionado eletronicamente. Este implante eletrónico, equipado com um código personalizado, será localizável por radar do tipo parabólico a uma distância de várias dezenas de quilómetros. Em cada um dos monitores [99]que reproduzem a imagem do radar, os supervisores terão uma visão precisa da situação geográfica de cada microemissor e, portanto, de cada homem e, graças aos códigos exibidos nos seus ecrãs, da identidade de cada um dos sujeitos masculinos em cada local.

É, portanto, desnecessário colocar em perigo o restante da sociedade ginárquica e poder proceder a grandes concentrações de homens, em particular na zona agrícola, onde isso se torna necessário no contexto de uma produção agrícola extensiva e ecológica de qualidade. Será possível isolar assim, em vastas quintas, como no exemplo dos kolkhozes soviéticos, os trabalhadores agrícolas selecionados pelos consultores profissionais, os homens recalcitrantes na ginárquia, e fazer-lhes justiça.

O computador da fazenda masculina substituirá a supervisão rigorosa dos guardas, o que será vantajoso e menos perigoso para eles. Mensagens de ordens digitais [100]serão distribuídas aos machos ao longo de seu dia de trabalho por meio de alto-falantes situados em toda a extensão da fazenda. Seus deslocamentos serão permanentemente visíveis no monitor e registrados diariamente. O controle do trabalho realizado será feito, sempre que possível, por

circuito de vídeo (nos celeiros e nas oficinas) e pela verificação direta dos supervisores (após, é claro, o regresso dos machos aos seus estábulos) onde o controlo de vídeo é difícil, em particular nos campos.

Com o seu computador, um supervisor qualificado deve ser capaz de dirigir cerca de mil homens, por vezes enviando-os para tal ou tal campo, depois trazendo-os de volta para os chuveiros coletivos, o refeitório ou os dormitórios. Da mesma forma, equipados com as armas sofisticadas necessárias para a sua profissão e tendo um veículo especial ou um pequeno helicóptero bem equipado, apenas um ou dois outros supervisores serão responsáveis pela repressão dos homens que infringirem os regulamentos ou por lidar com os homens que forem demasiado preguiçosos. Por fim, uma ou duas mulheres suplementares devem ser suficientes para gerir a vida diária dos trabalhadores masculinos da Quinta, a encomenda e distribuição de alimentos, as condições sanitárias, a retirada ou eliminação de quaisquer elementos perturbadores, etc. No geral, portanto, considerando o período máximo de trabalho feminino recomendado pelas ginarquistas [(101)] (três vezes seis horas semanais), duas ou três equipas de doze supervisoras seriam amplamente suficientes para dirigir uma fazenda de mil cabeças [(102)] .

Obviamente, nas nossas Quintas, para evitar a depressão dos machos, devido à quase ausência contínua de fêmeas, e para elevar da mesma forma a agressividade masculina que só pode ser moderada pelas mulheres, o grupo de trabalhadores deve viver num ambiente exclusivamente feminino e estar permanentemente imerso numa feminilidade ambiental omnipresente. As vozes dos altifalantes, como vimos, serão naturalmente femininas e sugestivas, mas também a

decoração das bancas e dos vários outros locais de vida dos machos deve ser feita exclusivamente com retratos de mulheres, ilustrações ginarquistas e gráficos que realcem a feminilidade reinante.

As distrações (essencialmente audiovisuais) dos homens devem centrar-se completamente nas mulheres: estudos sobre a psicologia ou a sexualidade do género feminino [103] , documentários sobre a vida quotidiana das mulheres no sistema ginarquista, biografias de mulheres famosas ou anónimas, filmes que enfatizam as realidades femininas do dia a dia, a progressão do nível de vida das mulheres, etc.

Assim, pacificamente e sem despesas públicas excessivas, e sem ter que mobilizar muito esforço feminino, os homens degenerados e recalcitrantes poderão trabalhar de forma útil para o conforto das suas companheiras superiores e para o seu abastecimento de boa comida, contribuindo eficientemente para a supressão do desemprego.

3. A semana feminina de 3 dias.

Em vez de se afogar em controvérsias intermináveis sobre a redução da quantidade de horas de trabalho semanais, alguns afirmando a impossibilidade dessa reforma e outros optando por uma semana de trabalho de 39, 37, talvez 35 horas, o pensamento político ginarquista traz novas propostas e soluções cuja lógica deve levar a um acordo entre todos os políticos reacionários e os pseudorrevolucionários.

A redução do tempo de trabalho deve, obviamente e com toda a razão, beneficiar em primeiro lugar a fração da população que mais necessita e que será mais capaz de utilizar esse tempo livre suplementar, ou seja, obviamente,

às mulheres. Por terem a responsabilidade da educação dos filhos, porque a sociedade lhes deve preeminência social e política, as mulheres são as mais capazes de lucrar de forma inteligente e frutífera com a diminuição de dois dias semanais do tempo de trabalho.

Como seria impossível diminuir o horário de trabalho para todos sem prejudicar a produtividade necessária do país e considerando os múltiplos pontos de vista que se confrontam nesta questão, é necessário criar novos empregos por meio dessa redução da duração do trabalho de alguns. A solução é criar dois tipos de semana de trabalho: uma reservada aos homens e estritamente orientada para a produtividade e o rendimento, e outra reservada às mulheres e liberada ao máximo das restrições sociais e profissionais, centrada na educação, cultura e lazer.

A Ginarquia propõe, portanto, numa primeira fase intermédia, combinar uma semana de trabalho «masculina» de cinco dias completos com uma semana de trabalho «feminina» de três dias modificáveis. O tempo livre assim concedido às mulheres permitirá que elas tenham tempo livre substancial para o benefício dos seus filhos, negócios públicos e seu florescimento pessoal, e também para criar um programa massivo de contratação de homens e jovens desempregados de longa duração.

É claro que problemas locais provavelmente surgirão com a instituição oficial de uma semana feminina de três dias. Será necessário, sem dúvida, prever um sistema de compensação temporária que permita às empresas ou administradores estender a semana masculina para seis ou seis dias e meio de trabalho, uma medida que seria, obviamente, apenas temporária. Mas, durante esse período de adaptação inevitável, o desemprego desaparecerá. Todos os inativos acabarão por encontrar trabalho. As mulheres poderão

de aproveitar o tempo livre assim liberado para melhorar não apenas o seu conforto, mas também o de suas famílias, em cujo ambiente crescem e evoluem social e profissionalmente.

Assim, verifica-se que, com estas poucas medidas simples e eficientes (às quais se acrescentarão aquelas, mais elevadas, relativas ao Ensino e ao direito à eutanásia dos homens[104])), a Ginarquia resolverá a maioria dos problemas humanos e sociais, incluindo o mais crucial do nosso tempo, que por vezes torna a vida das Mulheres impossível, esta verdadeira lepra do desemprego.

IV - GINARQUIA E ESPIRITUALIDADE. - DEIFICAÇÃO DAS MULHERES E O

1) O escravo masculino: animal, vegetal ou mineral?

As mulheres dominantes, proprietárias de um ou mais escravos, têm frequentemente uma visão demasiado sumária da psicologia dos homens que as servem. Têm tendência (mas é uma reação muito normal assim que se começa a praticar a submissão dos homens) para comparar o seu escravo a um objeto, a um robô doméstico desprovido de sentimentos ou psicologi . É um erro científico [105]. É certo que o homem submisso tem uma psicologia muito rudimentar, que o compara mais a um animal do que a um ser humano. Uns educam-no como um burro com cenoura e chicote, outros treinam-no como o cavaleiro treina o seu cavalo de circo, outros ainda fazem-no agir por reflexo condicionado, como os cães de Pavlov... Isto é perfeitamente exato. No entanto, o seu sistema de pensamento merece, ainda assim, alguma análise, por mais curta e breve que seja.

O submisso tem de interiorizar os gostos e as ideias da sua Senhora, enquanto tenta ao máximo aproximar-se dela, através da imaginação permanente e em tempo real, dos seus sentimentos de Mulher superior, dos quais ele naturalmente não pode ter a menor ideia. Este aperfeiçoamento psico-sensorial, para além do qual o submudo tem de ser permanentemente compelido a caminhar em direção ao ideal feminino (ao qual ele, evidentemente, não pode aspirar), também pode ser transcendido numa renúncia cognitiva progressiva.

O seu estado híbrido, semi-humano semi-animal, é muitas vezes desconfortável para o escravo. O seu espírito sempre tendia para os sentimentos desconhecidos e fora do seu ataque que testam as Mulheres superiores, e a sua Senhora em particular, o trabalho que ele realiza diariamente para ela e a adoração que lhe dedica em silêncio, sem dúvida o ajudam a viver a sua inferioridade natural e o seu destino servil, mas, infelizmente, não podem ser suficientes para fazê-lo esquecer a sua profunda inutilidade genérica. É por isso que, muitas vezes sob o impulso de uma Senhora um pouco psicológica, mas às vezes por algum impulso pessoal, envolve o escravo num verdadeiro processo de reificação que está muito longe de ser prejudicial, tanto para ele como, a fortiori, para a sua Senhora.

Parece-nos que existem três grandes etapas nessa interessante «coisaificação» do homem.

a) O primeiro é, até certo ponto, um «passo de parede». O submasculino entra numa casa ou num apartamento ao qual ficará preso (no sentido ilustrado, mas também muitas vezes no sentido literal). Ele pertence à residência da sua Senhora tanto quanto ela própria. O seu horizonte de vida (que se tornou principalmente doméstico) é limitado pelas paredes da casa dela e uma das principais tarefas que ele

tem de realizar é cuidar da limpeza e da organização de tudo o que está fechado entre essas paredes. A sua primeira identificação com o espaço real em que se encontra, às vezes ao qual está definitivamente ligado [106] , é um primeiro passo no processo de reificação do homem subjugado.

b) A segunda fase é um «degrau móvel». O homem está preso a um lugar, e a sua principal função é cuidar da manutenção desse lugar e do que ele contém, às vezes porque é maltratado ou simplesmente ignorado pela população feminina, que acredita que ele deve ser útil ou, muitas vezes, graças a uma consciência aguda e intrínseca da sua inferioridade natural, sente-se obscuramente como é do ponto de vista utilitário e psicologicamente muito mais próximo das peças de mobiliário da casa do que das mulheres, muito superiores a ele, que vivem lá regularmente. Além disso, ele aceita muito facilmente (até aprecia desde os primeiros dias da sua escravidão!) ser usado longamente como qualquer outra peça de mobiliário da sua Senhora (banco, candeeiro, mesa, guindaste, etc., as possibilidades móveis de um homem são inúmeras...) [107]. Essas outras peças de mobiliário, que são, em última análise, as suas principais companheiras, podem também tornar-se suas rivais. Um bem subjugado usado como apoio para os pés por uma mulher terá em mente permanecer pelo menos tão estável quanto um banquinho de madeira vulgar. Ele ficaria chateado ao ver a sua Senhora preferir o seu companheiro vegetal a ele mesmo! Por outro lado, ele ficará orgulhoso de poder, ao contrário do seu colega cabide, avançar até aquilo que terá suspendido, por exemplo, as suas roupas de chuva e o seu boné com os braços estendidos ou na cabeça. Pouco a pouco, esta função móvel do homem deve dar lugar a todas as suas

outras funções mais animais até que, por exemplo, não acredite mais que é um escravo lavando a roupa de sua Senhora, mas sim uma máquina de lavar aprimorada ao longo do uso por esta ou aquela Mulher que sabe fazê-la funcionar.

c) Em terceiro lugar, está a assimilação à coisa. Por último, com a ajuda do seu fetichismo, o escravo é frequentemente levado a invejar ou a ter ciúmes das roupas ou da roupa interior da sua Senhora, especialmente quando esta lhe proíbe qualquer contacto direto com o seu corpo divino de Mulher. Durante a lavagem à mão de uma blusa ou calças, ou durante a afiação meticulosa de um vestido, o submudo imaginará essa bela roupa colada à pele da sua Senhora, aproximando-se incessantemente do seu corpo e das suas formas, impregnando-se do seu perfume e do seu odor íntimo, todos prazeres proibidos para ele. Então, ele apreciará muito mais a escolha que uma mulher pode fazer ao escolher um armário de parede como local adequado para colocar o seu escravo. Os estágios superiores deste armário de parede são reservados para as roupas, roupas íntimas ou sapatos da sua Senhora, enquanto o estágio inferior é destinado ao macho durante os seus períodos de descanso ou quando a sua presença é indesejável nas áreas residenciais das mulheres. Lentamente, mas inevitavelmente, o submacho se objetiva e se torna uma coisa útil. O processo de reificação está concluído.
Um objeto «pensante», certamente, mas objeto mesmo assim, o homem ganha muito rapidamente com o facto de ser «coisa» e ser comparado ao restante enxoval da sua Senhora. Aqui tudo ganha clareza com estas relações Mulher/homem (ou Senhora/escravo, o que dá no mesmo). Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar, conhecido como sabedoria popular. A Mulher dominante

escolherá penetrar essa máxima no que é usado como cérebro por seu escravo, enquanto o faz entender bem que ele realmente se tornou uma coisa, a coisa dela, e que deve permanecer definitivamente em seu lugar de coisa, para deixar viver as Mulheres em seu lugar de Mulheres.

2) Outro processo para a reificação masculina: controles ON/OFF e STANDBY para escravos

Para viver em harmonia com o seu escravo, é de extrema importância para uma Senhora inventar e impor um código, às vezes um ritual prático, que lhe permita colocar o seu submisso fora de serviço quando não precisar dele ou, mais simplesmente, sempre que a sua presença ou a sua atividade a incomodarem. Com a maioria dos seus aparelhos elétricos ou eletrónicos domésticos, uma Mulher geralmente tem à sua disposição alguns controlos, interruptores ou botões, geralmente identificados com as palavras ON/OFF ou I/O.
Infelizmente, esse não é o caso do seu escravo natural, o homem. Quando a nossa Mãe Natureza criou o homem para atender às necessidades da sua companheira superior, ela não decidiu equipá-lo com tais mecanismos, por exemplo, na testa ou na nuca. As mulheres devem, portanto, criar por si mesmas dispositivos especiais para provocar resultados semelhantes ou idênticos com os seus servos humanos.
É certamente possível que uma Senhora tenha a representação de um interruptor elétrico tatuada na testa ou na maçã do rosto do seu escravo. O desenho pode ter a inscrição ON/OFF ou qualquer outra terminologia clara. O homem é então instruído a realizar imediatamente certas ações, sempre que a ponta do dedo de uma Mulher tocar essa parte do seu corpo (por exemplo: ir para o seu canil, o seu armário ou qualquer outro local que lhe tenha sido designado).

posicionando-se ali de acordo com as ordens previamente dadas pela sua Senhora, e permanecer imóvel e em silêncio até que um dedo feminino toque novamente no mesmo local). As mulheres que não gostam de complicações encontrarão uma vantagem neste método: os procedimentos ON/OFF são idênticos para todos os aparelhos utilizados. Além disso, acelera o processo de reificação, reforça o estatuto do submisso como uma coisa e o persuade ainda mais, se possível, de que ele é, por natureza, um objeto possuído. No entanto, algumas mulheres, por razões estéticas ou por temerem comentários negativos, não recorrem a tais marcas ou tatuagens. Elas usam um código oral (conexão/desconexão, por instância, ou escravo ligado/escravo desligado) que, quando recebido pelo chamado cérebro do escravo, através do seu canal auditivo, produz um efeito semelhante. Isto poupa o custo da tatuagem e evita o pequeno dano estético. No entanto, tem a inconveniência de obrigar a Senhora a dirigir-se constantemente ao seu escravo, um processo que muitas vezes o leva a esquecer que o seu estatuto em relação às Mulheres é apenas o de um objeto. Não comentaremos a seguinte decisão, que pode ser um pouco extrema e, em qualquer caso, de difícil implementação, de uma Senhora lésbica que queria privar o seu escravo de quaisquer características humanas. Ela mandou tatuar o seu torso com controlos sensoriais correspondentes a cada uma das funções domésticas que lhe tinha atribuído. Durante os primeiros dias, o escravo precisava de olhar para o local que era tocado pelo dedo indicador da sua Senhora para saber o que ela esperava dele. No entanto, os seus erros iniciais eram sistematicamente punidos e, rapidamente, reflexos do tipo pavloviano, inconscientemente validados, substituíram esses poucos segundos de reflexão. Desde então, sempre que um dedo indicador feminino toca num desses controlos desenhados

no seu torso, o escravo imediatamente se dedica à tarefa que se espera dele. Não é irracional pensar que em breve, com alguns homens supertalentosos ou dotados de boa memória, todas as mulheres serão capazes de programar os seus escravos, mesmo por vários dias! Parecerá um sonho para todas as amantes modernas que desejam melhorar o seu conforto que tal progresso tecno-psicológico só requer, para ser possível, um pouco de imaginação e know-how.

Além do controlo liga/desliga para o(s) seu(s) escravo(s), uma mulher dominante deve definitivamente planejar ter um controlo STANDBY. Na verdade, ela pode precisar ser capaz de desativar um homem temporariamente, por um curto período, sem ter que enviá-lo para o local designado, muitas vezes de difícil acesso e distante de onde sua(s) amante(s) mora(m). O controlo de standby do escravo (ou o sensor tatuado no seu corpo) deve corresponder a uma única posição (em geral ajoelhado com a cabeça baixa), com total ausência de movimento e silêncio absoluto. O escravo não deve ter de se afastar para assumir esta posição. O controlo é extremamente útil quando se recebe uma chamada telefónica, uma visita inesperada e em milhares de outras situações.

Uma mulher que domina essas duas funções passivas para o seu submisso poupará muito tempo e evitará muitos aborrecimentos, como presenças indesejadas, ruídos domésticos desagradáveis, etc... Há apenas uma desvantagem para as amantes descuidadas: elas podem muito bem esquecer em que ponto da casa desligaram o seu submisso. Felizmente, isso acontece raramente...

3) Deificação feminina

Essa reificação progressiva e necessária dos homens num sistema ginárquico é o corolário inevitável da

deificação natural das mulheres, que virá juntamente com a sua ascensão definitiva ao poder.

Desde o início, a mulher foi deificada. A Deusa-Mãe é a primeira e única divindade que a mente humana pode conceber. Um famoso texto de Simone de Beauvoir descreve isso claramente:

Ela é a rainha dos Céus, representada como uma pomba; ela também é a imperatriz do Inferno, rasteja para fora do Inferno, simbolizada como uma cobra. Ela é vista nas montanhas, nas florestas, no mar, nas nascentes. Em todos os lugares ela cria vida; se ela mata, ela dá vida novamente. Ela é caprichosa, luxuriosa, cruel como a Natureza, ao mesmo tempo propícia e temível, ela reina sobre toda a Égida, Frígia, Síria, Anatólia, sobre toda a Ásia Ocidental. Ela é chamada de Ishtar na Babilónia, Astarte pelos povos semitas e Gea, Rhea ou Cibele pelos gregos; ela pode ser encontrada no Egito sob a aparência de Ísis; as divindades masculinas são subordinadas a ela. As mulheres na ginocracia, como mulheres, terão naturalmente uma tendência para a autodeificação, considerar-se-ão como o princípio motor do mundo e da sociedade. O amor lésbico, que, como vimos, em breve se tornará comum e, depois, a regra geral, facilitará rapidamente a compreensão da divindade feminina. Os homens, à medida que forem progressivamente transformados em coisas na sociedade feminina em que viverão, também terão uma tendência a considerar todas as mulheres, sejam elas jovens ou velhas, bonitas ou feias, como deusas a serem temidas e adoradas com devoção. A sua submissão será, assim, ainda mais absoluta e espiritualmente justificada.

A ginarquia não será, então, apenas um sistema social e político que alcança a perfeição através da transcendência humana. Ligada tanto ao terreno como ao divino, será um Ideal universal.

CONCLUSÃO

GINARQUIA, UMA UTOPIA REALISTA

Assim, a Ginarquia é uma utopia realista e implementável. As mulheres irão instaurá-la ao longo do século XXI, utilizando as quatro referências que expusemos brevemente aqui.

No passado, quando as únicas referências eram a Natureza e a Autoridade natural das Mães e, portanto, das Mulheres, a Humanidade vivia em paz e harmonia. O advento do patriarcado mergulhou o mundo no caos e na guerra. A ascensão ao poder dos homens foi imediatamente seguida pela instauração da injustiça e da miséria. É, portanto, retornando às fontes da Natureza, ao poder feminino natural, que a raça humana pode ser regenerada. O mundo, nascido da mulher, deve regressar humildemente a ela para se salvar.

A filosofia ginárquica é moderna e pragmática. É mais lógica do que qualquer outro sistema de pensamento, porque é eterna. A concepção do mundo induzida pela ginarchia é resolutamente positiva, voltada para um futuro feliz e pacífico, onde até os homens colherão com alegria os doces frutos da sua submissão da magnífica árvore da feminilidade vitoriosa e todo-poderosa. Os homens, condenados para sempre a viver à sombra das mulheres, reencontrarão na sua abnegação o seu bem-estar natural como escravos privados de quaisquer responsabilidades.

O futuro, finalmente, é decididamente feminino. Os homens estão cada vez mais conscientes das suas deficiências intrínsecas. Cada dia que passa aumenta o fosso entre a mulher e o macho da espécie, cuja degeneração progressiva se torna visível até aos seus próprios olhos. A agenda política proposta pela ginocracia para uma renovação social é ao mesmo tempo simples, revolucionária, cheia de sentido prático e longe de qualquer demagogia política.

Ninguém, no fundo do seu coração, jamais desconheceu que o futuro é ginárquico. O que tentámos fazer aqui foi promover esta mensagem de forma escrita e militante.

MULHERES DE TODO O MUNDO, UNAM-SE!

A escravidão dos homens começou.
O nosso reinado está finalmente a chegar.

VIVA A GINARQUIA!

NOTAS

1. Jan Jakob BACHOFEN (1815-1887), antropólogo e advogado suíço, estudou especialmente a passagem do matriarcado primitivo para o patriarcado, em *Le Droit des mères*, 1861, e *Das Muterrecht* (Cf. Bibliothèque Nationale sob a referência 8°R44461).

2. *Le Deuxième Sexe*, Paris, Gallimard, 1949.

3. Ibid.

4. Leia *Les Femmes avant le patriarcat*, Paris, Payot, 1976, bem como *Le Féminisme ou la mort*, Paris, Pierre Horay, 1974.

5. Leia *Amazones, guerrières et gaillardes*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1975.

6. A etimologia da palavra tem sido contestada. A sua raiz significa, de facto, em grego antigo, seios ou mamilos. Mas o problema reside no prefixo: ou é o privativo «a» (segundo a lenda, as amazonas cortavam ou comprimiam os seus seios direitos para melhor atirar com os seus arcos) ou o aumentativo «a» (as amazonas também eram conhecidas pela sua beleza significativa). Outras etimologias foram sugeridas, tais como: mulheres com um seio velado (apenas um seio visível), mulheres que comem carne (não vegetarianas ou canibais), mulheres com o cinto (de Ares), mulheres que se amam (lésbicas), etc.

7. Na época de Diodoro, a Líbia abrangia quase toda a África do Norte. Assim, sem grande esforço de imaginação, poderíamos situá-los numa terra delimitada a norte pelas montanhas Hoggar (onde se encontram muitos vestígios matriarcais, em particular entre os tuaregues, cuja nobreza é transmitida pelas mulheres), a leste pela Cirenaica, a atual Líbia, até à Etiópia, e a sudoeste pelo Golfo da Guiné (que faz fronteira com o antigo Daomé, onde, na viragem do século XX, um exército de amazonas ainda dominava).

8. As numerosas rainhas abissínias e as amazonas da Eritreia comprovam igualmente a realidade histórica do matriarcado na Etiópia.

9. Heinrich Von Kleist equilibrou o mito na sua *obra Penthésilea* (traduzida para o francês por Julien Gracq, Paris, José Corti, 1954). Nela, Aquiles morre,

vítima da força, da ferocidade e da beleza de Pentesilea.

10. LE FEL, Marie-France, *Petit Dictionnaire historique et pratique de la domination et du sadisme des femmes*, Robert Laffont, Paris, 1981. p

11. Chevalier-Gheerbrant, *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont, p.28.

12. MARCIREAU, Jacques, *Histoire des rites sexuels*, Paris, Robert Laffont, 1971. p. 175.

13. Esta anedota pode explicar por que razão as imensas conquistas de Alexandre nunca incluíram este pequeno território a nordeste da Ásia Menor, no sopé do Cáucaso, a pátria ancestral das Amazonas.

14. Ver o *Grand Larousse du XIXe siècle*, o *Petit Dictionnaire* de Marie-France LE FEL (op.cit.) e os belíssimos romances de Marika MORESKI (*The Amazon*) e Christiane SINGER (*La Guerre des Filles*).

15. EAUBONNE, Françoise d', *Les Femmes avant le patriarcat*, op. cit. p. 70.

16. Sociedade para Cortar Homens.

17. Charlene DEERING, uma nova Amazona, também lésbica, é a fundadora e Grande Sacerdotisa da Femina-Society. Entre os seus numerosos escritos, pode-se ler estas palavras: *Eu acredito na Supremacia Feminina. Todos os homens devem estar aos pés de mulheres verdadeiramente dominantes. Os homens nascem para serem escravos das mulheres, e esta é a ordem social que está por vir. Os homens têm medo da superioridade feminina e é por isso que tentam condená-la sempre que podem. O seu pior crime foi convencer algumas mulheres de que os homens são superiores! Estou feliz por saber que sou uma mulher dominante e que os meus escravos realmente desejam sofrer por mim e aprender graças ao meu vasto conhecimento no campo da supremacia feminina* (FEMINA - *a voz da autoridade feminina*, nE5, primavera 92).

18. Citado por Chevalier-Gheerbrant (op. cit.).

19. Op. cit. p. 50.

20. Alguns até a qualificam como a «primeira ginárquica moderna». Mulher muito bonita, gostava de estar rodeada de favoritos, que a serviam

e que ela frequentemente tratava mal. Ela mandou assassinar um amante inconstante na sua frente pelo seu substituto. Talvez por ser intrinsecamente lésbica, nunca deixou de defender a preeminência feminina.

21. E os seus maridos figurantes, é claro...

22. Simone de BEAUVOIR, op. cit. p. 180.

23. Chamado de Pai Enfantin (1796-1864), um engenheiro francês e seguidor de Saint-Simons.

24. Teórica feminista nascida em Minnesota em 1934, assumiu a missão de lutar contra os homens nos EUA e denunciar o seu repugnante machismo.

25. Movimento pela castração dos homens.

26. Sobre os benefícios da escravidão sexual para os homens, é interessante ler um pequeno livro de Michel PLESSIER, Eloge de la servitude, publicado em 1994 pela Spengler.

27. *Du bon usage des masochistes (Sobre o bom uso dos homens masoquistas)*, Paris, Diachroniques, 1987.

28. Heinrich Cornelius AGRIPPA VON NETTESHEIM, médico cabalista e filósofo alemão que escrevia em latim (Colônia, 1486 - Grenoble, 1535). As suas obras *De occulta philosophia* (1529) e *De incertitudine et vanitate scientarium* (1527) obtiveram grande sucesso durante o século XVI. Foi médico da mãe de Francisco I e historiógrafo de Carlos V.

29. Leia sobre isso o excelente ensaio de Simone de Beauvoir, *Le Deuxième sexe (O Segundo Sexo)*.

30. Veja o artigo WLASTA do *Petit dictionnaire historique et pratique de la domination et du sadisme des femmes*, de Marie-France LE FEL, e para teses que podem consultá-lo, o *Grand Larousse du XIXe siècle* .

31. Assim, Maria de Champagne, no final do século XII, exige que Christian de Troyes, o herói do Cavaleiro da Carroça, se ridicularize em público por sua beleza em nome do amor.

32. Marguerite (1480-1530), filha do imperador Maximiliano, foi uma admirável governadora dos Países Baixos e uma temível política. Ela concluiu com a duquesa de Angoulême a famosa Paz das Damas e deixou muitos documentos autobiográficos e poéticos.

33. AGRIPPA, Heinrich Cornelius, *De la Supériorité des Femmes (Sobre a Superioridade das Mulheres)* (1509), coleção Théosophie Chrétienne, DERVY - LIVROS, Paris, 1986. (Texto traduzido do latim, apresentado e anotado por Bernard DUBOURG, incluindo filosofia).

34. Em hebraico: «DM = Adão» e «DMH (adamah) = a terra». HWH (Hawwah) = Eva e HYH = viver.

35. A ordem do Génesis divino é, biblicamente e logicamente, a seguinte: mineral, vegetal, animal, homem, mulher.

36. Agripa: op. cit. p.38.

37. Assim, Salomão adorava Astarté e construiu um templo para cada uma das 700 mulheres estrangeiras; assim como Davi elevou Abigail e depois Bate-Sabe às mais altas funções; assim como, ao próprio Abraão, Deus ordena: embora Sara, ouça a voz dela (Génesis 21,12).

38. Sobre a traição assassina de Judite, Cornélio Agripa diz: «Pode-se conceber um projeto mais iníquo, uma traição mais cruel, uma perfídia mais insidiosa? E, no entanto, é a este tipo de conspirações que a sagrada Escritura concede os seus favores, as suas bênçãos, os seus elogios, os seus encorajamentos: em toda a parte, repito, a Bíblia concede, de longe, a melhor reputação aos erros das mulheres, em vez da bondade dos homens. (op. cit. p. 60.)

39. Não nos esqueçamos do que as pesquisas ginarquistas mais recentes (os trabalhos de Valerie Solanas, da S.C.U.M., em 1971) nos permitem afirmar: «O homem é um acidente biológico; o gene (masculino) y é apenas um gene X (feminino) incompleto, uma série incompleta de cromossomas. Em outros termos, o homem é uma mulher mal sucedida, um aborto itinerante, um anão congénito. (...) a virilidade é uma deficiência orgânica, e os homens são os diminuídos...»

40. Aspásia, Dama, Gemina, Cathryn de Alexandria, etc.

41. No seu Pequeno dicionário histórico e prático da dominação

e sadismo das mulheres, a Sra. Marie-France LE FEL, entre a galeria de dominadoras que nos apresenta, encontramos mais de uma dezena de lésbicas!

42. Como prova, este excerto de uma obra assinada por DORLES, com um título perverso e ridículo, em que duas lésbicas, depois de terem amarrado os seus escravos masculinos ao teto, imaginam que eles estão realmente enforcados: «Temos muita dor para nos acalmar, tanto é delicioso o espetáculo destes dois homens nus, suspensos no teto, acima da cama onde estamos deitadas. Imagino Dick e Connie, enforcados pelo pescoço, a linguagem pedante, « e deslizo a mão entre as coxas de Paulette. A minha terna amiga tem, sem dúvida, os mesmos pensamentos que eu, porque a sua mão procura as minhas rendas, desliza sobre a minha barriga. Sinto os dedos dela esfregarem o meu clitóris. Os nossos olhos estão fixos nos dois escravos suspensos e as nossas mãos apressam-se, apressam-se e molham-se. As nossas barrigas têm um sobressalto, as nossas mãos ficam tensas, os nossos lábios entreabrem-se para emitir gemidos doces e os nossos olhos fecham-se. A noite envolve os nossos corpos confortavelmente afundados em lençóis sedosos sob as figuras ridículas e distendidas dos nossos machos silenciosos e submissos.»

43. Para ver este tema de estudo e as conclusões indiscutíveis de John Jacob BACHOFEN, Céline RENOOZ, Sra. de PAINI, Simone de BEAUVOIR, Françoise de EAUBONNE, etc.

44. O homem obrigou os seus padres a usar vestidos e muitas vezes exigiu a sua castidade, para melhor convencer o povo da sua quase feminilidade. Fez acreditar às crianças que as amazonas eram apenas personagens mitológicas. Por fim, escravizou totalmente a Mulher, declarou-se «senhor e mestre» ou «chefe da família», de acordo com os grupos e períodos, instituiu até, por vezes, a poligamia ou, pior ainda, o uso de um véu no rosto das Mulheres, com o objetivo evidente de mascarar aos olhos do mundo a sua inferioridade masculina intrínseca, particularmente visível através da beleza do rosto ou da inteligência do olhar das Mulheres.

45. O movimento «Feiticeiras», EUA.

46. Ver supra: Society for Cutting Up Men, «Associação para a Castração dos Homens», um movimento internacional criado nos EUA pela feminista lésbica Valerie SOLANAS.

47. *«O homem é, por natureza, uma sanguessuga, um parasita afetivo, e nenhuma razão ética justifica a sua vida, porque ninguém tem o direito de viver às custas de outra pessoa. Da mesma forma, a vida dos seres humanos recompensa esses animais pela única razão de serem*

mais evoluídas e dotadas de uma consciência superior. Da mesma forma, a vida das mulheres deve ser superior à dos homens. Consequentemente, livrar-se de alguns homens é um ato bom e legítimo que beneficia as mulheres, ao mesmo tempo que é um ato de piedade. " Valerie SOLANAS, SCUM, 1967.

48. Veja a citação do SCUM: *Lembre-se de que, ao congelar, é possível preservar por muito tempo o esperma necessário para a sobrevivência da humanidade por milhares de anos. Por fim, estas palavras, novamente extraídas do Manifesto SCUM: Os poucos homens que permanecerão no planeta terão todo o tempo livre para prolongar os seus velhos dias insignificantes. Poderão destruir-se com drogas, pavonear-se em trapos ou observar as mulheres poderosas como espectadores passivos, tentando viver por procuração*.

49. É com interesse que se lê o excelente e visionário romance poético-filosófico de Monique WITTIG, *Les Guerillères*: «*Dizem que vivem, que morrem, que já não têm poder*.» Op.cit. p.165.

50. Argumentos de um «Femmocrate» de The Great war of the blues and the pinks, Norman Spinrad: *As características físicas do homem são a agressividade e a conquista. Para ele, agressividade e sexo são a mesma coisa e são o combustível da sua masculinidade. Quando uma Irmã acaricia outra Irmã, não há penetração, nem violação dialética entre o duro e o suave, para dar e receber. Todos os gestos do seu amor tornam-se harmonia, e a única força que aparece é aquela que empurra os corpos, os espíritos e os corações a fundirem-se uns nos outros...*

51. O progresso técnico atual permite agora que as ninfomaníacas mais exigentes tenham na sua bolsa uma caixa de ferramentas eróticas que substitui muito bem até mesmo o homem mais bem treinado. Citando novamente Marie-France LE FEL: *«A ereção, símbolo da vitalidade masculina, é frequentemente alvo das dominadoras, que muitas vezes têm instintos lésbicos e sáficos. A virilidade masculina em ereção aparece, portanto, para essas mulheres, como um desafio ou um insulto à sua supremacia e dominação*.»

52. *M a r i e* -France LE FEL, novamente: *«A maioria das dominadoras reconhece que não tem relações sexuais reais com os seus escravos. Muitas delas, além disso, sendo lésbicas confirmadas, consideram repugnante a ideia de ter relações sexuais com eles e que isso seria uma honra demasiado grande para elas*.»

53. Origens do homem, a proto-história.

54. Da pré-história ao período histórico.

55. A partir do século XVII.

56. Primeiras manifestações durante o século XX.

57. Provavelmente a partir de meados do século XXI.

58. Qual é precisamente o objetivo deste pequeno livro.

59. Cf. Gina Graham SCOTT, *The Feminine Domination*, Paris, Mérodack, 1987. «O princípio fundamental é que a Mulher deve ser objeto não só de interesse erótico, mas igualmente de adoração, porque a sua natureza espiritual é superior à do homem.» p. 14.

60. *Sociedade para Cortar Homens*, ver primeiro capítulo, segunda parte.

61. Notar-se-á o qualificativo conveniente, confissão do objetivo militante do autor desta obra.

62. E alguns romances de inspiração histórica, ou material factual, como *The Amazon, The Black Mistress*, etc.

63. *The Feminine Domination*, Paris, Robert Mérodack, 1987, e The Erotic Power, Paris, Robert Mérodack, 1986.

64. Pensamos, tal como muitos outros, que o fundamentalismo, muçulmano ou católico, é apenas a última batalha desesperada do mundo patriarcal obstrucionista. Os machistas jogam as suas últimas cartas e, como sempre fizeram noutros lugares, recorrem à violência cega e ao terrorismo para combater a marcha do Poder Feminino.

65. Paris, Mérodack, 1987.

66. A natureza deseja a instituição da disciplina, fundamento da civilização produtiva e de toda a atividade humana coordenada. Op. cit. p. 8.

67. *Quando me comprometo a treinar um jovem animal humano, coloco-o firmemente sob controlo. Ele tem de compreender que sou a sua MESTRA, a sua amiga. Não tolero nenhuma familiaridade da parte dele. Ele só fala quando alguém se dirige a ele e responde-me «SENHORA». Na minha presença, ele permanece de pé e não se senta se eu não lhe disser; mesmo nesse caso, ele sem dívida se sentará de pernas cruzadas no chão. Ele se veste ou se despe sob minha ordem. Ele é chicoteado regularmente e vigorosamente. Ele aprende as virtudes da humildade e da obediência*. Op. cit. p.9.

68. *Je dresse mon mari (Eu treino o meu marido)*, Paris, Mérodack, 1989.

69. Todos os três publicados por Robert Mérodack, Paris.

70. Desta última obra, citaremos apenas algumas frases do prefácio: *«Chamo-me Astride e esta obra representa apenas uma pequena parte do meu programa científico e sistemático para a escravização de todos os homens. Pretendo ensinar às mulheres a maneira mais eficiente de usar o seu corpo para assumir o poder e desejo igualmente assustar os homens.*
Todos os homens ficam excitados com a ideia de uma mulher «perversa» ou «pervertida». Mas, ao contrário, existe uma ideia solidamente estabelecida que associa automaticamente o masoquismo e a flagelação, talvez a tortura. Descobri por experiência própria que as fantasias masoquistas mais comuns nos homens consistem em sofrer e ser humilhado pelo corpo da mulher.
"O resultado é que um estalo de chicote, uma injeção ou um dia na jaula são menos eficazes do que uma bofetada, um beliscão ou uma hora de sufocamento sob os quadris de uma mulher. O meu programa visa, portanto, usar a maior fraqueza do homem, ou seja, a atração irresistível que ele sente pela mulher, a sua aparência, a sua voz, o seu corpo e tudo o que ela normalmente é capaz de fazer."

71. Preferimos a palavra Ensino à palavra Educação, que nos parece conotar uma vontade de moldar espíritos opostos aos nossos princípios. Lembrem-se que a Ginarquia é o sistema de governo NATURAL do mundo pela Mulher e que, portanto, convida a CONVERTER e não a convencer.

72. E isso é bem natural, porque são os alunos que se beneficiam principalmente e prioritariamente dos nossos investimentos em «matéria cinzenta» e em material didático. Além disso, a presença de meninos evita a despesa considerável com pessoal de serviço. É natural que a despesa com eles seja menor.

73. Lembre-se de que a palavra GINARQUIA significa o PODER Feminino. Preferimos usar, pelo seu significado educativo, a palavra GINOCRACIA, que designa mais a doutrina da PREEMINÊNCIA Feminina dentro da Instituição, onde o poder é representado apenas pelos Professores e a direção desse poder é exercida, em parte, efetivamente pelos Alunos.

74. (Ver figura n.º 2) M = Mestre, S = Estudante, K = Conhecimento. No entanto, para uma melhor compreensão do nosso objetivo, preferimos as denominações M = Mestra, E = Estudante, A = Adjuvante e S = Conhecimento.

75. Nos cursos masculinos, a ida e volta é estabelecida apenas entre os dois cursos femininos intermediários (meninas adolescentes) ou entre cursos extremos (mulheres jovens). Na verdade, o adjuvante só pode aperfeiçoar-se na TEORIA com o uso de estudantes novamente para descobrir as possibilidades de utilização do masculino (13-17 anos), mas, pelo contrário, na PRÁTICA, a sua aquisição de conhecimento empírico exigida pela Ginarquia é mais fácil por meninas pequenas espontaneamente ginocraticamente (10-13 anos) ou ao lado de jovens femininas no final da Formação e prontas para entrar na universidade ou na vida ativa (17-19 anos).

76. A nota 1 é atribuída, após controlo, pela Professora do Curso masculino específico. A nota 2 é atribuída em Conselho paritário pelas Professoras do Curso Geral, pela Direção do I.M.E.G. e pelos Delegados eleitos pelos Alunos. Quanto às notas 3 e 4, elas são atribuídas exclusivamente pelo Aluno - Titular do adjuvante (este último sendo o único autorizado a isso e a justificar a sua nota por uma Observação no Arquivo do adjuvante). Assim, a notação e as possíveis sanções dos auxiliares masculinos são condicionadas tanto pelos trabalhos escolares como pelas obrigações de serviço individuais.

77. A eficácia de um adjuvante, durante o curso, é medida por estes três pontos de forma muito precisa:

- silêncio permanente e total,

- rapidez na execução de ordens,

- legibilidade e exaustividade das notas manuscritas.

É com base nesses mesmos pontos que o aluno-titular avalia o seu adjuvante a cada trimestre.

78. Os limites de idade para a admissão dos adjuntos ao I.M.E.G. são variáveis, mas não se pode, no entanto, tolerar, ao lado dos nossos jovens Estudantes, a presença de adultos demasiado idosos. Para os primeiros, a única possibilidade de formação continua a ser a participação nas Sessões que as nossas Senhoras e os nossos Estudantes do último ano organizam frequentemente (em geral com o objetivo de encontrar o trabalho suplementar a entregar a estes últimos!).

79. De facto, se algum aluno-titular do I.M.E.G. tiver como prioridade dos seus adjuntos sucessivos (acreditados durante cada um dos ciclos da sua escolaridade) exercer o comando e estudar a psicologia dos

subordinados, pode pontualmente, para trabalhos específicos com objetivo educativo ou no âmbito da convivência da vida comunitária (desenvolvimento de uma revista ou peça de teatro ou, uma refeição para um aniversário, etc.), solicitar que um certo número de outros adjuntos sejam temporariamente colocados sob as suas ordens (desde que obtenha o acordo prévio do Diretor e que os Estudantes - Titulares sejam total ou parcialmente privados do seu assistente).

80. Insira-se nessas «competências técnicas» em todas as ciências femininas, permitindo o acesso ao poder absoluto, social, profissional e familiar, e o pleno exercício da autoridade (artes da sedução e dominação, vários métodos de punição, torturas mentais e físicas, etc.).

81. As primeiras, entretanto, ocupam-se da manutenção do quarto pessoal do seu Aluno - Titular, colocação em ordem dos seus negócios, classificação de roupas e roupa interior suja, limpeza completa da casa de banho, tarefas domésticas...

82. Que estão então em plena atividade atlética: natação, voleibol, basquetebol e ténis...

83. Estabelecer-se-á uma gradação de castigos corporais do tipo palmadas, distinguindo aqueles aplicados com as mãos nuas, com o chicote.

84. Poderá observar-se o isolamento através de uma ligação de vídeo com um ou vários alunos, e a cela de isolamento está equipada com um monitor de vídeo ligado a várias câmaras instaladas no interior e no exterior dos edifícios do I.M.E.G. (sala de estar e sala de jantar dos alunos, parque, campos de ténis, câmaras particulares). Para evitar qualquer violação da psique do sancionado isolado, será possível deixar permanentemente ao primeiro a visão dos atos diários (refeição, relaxamento, atividade atlética, talvez sono) daquele a quem causou prejuízo e que desejou o seu isolamento durante alguns dias, seja o primeiro seu aluno ou não. O punido pode assim viver por procuração, durante o tempo do seu isolamento, a vida diária de um aluno.

85. Para outro I.M.E.G., em geral no estrangeiro.

86. ou submissão.

87. ou sujeito.

88. ou soberano.

89. O latim ergastulus: oficina onde a Senhora encerra os seus escravos durante a noite. Hoje em dia, fala-se de estábulo e, nos EUA, de «masmorra».

90. Para ler sobre este assunto, consulte o Pequeno Dicionário da Sra. Marie-France LE FEL (op. cit.), no artigo sobre escravos.

91. Após a escravização, já não é necessário que o escravo tenha um nome. Apenas a sua designação funcional, ou ainda uma particularidade física, pode doravante ser amplamente suficiente (lacaios, bajuladores, cuspideiras, castrados, etc.).

92. Para esta parte delicada e sensível da formação do homem, consulte o excelente trabalho de Sophie DOMPIERRE, (op. cit.).

93. Ver bibliografia.

94. O terror dos homens resistentes que se opõem ao renascimento da Ginarquia, ameaçando as suas prerrogativas, tornou-se tal que chegam mesmo a tentar assassinar mulheres que apenas procuram ser independentes ou cultas. Esta violência cega, desencadeada especialmente pelos fundamentalistas argelinos, é a prova da total desorganização destes chauvinistas fracos que resistem à ascensão das mulheres.

95. A área da educação foi tratada supra (III, 1) e as áreas do exército e do trabalho, que são abordadas em capítulos distintos infra (IV, 2 e IV, 3).

96. Cf. supra (III, 1) p. 46.

97. Fonte I.N.S.E.E., 92% dos divórcios ocorrem em casais cujo homem prestou serviço militar. 85% ocorrem nos 5 anos seguintes.

98. Entre estas jovens mulheres responsáveis por soldados, por vezes da mesma idade que elas, mas muitas vezes indisciplinados, velarão por que os primeiros cumpram as suas tarefas na perfeição, especialmente aquelas que são humilhantes, de modo a erradicar pouco a pouco todo o falso orgulho masculino.

99. Por motivos de segurança, é aconselhável duplicar sempre os sistemas.

de observação visual, para que, mesmo em caso de falha, as Vigilâncias pudessem localizar todos os elementos masculinos pelos quais seriam responsáveis.

100. Cuidar-se-á de tornar o trabalho mais agradável aos homens, utilizando vozes femininas suaves para enumerar as ordens a distribuir.

101. Ver abaixo - capítulo dedicado à semana feminina de três dias.

102. Não se leva em conta, naturalmente, as possíveis cabeças de gado ovino ou bovino.

103. Não se deve esquecer, com um objetivo puramente higiénico, distribuir alguma ordem erótica (de preferência sáfica, para evitar ciúmes e má assimilação), onde o prazer feminino será bem evidenciado e exaltado.

104. Ver supra (VI, 1, 3)

105. Está provado: os homens há muito submetidos têm mais pensamentos e sensações.

106. No mundo futuro totalmente ginarquizado que desejamos, por que não conceder o estatuto de «dependente da parede» a certos escravos masculinos que poderiam ser cedidos, nas transações reais entre particulares, ao mesmo tempo que a habitação à qual estariam ligados e fixados, como o lavatório, a banheira ou o trono das sanitas? Essa medida teria a vantagem de ter um escravo sempre perfeitamente alinhado com a manutenção necessária a todas as partes da habitação durante a transferência. Certos apartamentos poderiam até mesmo adquirir um certo valor real graças ao homem que ficaria fixo ali. Gostaria de dar as boas-vindas a todas as mulheres ao meu clube e discutir questões contra os homens. O feminismo é importante e nunca deve ser evitado. Força, mulheres!

107. Banco, candeeiro, mesa, cabide, etc., as possibilidades de mobiliário para homens são infinitas...

108. Op. cit. p. 121.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS TEÓRICAS:

- AGRIPPA VON NETTESHEIM, Heinrich Cornelius, *De la Supériorité des femmes,* «opúsculo que trata da nobreza e excelência do sexo feminino e da sua superioridade sobre o masculino», 1569, reedição: Paris, Dervy Livres, 1986.

- AKOUN, André (sob a direção de), *la Politique des Amazones*, artigo em *Mythes et croyances du monde entier*, t. 1 le Monde européen, Paris: Lidis-Brepols, 1985, p.71.

- ALBISTUR, Maïté & ARMOGATHE, Daniel, *Histoire du féminisme français du moyen-âge à nos jours*, Paris: Edition desFemmes, 1977, 508 p.

- ALMEIDA-TOPOR, Hélène d', *les Amazones*, Paris: Rochevigne, 1984, 188 p..

- ARBRANT, Aline d', *Petit guide de l'I.M.E.G.*, Gynarchy Club, Genebra, 1993.

- ASTRIDE, *l'Art de l'étouffement*, Mérodack, Paris, 1988.

- ASTRIDE, *l'Art de l'excrétion*, Mérodack, Paris, 1989.

- ASTRIDE, *Puissance du jupon*, Mérodack, Paris, 1990.

- Athéna, Boletim trimestral, número especial: *as Amazonas*, Toulouse : Athéna Editions, n° duplo 51/52, outubro de 1992, 96p.

- BACHOFEN, Johann Jakob, *Le Droit des Mères*, 1861.

- BERG, Jeanne de, *Cérémonies de Femmes*, Paris, Grasset.

- BEAUVOIR, Simone de, *Le Deuxième sexe*, Gallimard, Paris, 1949 e 1976 (reed. Coll. Folio Essais, n37).

- BERTRAND, Gabrielle, *Terras secretas onde reinam as mulheres*, Livro contemporâneo, 1956.

- CHEVALIER, Alain e GHEERBRANT, Jean, *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont, 1969.

- CUVIER, Georges, *Le Règne animal distribué selon son organisation*, 1816-1817.

- DIODORE DE SICILE, *Histoire universelle*, Paris, Ed. de Bure, 1737-1891.

- DOMPIERRE, Sophie, *Eu treino o meu marido*, Robert Mérodack, Paris, 1989.

- EAUBONNE, Françoise d', *O Feminismo ou a Morte*, Paris: Pierre Horay, 1974, 276 p.

- EAUBONNE, Françoise d', *Les Femmes avant le patriarcat*, Paris: Payot, 1976, 244 p.

- ELL, Lana, Introdução a *Captura e escravidão do macho*, 1982.

- ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS, nova edição 1992.

- GHIRSHMAN, Roman, Les *Cimmériens et leurs Amazones*, edição de Thérèse de Sonneville-David e Tania Ghirshman, Paris: Edition Recherche sur les Civilisations, 1983, 140 p.

- GRAHAM-SCOTT, Gini, *La Domination féminine*, Paris, Robert Mérodack, 1987.

- - , *O Poder Erótico*, Paris, Robert Mérodack, 1986.

- GRIMAL, Pierre, *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, P.U.F., 1951.

- GUYON, Abbé Claude Marie, *Histoire des Amazones anciennes et modernes*, Bruxelas: chez Jean Léonard, 1741, 210 p. ou Paris: chez Jean Villette, 1740.

- HERNANDEZ, Florence, *l'Etat de garce, Pourquoi et comment vivre comme une garce*, Paris: Albin Michel, 1995, 208 p.

- HUTIN, Serge, *Hommes et civilisations fantastiques*, Paris, J'ai Lu, 1971.

- LEDERER, Dr. Wolfgang, *Gynophobia ou la Peur des femmes*, Trad. Monique Manin, Paris: Payot, 1970, 346 p.

- LE FEL, Marie-France, *Pequeno dicionário histórico e prático da dominação e do sadismo das mulheres*, Robert Laffont, Paris, 1981.

- LO DUCA, J.M., *Le Huitième sceau*, Paris, J.J. Pauvert.

- MARCIREAU, Jacques, *Histoire des rites sexuels*, Paris, Robert Laffont, 1971.

- PIGHETTI, Olivier, *Chez les animaux, la vie des mâles est un enfer !* em *Ça m'intéresse*, Paris, 1992.

- PLESSIER, Michel, *Eloge de la Servitude*, Paris, Spengler, 1994.

- SAMUEL, Pierre, *Amazones guerrières et gaillardes*, Grenoble, Complexe (Presses Universitaires de Grenoble), 1975.

- SANCHEZ, Jean-Pierre, *le Mythe des Amazones du Nouveau Monde*, Pamplona: Universidad de Navarra, Editions Reichenberger (coll. Acta Columbina), 1991, 66 p.

- SOLANAS, Valérie, *S.C.U.M., «le premier manifeste de la libération des femmes»*, apresentação de Christiane Rochefort, Paris, Olympia, 1971.

- VIDAL-NAQUET, Pierre, *Esclavage et Gynécocratie em Le Chasseur noir, formes de pensées et formes de société dans le monde grec*, Paris: La Découverte, coll. textes à l'appui, 1991, 492 p.

- VILAR, Esther, *l'Homme subjugué*, Paris: Stock, 1972.

- WEBB, Wanda, Du *Bon usage des masochistes*, Mérodack, Paris, 1987.

TÍTULOS INTERESSANTES DOS QUAIS ATÉ OS HOMENS PODEM BENEFICIAR:

a) detetives/aventuras

- BEHM, Marc, *la Reine de la nuit*, Paris: Rivages, 1992, 266 p.

- BRICE, Michel, *La Secte des Amazones*, Paris, Plon, 1979.

- BRICE, Michel, *Les Maîtresses-Femmes de Saint-Tropez*, Paris, Plon.

- CHASE, James-Hadley, *Eva*, Paris, Gallimard.

- CONNERS, Bernard F., *la Dernière danse*, Paris, Livre de poche.

- DARD, Frédéric, *Le Maître de plaisir*, Paris, Fleuve noir.

- LANE, Ernie, *l'Ange du Diable*, Paris: Bellevue (coll. Le Roman de choc n°8), 1973, 192 p.

- LAY, André, *Vallespi chez les Amazones*, Paris: Fleuve Noir, coleção Spécial-Police n° 1168, 1975, 240 p.

- MAC BAIN, Ed, *Kiss*, Paris, Presses de la Cité, 1994.

- MAC BAIN, Ed, *Poissons d'avril*, Paris, Presses de la Cité, 1995.

- MANCHETTE, Jean-Patrick, *Fatale*, Paris: Gallimard, 1977, 192 p.

- ROHMER, Sax, *Nude in mink*, trad. Alex Stoya : *Nue sous un manteau de vison*, Paris : Del Duca/Les Editions Mondiales, coll. le Basilic rouge n° 10, 1951, 224 p.

- SCOPPETTONE, Sandra, *Tudo o que tens é meu*, trad. de Christophe Claro, Tout ce qui est à toi..., Paris: Fleuve Noir, 1995, 416 p.

b) ficção científica.

- BLOCH, Robert, *Matriarcas*, Verviers, Marabout, 1975.

- BRADLEY, Marion Zimmer, *Amazonas Livres de Darkover*, Gordon Mc Gill, 1995, trad. de Simone Hilling: *as Amazonas Livres*, Paris: Phébus, 1990, reed. Presses Pocket n°5564, 1995, 320 p.

- BRADLEY, Marion Zimmer, *La Maison des Amazones*, traduzido por Simone Hilling, Paris: Presses Pocket n°5510, 1993, 448 p.

- CHANBERT, Daniel-Yves, *Les Sirènes de Lusinia*, Paris, Albin-Michel, 1974.

- GUNN, James, *le Misogyne*, em *Grande Anthologie de la science-fiction, histoires à rebours*, Paris: Le Livre de poche, 1976, pp. 55-68.

- MAZARIN, Jean, *Liberte o homem!*, Paris, Fleuve noir, 1979.

- MERLE, Robert, *Les Hommes protégés*, Paris, Gallimard, 1974.

- SPINRAD, Norman, *La Grande guerre des Bleus et des Roses*, Paris, Robert Laffont, 1980.

- VEILLOT, Claude, Misandra, Paris, J'ai Lu, 1974.

- WEST, John Anthony, *le Gregory de Gladys*, em *Grande Anthologie de la science-fiction, histoires à rebours*, Paris: Le Livre de poche, 1976, pp. 21-31.

c) clássico e histórico, teatro.

- BERG, Jeanne de, *Cérémonies de femmes*, Paris: Grasset.

- CHOLODENKO, Marc, *Histoire de Vivant Lannon*, Paris, Folio.

- KLEIST, Heinrich Von, *Penthésilée*, 1811.

- MORESKI, Marika, *L'Amazone*, Paris, Concorde, 1979.

- RAYNAL, Henri, *Aux pieds d'Omphale*, Paris, J.J. Pauvert.

- SACHER-MASOCH, Léopold, *La Vénus aux fourrures*, prefácio de Gilles DELEUZE, Paris, 10/18.

- SACHER-MASOCH, Léopold, *Fouets et fourrures*, Paris, Le Castor astral, 1995.

- SINGER, Christiane, *La Guerre des filles*, Paris, Albin-Michel, 1981.

- SOURDINE, Thomas, *la Démolition*, Halévy, Paris 1970.

- WHIPPLE, Gay, *Sadie Maize*, Trad. de José Pitrangeli: *Sadie... que ça dit...*, intr. de Niels Lindströmm, Kalmthout-Anvers: Walter Beckers, 1970, 300 p.

- WITTIG, Monique, *Les Guérillères*, Paris, Les Editions de Minuit, 1969.

d) banda desenhada.

- Anónimo, *les Dévoreuses d'hommes*, em *Jungla*, mensual n.º 32, Paris: Elvipress, março de 1973.

- Anónimo, *Les Bêtes*, em *Psycho*, n.º 1, Paris: Les Editions de Poche, 1972, pp. 39-42.

- Anónimo, *l'Ile des orgies*, em *Jungla*, mensual n.º 6, Paris: Elvipress, 1970.

- BELLAMY, Garth, *la chasse à l'homme,* em *Charlie* mensuel, n.º 122, Paris : Charlie, 1979, pp. 82-98.

- BULANADI, Danny, & ROSTLER, William, *Tarzan, au pays des Amazones*, d'après Edgar Rice Burroughs, em *Tarzan*, n.º 54, Paris: Sagédition, 1978, pp. 35-49.

- CORIA-VERNES, *Un parfum d'Ylang-Ylang* (Bob Morane), Bruxelas, Le Lombard, 1995.

- CUVELIER-VAN HAMME, *Epoxy*, Paris, Horus, 1977.

- DIONNET, J.P. e POIVET,R., TIRIEL, *Herdeiro de um mundo*, Paris, Nathan, 1975.

- ENEG, *Kageena*, em *Les Hordes de Phobos*, n.º 1, Paris: Futuropolis, 1974, pp. 27-31.

- GARCIA, Luis, & MC GREGOR, Donald F., *les Prêtresses de Diane*, em Vampirella, n.º 6, Nova Iorque: Warren Publishing Co, & Paris: Publicness, 1971, pp. 23-34.

- GRAHAM, Billy, & FOX, Gardner, *Amazonia, l'œil d'Oisirios*, em *Vampirella*, n.º 8, Nova Iorque: Warren Publishing Co, & Paris: Publicness, 1971, pp. 56-63.

- HOPPER, J.H., *Madame*, Vitry, Comix Trading France, 1990.

- HUGDEBERT, *Irina*, Vitry, Loempia, 1995.

- JERONATON, *Amazones*, em *Métal Hurlant* n.º 92 a 97, Paris, Les Humanoïdes Associés, 1983.

- PELLAERT, G. e BARTIER, P., Les Aventures de Jodelle, Paris,

Eric Losfeld, 1966.

- ROBBINS, Trina, *Montezuma's revenge*, em *Girl fight comics*, n.º 2, Berkeley : Print Mint, 1974, pp. 1-10.

- ROSINSKI & VAN HAMME, *Le Grand Pouvoir du Chninkel*, Tournai : Casterman, 1988, 168 p.

- SERAFÍN, *Carmen*, *Underground II*, Madrid : Gisa Ediciones S.A., 1975, 104 p.

- STURGEON, Fulbert, As *Amazonas no campo de honra*, em *Amazon comics*, São Francisco: Rip of Press, 1972.

- WARD, Bill e KEISTER, Bart, *la Saga des soeurs Chevrotine*, Paris, Pink Star, 1989.

e) Filmografia.

- ADAMSON, Al, *The Female bunch*, EUA, 1971 (com Russ Tamblyn, Jenifer Bishop).

- ALMODOVAR, Pedro, *Matador*, Espanha, 1985, (com Asumpta Serna).

- BAKER, Roy Ward, *Moon zero two*, Grã-Bretanha, 1970 (com James Olson, Catherine Schell).

- BERNDS, Edward, *Queen of outer space*, EUA, 1958 (com Zsa Zsa Gabor, Eric Fleming).

- BLIER, Bertrand, *Calmos*, França, 1976 (com J. Rochefort, J.P. Marielle, B. Blier).

- CARRERAS, Michaël, *Prehistoric women*, EUA, 1966 (com Martine Beswick).

- CHU, Yin Ping, *Les Sept Magnifiques*, Japão, 1984 (com Venus Lin).

- CIMBER, Matt, Hundra, EUA, 1990 (com Laurene Landon).

- DAHL, John, *Última sedução*, EUA, 1993 (com Linda Fiorentino, Peter

Greg).

- DALLAMANO, Massimo, *Venus im pelz*), 1969 (com Laura Antonelli).

- DANTE, Joe, (e Carl GOTTLIEB, John LANDIS) *Amazon women on the moon*, EUA, 1987 (com Ralph Bellamy, Rosanna Arquette, Michelle Pjeiffer).

- DAY, Robert, *Ela*, EUA, 1964 (com Ursula Andress e Peter Cushing).

- DEIN, Edward, *Leech Woman*, EUA, 1960 (com Coleen Gray).

- DEMME, Jonathan, *Cinq Femmes à abattre*, EUA, 1974 (com Juanita Brown, Barbara Steele, uma «Renegade Women Co-productions»).

- EDMONDS, Don, *Harem*, EUA, 1975, (com Dyanne Thorne).

- FELLINI, Federico, *La Cité des femmes*, Itália, 1979 (com Anna Prucnal e Marcello Mastroianni).

- FRANCISCI, Pietro, *Hércules e a Rainha da Lídia*, 1958 (com Christopher Reeves, Sylvia Koscina).

- FRANCO, Jesus, *La Ciudad sin hombres*, Espanha, 1970 (com Shirley Eaton).

- GANTILLON, Bruno, *Servante et maîtresse*, 1976 (com Andréa Ferreol, Victor Lanoux).

- GARTNER, James, *Golden Temple Amazons*, EUA, 1986 (com Joan Virly).

- GRANIER-DEFERRE, Pierre, *Cours privé*, França, 1986 (com Elisabeth Bourgine, Michel Aumont).

- GLASER, Paul-Michaël, *Amazons*, EUA, 1984 (com Tamara Dobson, Madeleine Stowe).

- GUEST, Christopher, *Attack of the 50 feet woman*, EUA, 1995, (com Daryl Hannah).

- HELGENBERGER, Marc, *Mutante*, EUA 1995, (com Natacha

Henstridge).

- HILTON, Arthur, *Les Femmes-chats de la Lune*, EUA, 1953.

- JURAN, Nathan, *Attack of the 50 feet woman*, EUA, 1958.

- JUSTMAN, Robert, *Planet Earth*, (com J. Saxon, D. Muldaur).

- KAPLAN, Jonathan, *Bad girls*, EUA, 1994, (com Madeleine Stowe, Andy McDowell...)

- LAFLEUR, Jean, *She-wolf of the SS*, EUA, 1974 (com Dyanne Thorne).

- LAMONT, Charles, *Abbott e Costello vão a Marte*, EUA, 1953.

- LAWTON-, J.F., *Mulheres Canibais na Selva do Abacate*, EUA, 1988 (com Shannon Tweed, Adrienne Barbeau)

- LEONVIOLA, Antonio, *Les Gladiatrices*, 1962.

- LOSEY, Joseph, *Eva*, EUA, 1962 (com Jeanne Moreau).

- LOSEY, Joseph, *Modesty Blaise*, EUA, 1965 (com Monica Vitti, Rossella Falk).

- MEDAK, Peter, *Romeo is bleeding*, EUA, 1958 (com Lena Olin, Gary Oldman, Juliette Lewis).

- NEGRONI, Baltassare, *l'Amazzone mascherata*, Itália, 1914, (com Francesca Bertini).

- NESHER, Avi, *She*, EUA, 1985 (com Sandahl Bergman).

- NEUMANN, Kurt, *Tarzan and the Amazons*, 1945 (com Brenda Joyce, Johnny Weissmuller).

- PETRI, Elio, *la Decima Vittima*, 1966 (com Ursula Andress, Marcello Mastroiani).

- REITMAN, Ivan, *Cannibal Girls*, 1973 (com Andrea Martin).

- ROTH, Cy, *Fire maidens from outer space*, G.B. 1956.

- SALA, Vittorio, La *Reine des Amazones*, 1960 (com Gianna Maria Canale).

- SCHROEDER, Barbet, *Maîtresse*, 1976 (com Bulle Ogier, Gérard Depardieu).

- SCOTT, Ridley, *Thelma et Louise*, EUA, 1990 (com Susan Sarandon e Geena Davis).

- SIODMACK, Kurt, *Love slaves of Amazons*, 1958 (com Don Taylor).

- SJÖBERG, Alf, *Mademoiselle Julie*, Suécia, 1951 (com Anita Björk).

- THOMAS, Ralph, *Deadlier than the male*, G.B., 1967, (com Syla Koscina, Suzanna Leigh, Richard Johnson).

- VERHOEVEN, Paul, *Instinto Básico*, EUA, 1992 (com Sharon Stone, Michael Douglas).

- WORTH, David, *Angel of Fury,* EUA, 1994, (com Cynthia Rothrock).

- WEISS, Don, *Amazones*, EUA, (com Elaine Stewart, John Derek).

- WOLCOTT, James L., *Mulheres Selvagens de Wongo*, (com Jean Hawkshaw).

- WORTMANN, Sönke, *Allein unter frauen*, Alemanha, 1994 (com Jennifer Nitsch, Thomas Heinze).

Outras obras de Aline d'Arbrant:

- *The Gynarchy,* ensaio, e *When Women Took Power,* romance (capa dura),
- *Lésbicas escravizando homens (*capa dura) contém os três romances: *Anne e os seus escravos, Escravos de Lesbos* e *Lésbicas sádicas,*
- *Diário de uma Cadela,* romance,
- *Cativa das Senhoras da SS,* romance,
- *Lésbicas e Psicopatas,* romance,
- *Anne e os seus escravos,* romance,
- *Vingança Sáfica,* romance,
- *Descontaminar a Zona,* romance,
- *Lésbicas sádicas* (em breve)

Banda desenhada (arte 3D):

- *A lésbica e o seu fantasma,*
- *A vingança da esposa traída,*
- *A masoquista abusada,*
- *Escrava das Amazonas,*
- *Imagens ginárquicas,*
- *O Pub.*

gynarchy.org

Este livro,
redigido em Times New Roman 12 com
WordPerfect X5,
foi publicado pela Gynarchy
International Editions
gynarchy.org
em 3 de abril de 2015.